

MARCOS LUIZ WIEDEMER

**A REGÊNCIA VARIÁVEL DO VERBO *IR* DE MOVIMENTO NA FALA DE SANTA
CATARINA**

FLORIANÓPOLIS

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

MARCOS LUIZ WIEDEMER

A REGÊNCIA VARIÁVEL DO VERBO *IR* DE MOVIMENTO NA FALA DE SANTA CATARINA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edair M. Görski.

Área de concentração: Sociolingüística.

Linha de pesquisa: Variação/Mudança e Ensino.

FLORIANÓPOLIS

2008

MARCOS LUIZ WIEDEMER


**A REGÊNCIA VARIÁVEL DO VERBO *IR* DE MOVIMENTO NA FALA
DE SANTA CATARINA**

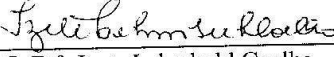
Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de **Mestre em Lingüística** no **Programa de Pós-Graduação em Lingüística** da Universidade Federal de Santa Catarina.


Florianópolis, 05 de dezembro de 2008.

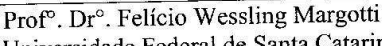
Prof.^a. Dr.^a. Rosângela Hammes Rodrigues
Coordenadora do Programa

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientadora


Prof.^a. Dr.^a. Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof.^a. Dr.^a. Odete P. da Silva Menon
Universidade Federal do Paraná


Prof.^o. Dr.^o. Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina

DEDICATÓRIA

*À Francielle Borgesão
Esposa, companheira, amiga.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado força para chegar até aqui.

À Prof.^a Dr.^a Edair Görski, minha orientadora, especialmente por sua acolhida, dedicação e competência na orientação do trabalho.

Aos membros da banca, Prof.^a Dr.^a Izete Lehmkuhl Coelho e Prof.^a Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon, pelas valiosas contribuições no projeto de pesquisa que antecedeu esta dissertação.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, na pessoa dos colegas, professores e funcionários.

Aos mestres, com carinho, pelo enriquecimento proporcionado através do conhecimento fornecido durante o mestrado.

Aos meus amigos, que foram tantos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

À minha família.

Muito obrigado.

Maracangalha

Eu vou pra Maracangalha, eu vou

Eu vou de 'liforme branco, eu vou

Eu vou de chapéu de palha, eu vou

Eu vou convidar Anália, eu vou

Dorival Caymmi

RESUMO

O propósito desta dissertação é investigar a variação no uso das preposições (*a/para/em*) no complemento locativo do verbo *ir* de movimento na fala de Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Chapecó). Duas abordagens teóricas dão suporte à proposta: a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo de vertente norte-americana. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada uma amostra extraída de 72 informantes do banco de dados VARSUL. Procura-se, neste estudo, investigar os contextos de uso das preposições identificando os fatores lingüísticos e extralingüísticos condicionantes que atuam na variação; e comparar os resultados desta pesquisa com os de outros estudos realizados com diferentes amostras do PB. Diferentemente de outros trabalhos, não tratamos conjuntamente as preposições *a/para* versus *em*, pois encontramos condicionadores diferenciados para cada uma das preposições. O quadro de resultados aponta indícios de confluência de três situações em relação ao fenômeno estudado: (i) mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* em Blumenau (19%), Florianópolis (17%) e Chapecó (10%); (ii) variação relativamente estável entre as preposições *para* (45%) e *em* (40%); (iii) generalização por especificação, com indicadores de contextos específicos para as três preposições. As variáveis lingüísticas que se mostraram mais significativas nas cidades analisadas foram ‘demarcação do espaço’, com o fator [+ fechado] condicionando o uso de *em* e o fator [-fechado] favorecendo *para*; e ‘destino’, com o fator [-direção] fortemente correlacionado com a preposição *para* e o fator [+direção] correlacionado com *a*. Quanto aos fatores sociais: em Blumenau, os mais velhos privilegiam *a* e os mais jovens *para*; os mais escolarizados favorecem *a* em Florianópolis e, em Chapecó, os menos escolarizados tendem ao uso de *em* nessa última cidade.

Palavras-Chave: VARSUL; variação; preposições *a/para/em*; verbo *ir* de movimento.

ABSTRACT

The present dissertation aims at investigating the variation on the use of prepositions (*a/para/em*) in the locative complement of the verb *ir* concerning movement in the speech of Santa Catarina's speakers (Florianópolis, Blumenau, Chapecó). Two theoretical approaches support the research: the Variationist Sociolinguistics and the North-American Functionalism. In order to develop the research, it was used a sample obtained from 72 speakers from VARSUL data base. In this study we search for: investigating the context of use of prepositions identifying the conditioning linguistic and extra linguistic issues that act in variation; and comparing the results of this research with the ones from other studies performed with different samples of Brazilian Portuguese. In spite of other works, we do not work together with the prepositions *a/para* opposing to *em*, as soon as we found different conditioning points for each preposition. The results point to traces of the confluence of three situations in relation to the studied phenomenon: (i) in-process changes with the gradual retreat of the preposition *a* in Blumenau (19%), Florianópolis (17%) and Chapecó (10%); (ii) relatively stable variation between the prepositions *para* (45%) and *em* (40%); (iii) generalization through specification, with indicators of specific contexts for the three prepositions. The linguistic variables that showed to be more remarkable in the analyzed cities were 'space demarcation', with the factor [+ closed] conditioning the use of *em* and the factor [-closed] favoring the use of *para*; and 'destiny', presenting the factor [-direction] strongly correlated with the preposition *para* and the factor [+direction] related to *a*. In regard to the social factors: in Blumenau, the eldest preferred *a* and the youngest *para*; the ones with a higher education level prefer *a* in Florianópolis and in Chapecó, and the ones with a lower education level tend to use *em* in the latter city.

Key-words: VARSUL; variation; prepositions *a/para/em*; verb *ir* of movement.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	10
APRESENTAÇÃO	12
1 O FENÔMENO EM ESTUDO	14
1.1 O tema da pesquisa.....	14
1.2 Objetivos.....	18
1.3 Questões e hipóteses.....	18
2 QUADRO TEÓRICO	22
2.1 A Sociolinguística Variacionista	22
2.2 O Funcionalismo Linguístico	25
2.2.1 A gramaticalização	27
2.2.2 Princípios da gramaticalização	31
2.3 O Sociofuncionalismo	33
3 REVISÃO DA LITERATURA	36
3.1 Perspectiva histórica.....	36
3.1.1 A preposição <i>ad</i> > <i>a</i>	39
3.1.2 A preposição <i>in</i> > <i>em</i>	40
3.1.3 A preposição <i>per ad</i> > <i>para</i>	43
3.1.4 Motivações fonológicas para a mudança no uso das preposições	44
3.2 A visão tradicional.....	45
3.3 Visão descritivista	51
3.4 Trabalhos de orientação (socio)linguística	54
3.4.1 MOLLICA (1996)	54
3.4.2 RIBEIRO (1996; 2008)	59
3.4.3 REIS (2001).....	60
3.4.4 GUEDES & BERLINCK (2003).....	61
3.4.5 VALLO (2005).....	63
3.4.6 Outros autores.....	64
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	68
4.1 Descrição da amostra.....	68
4.2 Coleta de dados.....	69
4.3 Codificação	70
4.3.1 Variável dependente	70
4.3.2 Variáveis independentes	71
4.4 Análise dos dados	80
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	82

5.1 Variáveis controladas e selecionadas	82
5.2 Um panorama inicial do uso das preposições <i>a</i> , <i>para</i> e <i>em</i> em Santa Catarina	84
5.3 Grupo de fatores lingüísticos	86
5.3.1 Grupo de fatores associados ao espaço	87
5.3.1.1 Configuração do espaço.....	87
5.3.1.2 Demarcação do espaço	90
5.3.1.3 Destino.....	92
5.3.1.4 Definitude	94
5.3.2 Grupo de fatores associados ao sujeito.....	95
5.3.3 Grupo de fatores associados ao verbo	98
5.3.4 Grupo de fatores discursivos	101
5.3.4.1 Narratividade	101
5.3.4.2 Finalidade	102
5.4 Grupo de fatores extralingüísticos.....	104
5.4.1 Idade	104
5.4.2 Escolaridade	106
5.4.3 Localidade	106
5.5 Variação diatópica	108
5.5.1 Preposição <i>a</i>	108
5.5.2 Preposição <i>para</i>	110
5.5.3 Preposição <i>em</i>	112
5.6 Resultados por informante.....	114
5.7 Discussões gerais.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS	129
ANEXO.....	136
ANEXO I – Rodada Ternária	136
ANEXO II – Resultado da correlação das variáveis ‘idade’ e ‘escolaridade’.....	139

LISTA DE FIGURAS

GRÁFICOS

Gráfico 01	
Distribuição das preposições A/PARA/EM por cidade.....	85
Gráfico 02	
Utilização das preposições <i>a/para</i> relacionadas à variável idade.....	105
Gráfico 03	
Ocorrências das preposições <i>a/para/em</i> por indivíduo em Florianópolis	115
Gráfico 04	
Ocorrências das preposições <i>a/para/em</i> por indivíduo em Blumenau	116
Gráfico 05	
Ocorrências das preposições <i>a/para/em</i> por indivíduo em Chapecó.....	116

TABELAS

Tabela 01	
Configuração do espaço A/PARA (padrão) x EM (não-padrão).....	56
Tabela 02	
Grau de definitude de N locativo A/PARA (padrão) x EM (não-padrão).....	57
Tabela 03	
Traço de [+permanência]/[-permanência] A x PARA.....	58
Tabela 04	
Distribuição das preposições A/PARA/EM por cidade.....	85
Tabela 05	
Influência da variável <i>configuração do espaço</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	88
Tabela 06	
Influência da variável <i>demarcação do espaço</i> sobre o uso de A, PARA e EM	91
Tabela 07	
Influência da variável <i>destino</i> sobre o uso de A, PARA e EM	93
Tabela 08	
Influência da variável <i>definitude</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	95
Tabela 09	
Influência da variável <i>pessoa do discurso</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	96
Tabela 10	
Influência da variável <i>pessoa do discurso</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	96
Tabela 11	
Correlação entre variáveis associadas ao sujeito e o sobre o uso de A, PARA e EM.....	97
Tabela 12	
Influência da variável <i>tempo-modo verbal</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	98
Tabela 13	
Influência da variável <i>tempo-modo verbal</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	99
Tabela 14	
Correlação das variáveis associadas a aspecto verbal e o sobre o uso de A, PARA e EM	100
Tabela 15	
Influência da variável <i>freqüência</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	100
Tabela 16	
Influência da variável <i>narratividade</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	101
Tabela 17	

Influência da variável <i>finalidade</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	102
Tabela 18	
Influência da variável <i>finalidade</i> sobre o uso de A, PARA e EM.....	103
Tabela 19	
Influência da variável <i>idade</i> sobre o uso de A, PARA e EM	105
Tabela 20	
Influência da variável <i>escolaridade</i> sobre o uso de A, PARA e EM	106
Tabela 21	
Influência da variável <i>localidade</i> sobre o uso de A, PARA e EM	107
Tabela 22	
Atuação das variáveis significativas por cidade sobre o uso da preposição A versus EM/PARA	109
Tabela 23	
Atuação das variáveis significativas por cidade sobre o uso da preposição PARA versus A/EM	110
Tabela 24	
Atuação das variáveis significativas por cidade sobre o uso da preposição EM versus A/PARA	113

QUADROS

Quadro 01	
Distribuição dos informantes da amostra de Florianópolis, Blumenau e Chapecó (VARISUL)	68
Quadro 02	
Variáveis independentes lingüísticas e extralingüísticas <i>controladas</i>	82
Quadro 03	
Variáveis independentes lingüísticas e extralingüísticas <i>selecionadas</i>	83
Quadro 04	
Variáveis independentes lingüísticas e extralingüísticas <i>selecionadas</i> sem a variável <i>pessoa do discurso</i>	84
Quadro 05	
Contextos sociolingüísticos preferenciais de uso das preposições <i>a/para/em</i> em Santa Catarina	119
Quadro 06	
Contextos sociolingüísticos preferenciais de uso das preposições <i>a/para/em</i> por cidade.....	120

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação “A regência variável do verbo *ir* de movimento na fala de Santa Catarina” está inserida na linha de pesquisa “Variação, Mudança e Ensino”, da área de concentração Sociolingüística, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Edair Görski, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

A proposta desta dissertação é apresentar um estudo sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento na língua falada catarinense (*ir a/para/em*), em dados do Projeto VARSUL (Florianópolis, Blumenau, Chapecó¹), procurando mostrar quais fatores lingüísticos e extralingüísticos atuam na variação e/ou mudança lingüística que envolve esse fenômeno. O quadro teórico adotado nesta pesquisa está baseado nos postulados da Sociolingüística, por meio das propostas de Weireinch, Labov e Herzog (1968) e de Labov (1972, 1978, 1994), e do Funcionalismo de vertente norte-americana (GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1995). A conjugação dessas perspectivas teóricas deve-se ao fato de que ambas priorizam tanto a língua em uso, cuja natureza dinâmica e heterogênea abriga a variação e a mudança, como a frequência das ocorrências.

Esta dissertação compõe-se de seis capítulos. O primeiro deles é dedicado ao fenômeno em estudo, no qual apresentamos o tema desta pesquisa, bem como os objetivos e as hipóteses que orientam o trabalho. Na seqüência, são, brevemente, apresentados os pressupostos que norteiam a pesquisa, procurando focalizar os principais pontos das teorias que integram o quadro de interesse deste estudo.

O terceiro capítulo é destinado à revisão da literatura, onde procuramos abordar as preposições *a/para/em* pelo viés da retrospectiva histórica. São expostas considerações de gramáticos de orientação tradicional e de cunho descritivista, e também são apresentados alguns estudos de base (sócio)lingüística em relação ao objeto analisado.

O quarto capítulo é reservado aos procedimentos metodológicos empregados para a realização da pesquisa, como a descrição da amostra utilizada e o detalhamento das etapas e

¹ Não consideramos na análise a cidade de Lages, a quarta a integrar o banco de dados do VARSUL em Santa Catarina, por restrições de tempo para o desenvolvimento da dissertação.

procedimentos de análise do fenômeno investigado. Também são apresentadas as variáveis controladas.

No quinto capítulo, são apresentados e discutidos os resultados acerca da distribuição das preposições *a/para/em* na amostra analisada, e da atuação das variáveis lingüísticas e extralingüísticas na seleção de cada uma das preposições no contexto do verbo *ir* de movimento seguido de complemento locativo.

Por fim, têm-se as considerações finais do trabalho seguidas das referências bibliográficas utilizadas na presente pesquisa, e dos anexos.

1 O FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo, começamos por apresentar o tema desta pesquisa, a variação no uso das preposições (*a/para/em*) no complemento locativo do verbo *ir* de movimento. A seguir, expomos os objetivos, as questões e as hipóteses da dissertação.

1.1 O tema da pesquisa

Este trabalho parte da observação do processo em curso de recuo da preposição *a* no português do Brasil (doravante PB), perceptível na oralidade e, em grau menor, na escrita, que vem sendo substituída por outras preposições em determinados contextos. Diversos trabalhos têm apontado a substituição da preposição *a* no PB, e desses, podemos destacar: com verbos dativos, a preposição *a* cede espaço para a preposição *para* ou é omitida (SCHER, 1996; GOMES, 1998); com verbos causativos e perceptivos transitivos, a preposição *a* é omitida (DUARTE & GONÇALVES, 2001); e com verbos de movimento a preposição *a* perde terreno em favor das preposições *para* e *em* (PONTES, 1992; MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996; BAGNO, 2001a, 2001b; GUEDES & BERLINCK, 2003; VALLO, 2005)². Ainda sobre os verbos de movimento, Oliveira (2002) conclui que os verbos que apresentam variação na regência são: *vir*, *sair*, *ir*, *correr* com as variantes *a*, *em* e *para*, e *chegar*, com as variantes *a* e *em*³.

Além disso, estudos como os de Berlinck (2007); Gomes (2003); Guedes e Berlinck (2003); Torres-Morais & Berlinck (2006) mostraram a variação no complemento verbal do PB. Esses estudos observaram o emprego das preposições (*a*, *até*, *em*, *para*) em documentos quinhentistas e em textos do século XIX e XX (peças de teatro, amostras de língua falada), ou seja, a análise das preposições mostrou que a variação entre preposições não é um fenômeno recente; já existia na variedade do português trazido pelos primeiros colonizadores e esse processo de variação vem se intensificando, com o acentuado uso das preposições *para* e *em*.

² Ribeiro & Oliveira (s/d) em seu texto colocam: “três são os tipos de construções em que a preposição *a* entra em variação com outras preposições no PB no século XIX: 1) com verbos de movimento; 2) nas construções de dativo de posse e 3) nas construções causativas e perceptivas”.

³ Gomes (1996) encontrou no dialeto carioca a alternância de *a/para/Ø* em complementos de verbos bitransitivos. Os resultados indicam uma tendência à substituição da preposição *a* pela preposição *para*.

Sobre o assunto, Castilho (s/d a) menciona:

Alguns autores admitem que as seguintes preposições estão em processo de substituição no PB: *a* por *em/para*, *em* por *ni*, *de* por *desde*, *ante* por *diante de* e *após* por *depois de*. Como se vê, a troca lexical em alguns desses casos se dá por regramaticalização, fato já documentado no latim vulgar e no português arcaico (de que são exemplos sempre lembrados *de* > *des* > *desde*, *migo* > *comigo*, entre outros), ou por substituição por locuções prepositivas, como em *ante* / *diante de*. O item que sai e o item que o substitui entram inicialmente em variação, assumindo uma das variantes um valor mais geral, e a outra um valor mais específico, até a consumação da troca lexical.

Farias (2006, p. 223) alerta que a variação entre *a*, *para* e *em* não é um fenômeno isolado do PB ou do português europeu. Segundo o autor, línguas como o inglês, o francês e o italiano também apresentam variação das preposições correspondentes a *a/para/em*. Moliner (1988/I: 1.025 *apud* BAGNO, 2001, p. 260) informa que no espanhol, na linguagem popular, se suprime *a* na expressão de [movimento na direção de]⁴. Ferreira & Couto (2008) também encontraram variação das preposições na fala espontânea de Madri e Buenos Aires⁵.

Neste trabalho analisamos a variação das preposições usadas no complemento locativo do verbo *ir* de movimento na fala de Santa Catarina, considerando a hipótese de que a preposição *a* esteja em variação com as preposições *para* e *em*.

Conforme destacado acima, encontram-se alguns estudos sobre a variação da preposição introduzindo o complemento locativo do verbo *ir* de movimento, dentre os quais podemos citar o de Mollica (1996), que estudou a variação no emprego da regência no *Corpus Censo* do Rio de Janeiro, mostrando que a variação depende de características morfossintáticas e semânticas do complemento locativo do verbo *ir*; o de Ribeiro (1996), que analisou *Corpus* do Projeto NURC coletado no Rio de Janeiro; e o de Vallo (2005), analisando o *Corpus* de língua falada pessoense, com resultados semelhantes aos de Mollica (1996)⁶.

Nas gramáticas normativas, o verbo *ir* de movimento é apresentado de forma praticamente invariável, apenas com uma sutil diferença entre o uso de *a* e *para*⁷. Porém, na língua falada catarinense, assim como em amostras de outros trabalhos (MOLLICA, 1996;

⁴ Silva (1956), ao estudar o dialeto crioulo de Cabo Verde, mostra que a preposição *a* não passou para a língua. Nas construções com verbo transitivo direto e indireto, sendo o complemento indireto um nome ou pronome que não seja pessoal, a falta da preposição é suprida pela adjacência. Sobre os verbos de movimento, no crioulo de Cabo Verde, os complementos locativos introduzidos por *a* apresentam complementos introduzidos pelas preposições *em* ou *para*.

⁵ Vieira (2007) destaca que no português brasileiro, assim como em Moçambique e Angola, constata-se a alternância de preposições que regem verbos de movimento.

⁶ Ver seção revisão da literatura.

⁷ Essa discussão será retomada na seção *revisão da literatura*.

RIBEIRO, 1996; GUEDES & BERLINCK, 2003; VALLO, 2005) é recorrente o emprego variável da regência do verbo *ir* de movimento, conforme se constata nos dados do *corpus* VARSUL:

(a) Ir + a

(1) *Em São Paulo no tem nada disso, né?Aí tem que ir a Santos, e Santos a gente conhece também muito bem.* (SC BL 24)⁸.

(b) Ir + para

(2) *A gente vai pra⁹ praia, né?* (SC BL 22).

(c) Ir + em

(3) *Ia conhecer era Pantanal e essa seria um dos meus sonhos é ir no Pantanal..* (SC FL 10).

Dos dados destacados, (1) e (2) são previstos pela gramática normativa, enquanto (3) é tido como uma forma não-padrão, porém é bastante recorrente na fala. Esse uso variável das preposições junto ao verbo *ir* de movimento é o objeto de estudo desta pesquisa.

Eduardo Diório Junior (2002, p. 17) menciona que:

as preposições têm seu valor definido no interior do seu sistema. Em um dado momento, pode surgir uma nova palavra empregada como preposição, ocupando uma parte do domínio de alguma outra preposição já existente no sistema. A nova palavra também pode ocupar parte dos domínios de várias preposições ao mesmo tempo. Outra possibilidade é a de alguma preposição alargar seu domínio, avançando sobre o de outra. Em qualquer das hipóteses, há a necessidade de reorganização do sistema. Ou seja, o sistema de preposições encontra-se todo arranjado de maneira que permaneça coerente. À menor alteração, o sistema precisa redefinir-se.

Sabe-se que as preposições já existiam no sistema latino, sendo, porém, pouco usadas, pois a relação entre os vocábulos era marcada pelas flexões causais. Com a passagem do latim para o português, os casos morfológicos desapareceram, e as preposições assumiram esse papel¹⁰.

⁸ No decorrer deste trabalho, utilizamos alguns códigos adotados pelo Projeto VARSUL para especificar entrevistas, tais como: estado (SC), cidade (BL), número da entrevista (22).

⁹ Com a ressalva de que a forma da preposição é *para*.

¹⁰ Retomamos esse assunto na revisão bibliográfica.

Tarallo (1990, p. 135), sobre a passagem do latim ao português, comenta:

Nosso sistema deve ter experimentado momentos em que uma mesma preposição latina cumpria, além de sua função relacional, outras funções semânticas que, no latim clássico, eram mapeadas a outras formas. E essa tendência, uma mesma forma com várias funções ou uma mesma função marcada por diferentes e várias formas, na realidade, subjaz à organização gramatical das línguas naturais, embora contra ela se posicionem (ou se tenham posicionado) alguns gramáticos da língua portuguesa.

Desse modo, as alterações gramaticais decorrentes dessa mudança levam, por sua vez, a uma recategorização sintática do sistema preposicional do PB. Essa recategorização faz surgir novas formas ou funções a serem exercidas pelas preposições.

Câmara Jr. (1985, p. 178-179), sobre o assunto, diz o seguinte:

Em referência à direção, houve a ampliação do emprego de *a*, correspondente a lat. AD, cuja distribuição era limitada por IN regendo acusativo com a noção de movimento com entrada. Em vez de – *ire in Silvam*, temos em português moderno – *ir à floresta*, embora o emprego clássico fosse mais próximo do modelo latino e a língua coloquial do Brasil conserve a construção anterior (*ir na floresta* onde na equívale a *em+a*) [...] Noutro sentido, a extensão de *a* foi limitada pelo advento de *para*, de criação românica.

Se avaliarmos essa mudança através da noção icônica de forma/função, se percebe o enriquecimento funcional das preposições, o que leva a uma reestruturação do sistema preposicional do PB, e por conseqüência surgem novas formas para desempenhar funções antes indicadas no latim. O fato resulta na utilização das preposições *para* e *em* no mesmo contexto, ocasionando a variação de uso das preposições, sendo que cada preposição tende a buscar uma especialização no sistema lingüístico do PB.

Tarallo (1990, p. 134) avalia essa mudança da seguinte maneira:

o aumento do número de preposições em português se deveu provavelmente ao fato de essas partículas terem começado a desempenhar uma função na organização gramatical portuguesa que existia somente como um esboço no sistema do latim clássico.

Mattoso Câmara Jr. assinala que, ao “enriquecimento funcional das preposições”, acompanhou um “empobrecimento quanto às formas” e “grande parte das preposições latinas se perderam” e outras preposições tiveram seu emprego aumentado, “num processo de simplificação e economia” (CÂMARA JR, 1976, p. 177). Segundo Câmara Jr., o sistema “funciona em dois planos de significação gramatical. Um primeiro, mais concreto, é o das localizações no espaço e, por extensão, de tempo” (1976, p. 177).

A seguir são apresentados os objetivos, as questões e as hipóteses da presente dissertação.

1.2 Objetivos

Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é investigar, numa perspectiva variacionista apoiada em pressupostos funcionalistas, a variação das preposições *a*, *para*, *em* no complemento locativo do verbo *ir* de movimento em dados de amostras sincrônicas (VARSUL), e assim contribuir para a descrição do português falado na região sul do Brasil.

Objetivos específicos

1. Investigar os contextos de uso das preposições no complemento locativo do verbo *ir* de movimento.
2. Identificar os fatores condicionantes que atuam na variação.
3. Interpretar o funcionamento variável das preposições à luz de uma abordagem funcionalista.
4. Analisar e comparar os resultados desta pesquisa com os de outros estudos já realizados com diferentes amostras em diferentes regiões do Brasil.

1.3 Questões e hipóteses

Questão 01 – Qual variante (*a/para/em*) é mais freqüente junto ao verbo IR de movimento em dados de fala de Santa Catarina?

Hipótese:

Há uma escalaridade entre as preposições, sendo *em* mais usada, seguida de *para* e *a*. Essa escalaridade se deve à crescente expansão de uso de *para* ocupando os contextos em que a preposição *a* era usada, e, no caso específico do verbo IR, ao uso da preposição *em* associada a contextos locativos. Como estamos analisando dados de fala, é esperado que *a*, considerada mais padrão pela gramática normativa, seja pouco freqüente nos dados; que *para*,

principal concorrente de *a* em diversos contextos, apareça em segundo lugar; e que *em*, tida como não-padrão pela gramática normativa nos contextos de verbo IR, seja a preposição mais utilizada na fala.

Questão 2 – Que fatores condicionam o uso das preposições *a/para/em* junto ao verbo IR de movimento?

Hipótese:

Fatores lingüísticos e extralingüísticos condicionam o uso variável de *a/para/em* na fala de Santa Catarina. Os grupos de fatores lingüísticos são de natureza morfossintática e semântico-pragmática e envolvem três categorias: o sujeito (*pessoa do discurso, forma referencial, (in)determinação, agentividade*), o verbo (*tempo verbal, freqüência, perfectividade*) e o locativo (*configuração do espaço, demarcação, definitude, destino*); mais os fatores discursivos *narratividade e finalidade*. Os fatores sociais são *escolaridade, faixa etária, sexo*. Além disso, vamos controlar o fator *cidade*.

Justificativa:

Vários desses fatores, especialmente os concernentes ao locativo, têm se mostrado relevantes em estudos realizados com diferentes amostras, por isso julgamos pertinente testá-los em nossos dados. Outros, principalmente os associados ao sujeito e ao verbo, estão incluídos para que avaliemos sua pertinência¹¹. Em termos gerais espera-se que:

Em relação ao locativo:

- a) *para/a* estejam associadas a espaços menos demarcados, ambiente [- fechado] e *em* a espaços mais demarcados, ambiente [+ fechado];
- b) *para/a* ocorram com nome locativo vago e/ou impreciso [- definido] para o falante, e *em* com nome locativo de conhecimento do falante [+ definido];
- c) *para/a* sejam mais usadas com [lugar/objeto] e *em* a [lugar/instituição personificada]; [lugar/evento] e [lugar/instituição];
- d) *para* seja mais usada com [lugar/espaço sócio-geográfico];
- e) *em* apareça associada a [-direção] e *a/para* a [+direção].

Em relação ao verbo:

¹¹ As hipóteses são retomadas no capítulo resultados e análise.

- f) *para/a* apareçam associadas a [iterativo] e *a/em* a [semelfactivo];
- g) *em* apareça associada ao aspecto perfectivo e *para/a* ao imperfectivo;
- h) *para/a* sejam mais freqüentes com verbos no tempo não-passado e *em* com verbos no passado. Essa variável está diretamente relacionada com a ‘narratividade’: espera-se que *para/a* apareçam preferencialmente em seqüências textuais não-narrativas, e *em* em seqüências narrativas, uma vez que o discurso narrativo propiciaria a emergência do vernáculo: o informante, ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, desvencilha-se da preocupação com a forma padrão (TARALLO, 1985).

Em relação ao sujeito:

- i) *para/a* ocorram mais com a não-pessoa (3^a. pessoa gramatical) e *em* com a primeira pessoa do discurso. Correlacionado a isso, *para/a* com SN pleno e *em* com formas pronominais de referência;
- j) *a/para* sejam mais utilizadas com o sujeito [+agente];
- k) *a/para* apareçam associadas ao sujeito [+determinado].

Em relação aos fatores extralingüísticos:

- l) *para/a* sejam mais usadas por informantes mais velhos, do sexo feminino e com maior grau de escolaridade, e *em* por informantes mais jovens, do sexo masculino e com menor escolaridade;
- m) as ocorrências da variante *a* sejam mais freqüentes entre os mais escolarizados, da faixa de 25 a 49 anos, em que o fator ‘mercado de trabalho’ atuaria como controlador da forma padrão;
- n) deve haver um comportamento diferenciado por cidade no que diz respeito à freqüência de uso das preposições, com um índice maior da variante padrão *para/a* em Florianópolis (capital).

Em relação ao fator discursivo ‘finalidade’:

- o) quando há expressão de *para/pra* ‘finalidade’ (depois de Ir + locativo), a preposição que aparece junto ao verbo IR é *em*, para evitar a repetição da preposição *para* (indicando direção e finalidade). Historicamente, o verbo *ir* de movimento, em seu percurso de gramaticalização para *ir* auxiliar de futuro, tem uma etapa caracterizada

pelo contexto: IR + locativo + PARA finalidade. Numa etapa seguinte, a preposição PARA é apagada (*vou na fábrica trabalhar*) mas se mantém a idéia de finalidade ainda.

Questão 3 – Como se comporta Santa Catarina em relação a outras localidades do Brasil no que se refere à variável em estudo?

Hipótese:

O uso variável das preposições *para/a/em* em Santa Catarina deve mostrar a mesma tendência em relação aos condicionamentos observada em estudos com amostras de outras regiões, diferindo daquelas apenas em termos de frequência de uso.

2 QUADRO TÉORICO

Neste capítulo, são apresentados os pressupostos que norteiam esta pesquisa, onde consideramos os postulados da Sociolingüística Variacionista por meio das propostas de Weinreich, Labov e Herzog (1968), de Labov (1972, 1978, 1994) e os do Funcionalismo de vertente norte-americana (cf. GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1995).

Segue-se, inicialmente, uma breve exposição dessas teorias, procurando focalizar os principais pontos de cada uma que interessam diretamente a este trabalho. Subjaz a esses pressupostos, a concepção de língua como atividade em tempo real e em constante adaptação, entendendo-se que a gramática não é um produto acabado: novas formas estão constantemente emergindo, bem como velhas formas estão constantemente assumindo novas funções. É o que parece ocorrer com os usos das preposições (*a/para/em*).

2.1 A Sociolingüística Variacionista

A Sociolingüística Variacionista, conhecida também como Teoria da Variação e Mudança, surge a partir dos estudos de Labov¹², e dos postulados de Weinreich, Labov e Herzog (1968), doravante WLH, com o objetivo de descrever a variação e a mudança lingüística, que leva em conta o contexto social de produção, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala¹³, e utilizando um método de análise quantitativa dos dados obtidos a partir da fala espontânea (na medida em que isso é possível) dos indivíduos, ou seja, do *vernáculo* (estilo em que a mínima atenção é prestada à fala).

Esse modelo teórico-metodológico rompe com as correntes anteriores (estruturalismo e gerativismo), que analisavam a língua como uma estrutura homogênea, resultante da

¹² “The social motivation of a sound change” (1963) e “The social stratification of (r) in New York city department stores” (1966) publicados em *Sociolinguistic Patterns* (1972).

¹³ Para Labov, “membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (1972a, p. 192). Essas normas correspondem a avaliações sociais acerca das variantes, que são vistas, basicamente, como formas estigmatizadas ou de prestígio.

aplicação de regras categóricas, que podiam ser estudadas fora de seu contexto social. A Sociolinguística permitiu uma nova abordagem, mostrando a variação sistemática motivada por pressões sociais e também lingüísticas, e postulando que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento do sistema. Esse novo modo de olhar a língua permitiu analisar e descrever o uso de variáveis lingüísticas pelos indivíduos em uma determinada comunidade de fala, como também mostrou que a presença de heterogeneidade governada por regras variáveis é que permite ao sistema lingüístico se manter em funcionamento mesmo nos períodos de mudança lingüística. Dessa forma, para WLH (1968, p. 100, tradução nossa), “é necessário aprender a ver a linguagem do ponto de vista diacrônico e/ou sincrônico, como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática”. A variação é inerente ao sistema lingüístico, sendo passível de descrição e explicação mediante a correlação dos dados empíricos com o contexto social e lingüístico. Em suma: a Sociolinguística tem como preocupação estudar a língua na sua produção real, no âmbito de uma comunidade, buscando entender a regularidade dentro da variação da fala.

Em termos metodológicos, busca-se descrever e explicar o processo de variação/mudança, através do controle de fatores sociais (classe social, sexo, idade, escolaridade, etc.) e fatores lingüísticos (variáveis internas da língua), identificando quais fatores influenciam na escolha de uma ou outra variante, e mostrando que a regularidade da variação é sistemática e governada por um conjunto de regras, não categóricas, e sim variáveis. Sobre isso, Hora (2004, p. 20) aponta que “o valor particular de uma determinada variável lingüística é visto como uma função de sua correlação com variáveis extralingüísticas e com as variáveis lingüísticas independentes”.

Labov (1966) apresenta o conceito de regra variável, substituindo a noção estruturalista de variação livre, já que, segundo o autor, toda variação é condicionada. Uma regra variável deve apresentar frequência expressiva de uso e modelar-se à interferência de fatores lingüísticos e extralingüísticos.

Os primeiros trabalhos de Labov (1966; 1972) estão focados em análises no campo da fonologia, mostrando que as variações são motivadas por fatores sociais ou estilísticos. Os resultados desses estudos de Labov abriram portas para a investigação da variação em outros níveis lingüísticos. Entretanto, as dificuldades de adaptação do modelo em campos diferentes do fonológico esbarram na discussão acerca da manutenção do mesmo significado das formas alternantes. Sobre essa questão é importante mencionar a discussão travada entre Labov e Lavandera, a partir do trabalho de Weiner & Labov ([1977]1983) sobre as estruturas ativa e

passiva do inglês, uma variável de natureza sintática. Nesse trabalho, os autores tratam a construção ativa e passiva sem agente como variantes lingüísticas, ou seja, como portadoras do mesmo significado representacional, considerando que as diferenças de sentido observadas são matizes de foco ou ênfase que não afetam o significado referencial. Como resultado de seu estudo, apontam que as formas lingüísticas passiva/ativa são semanticamente equivalentes e não condicionadas socialmente, mas sim por fatores internos, no caso, pelo que chamam de “paralelismo estrutural¹⁴”. Tais resultados implicaram a reformulação de pressupostos teóricos: o postulado de que a variação, que pode ser explicada em termos sociais, cede lugar a considerações de ordem interna relativas ao funcionamento da gramática.

Lavandera (1978) põe em dúvida a adequação de estender a noção de variável sociolingüística a outros níveis de análise, diferentes da fonologia, pois acredita que toda construção sintática possui seu significado próprio. A autora propõe um alargamento da condição de “mesmo significado” para condição de “comparabilidade funcional”. E considera as alternantes sintáticas como variáveis sociolingüísticas desde que elas veiculem alguma informação não-referencial (significado social e estilístico), e que sejam similares às variáveis fonológicas, com covariação quantitacional e frequências significativas.

Em resposta a Lavandera, Labov (1978) enfatiza a noção de significado referencial, também chamado de significado representacional ou *estado de coisas*, dizendo que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade. Além do significado representacional, o autor ainda propõe outras duas funções: a função de ‘identificação do falante’ e a função de ‘acomodação ao ouvinte’. Afirma, ainda, que o objetivo da teoria lingüística é predizer a distribuição provável na língua de informação nos níveis fonológico, prosódico, morfológico, sintático etc. A teoria, mais do que medir o peso dos fatores sociais, preocupa-se em obter um retrato da estrutura gramatical da língua, e a maneira como as regras gramaticais cumprem as funções de acomodação/identificação é um passo posterior na análise. Por fim, o autor acrescenta que há evidências de que a competência lingüística humana inclui restrições quantitativas e que o reconhecimento de tais restrições permite-nos construir uma teoria gramatical. Assim, abre-se espaço para análises variacionistas nos diferentes níveis gramaticais, e para a possibilidade de se descrever e explicar um fenômeno variável com base em fatores condicionantes estruturais (lingüísticos), além dos fatores sociais e estilísticos (nem sempre relevantes).

¹⁴ Segundo o qual os falantes que empregam logo de início uma marca gramatical tendem a continuar empregando-a, e se a apagam, tendem a repetir esse procedimento.

Vale lembrar que as formas lingüísticas alternantes são chamadas de *variantes*¹⁵, e para um fenômeno ser considerado variável, há dois requisitos: manutenção do significado e possibilidade de ocorrência num mesmo contexto (LABOV, 1978). Ou seja, trata-se de diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um *mesmo contexto* e com o *mesmo valor de verdade*, ou com o *mesmo sentido referencial*.

A extensão do modelo variacionista para tratar de fenômenos sintático-discursivos “abriu as portas à incorporação de hipóteses funcionalistas, no sentido de atribuir a motivações fora da estrutura da língua, decorrentes de necessidades comunicativo-funcionais, a origem da variação” (PAREDES, 1993, p. 885).

Com base em premissas funcionalistas (cf. seção a seguir), podemos estender a noção de significado para o *mesmo significado*/função. Neste trabalho, as variantes *a/para/em* possuem o mesmo significado referencial, ou a mesma função: introduzem o complemento locativo do verbo *ir* de movimento.

Para tratarmos de uma variável morfossintática, cujos condicionadores são de natureza sintático-semântico-pragmática, além da social, lançamos mão da abordagem funcionalista, para orientar a formulação das hipóteses e a descrição dos contextos de uso das variantes em questão.

2.2 O Funcionalismo Lingüístico

A teoria funcionalista de corrente americana (GIVÓN, 1995, 2001) propõe como concepção de gramática que padrões morfossintáticos regulares e estáveis coexistem com mecanismos de codificação emergentes na língua. Nessa abordagem, diz-se que as formas lingüísticas têm origem no discurso e se acomodam às necessidades comunicativas do falante motivadas por fatores pragmático-discursivos. A língua é vista como um fenômeno social. Como a língua reflete as necessidades comunicativas do falante, ela é concebida como algo maleável, que sofre pressões constantes de uso; e a gramática, por sua vez, é concebida como algo dinâmico que está em constante mudança. Hopper (1991) defende que a gramática das línguas é sempre emergente, com novas funções surgindo para formas já existentes, ou novas formas emergindo e competindo com outras num mesmo domínio funcional.

¹⁵ O conjunto de variantes lingüísticas é chamado de variável.

Como aponta Neves (1997, p. 15), “a gramática funcional considera a competência comunicativa”. Assim, as situações reais de produção e as motivações discursivas para as estruturas lingüísticas são importantes na abordagem funcionalista. A língua muda e se molda de acordo com as pressões funcionais, exercidas durante a performance lingüística do indivíduo. Assim, devido ao caráter criativo, dinâmico e comunicativo da língua, diversos fatores atuam na variação, entrando em jogo o componente proposicional (semântica), o sintático (sintaxe) e o discursivo (pragmática).

Givón (1995, p.10) elenca algumas premissas para uma melhor definição funcionalista de língua, linguagem, gramática e mudança: a) a linguagem é uma atividade sociocultural; b) a estrutura lingüística serve a funções cognitivas ou comunicativas; c) a estrutura é não-arbitrária, mas motivada, icônica¹⁶; d) a mudança e a variação estão sempre presentes; e) o significado é dependente do contexto; e) as categorias não são discretas, mas contínuas; f) a estrutura é maleável, não rígida; g) a gramática é emergente, as regras da gramática permitem alguma flexibilidade.

O autor (op. cit.) admite, no entanto, não haver uma relação categórica de um-para-um entre função e forma, e admite que, nesse processo adaptativo de mudança, a língua pode apresentar mais de uma forma para uma função ou vice-versa. Esse é o campo visível da variação. O que nos interessa neste trabalho é o estudo da coexistência de três formas (*a/para/em*) em um mesmo domínio funcional, ou seja, o da complementação locativa do verbo *ir* de movimento. Assim, a noção funcionalista de ‘domínio funcional’ se aproxima, em certa medida, da noção laboviana de ‘variável’.

Para Givón (1995), na correlação entre forma e função, é preciso admitir a existência de certa arbitrariedade na codificação lingüística, pois a iconicidade está sujeita a pressões diacrônicas corrosivas tanto na forma (código/estrutura) quanto na função (mensagem). Isso faz com que o código tenha alterações provocadas pelo atrito fonológico, e a mensagem, alterações em virtude da elaboração criativa do falante. Essas alterações, por sua vez, podem gerar, por um certo período de tempo, ambigüidades na forma e na função. Na forma, verifica-se a correlação entre uma forma e várias funções (polissemia); quanto à mensagem, observa-se a correlação entre várias formas e uma função (variação).

Assim, entendendo a língua como atividade em tempo real e em constante adaptação, podemos fazer uma aproximação entre a abordagem variacionista e a abordagem

¹⁶ Conforme Cunha et al. (2003, p.29), “a iconicidade é definida como a correlação natural entre forma e função. Entre o código lingüístico e seu conteúdo”.

funcionalista, focalizando, no caso do uso das preposições (*a/para/em*), as relações variáveis entre formas e funções (bem como a mudança lingüística atrelada a alterações na correlação entre forma/função), decorrentes de pressões lingüísticas e/ou sociais. Esse ponto será retomado na seção 2.3.

2.2.1 A Gramaticalização¹⁷

Segundo a abordagem funcionalista de vertente americana, a gramática representa um conjunto de regularidades decorrentes de dois tipos de pressões: (i) cognitivas, conseqüentes da forma como o homem interpreta e organiza na mente as informações, caracterizando-se, pois, pelo aspecto regular (pode-se mencionar aqui o princípio da iconicidade que prevê uma relação de um-para-um entre função e forma); e (ii) de uso, em que as irregularidades, decorrentes do fato de que o discurso apresenta um aspecto criativo que oportuniza as variações, acabam se regularizando em virtude da recorrência, isto é, da freqüência de uso (aparece aqui o caráter arbitrário associado à fixação de certos padrões). Dessa forma, as situações comunicativas constituem-se num terreno onde pressões de natureza distinta (iconicidade e arbitrariedade) atuam permanentemente. Essa competição faz da gramática uma entidade dinâmica, e sujeita à variação e/ou mudança.

No que concerne à mudança na ótica da gramaticalização, uma abordagem ideal consiste no exame da trajetória de um item ou construção: num primeiro momento, descrevendo sua multifuncionalidade no plano sincrônico; e, num segundo momento, captando os estágios de mudança, seja de natureza semântico-pragmática, seja de natureza categorial.

É nessa perspectiva que o uso variável atual das preposições *a/para/em* pode ser explicado via gramaticalização, principalmente no que concerne ao enriquecimento funcional desses itens associado à alteração do paradigma do sistema preposicional do PB motivado pela mudança do latim ao português¹⁸. Nessa investigação funcionalista, “a gramaticalização tem sido utilizada para a explicação das mudanças que afetam a gramática de uma língua.

¹⁷ Não é objetivo deste trabalho apresentar um histórico sobre a gramaticalização. Para maiores detalhes a respeito remeto o leitor aos textos de Figueiredo (1999) e Neves (1997).

¹⁸ Borba (2007, p. 140) defende que “a gramaticalização, entendida como mudança de classe/subclasse lexical para classe/subclasse gramatical, amplia a classe preposicional e adverbial, especialmente no conjunto mais amplo que é o das relações espaciais. Os conceitos espaciais são concebidos pelo falante em termos relativos, ou seja, relacionados a um ponto de referência que tanto pode ser o falante, ou melhor, a posição do falante ou um ponto do ambiente [espaço] físico. Isso traz como conseqüência imediata o fato de que as relações espaciais se traduzem *in abstracto* na língua, o que configura conceito gramatical enquanto relações que se processam no âmbito do sistema”.

Sendo vista como um processo de criação da gramática em função da necessidade discursiva”. (POGGIO, 2002, p. 59)

Hopper & Traugott (1993, p. 15) definem gramaticalização como “o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. Os autores também dividem os itens lingüísticos em três categorias (p. 104):

Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção].

Sabe-se que as preposições, em latim, provêm dos advérbios. Essa trajetória corrobora a escala de Hopper & Traugott (op. cit), evidenciando o processo de gramaticalização das preposições¹⁹. Nesse ponto é interessante notar que Eduardo Carlos Pereira (1916, p. 135), em sua *Gramática Histórica*, já adverte para a mudança de classe de palavras, ou seja, da alteração de advérbio para preposição:

As preposições são advérbios, que, pouco a pouco, com o enfraquecimento de seu valor adverbial, foram adquirindo feição connectiva, até se destacarem francamente como partículas de ligação, exigindo sempre o seu conseqüente para lhe completar o sentido. Embora, pois, sejam ainda sensíveis as circunstancias adverbias de *logar, tempo, companhia*, etc., que exprimem, todavia, diferenciam-se do *adverbio* em serem connectivas.

Como veremos no capítulo seguinte, em latim já se usava preposição para subordinar o complemento ao verbo, reforçando relações de regência nos casos acusativo e ablativo. Com a perda dos casos, ampliou-se o uso das preposições também para complementos antes expressos pelos casos dativo e genitivo. Assim, a função de regência foi deixando de ser expressa de forma sintética (pelos casos) e passando a ser expressa de forma analítica (pelas preposições) (cf. TARALLO, 1990). Dessa forma, a passagem advérbio > preposição já se dera no latim.

Na passagem do latim para o português, não temos uma mudança de classe gramatical, e considerando (i) que as preposições (*a/para/em*) já apresentavam variação no latim (cf. POGGIO, 2002); e (ii) que houve queda dos casos latinos para o estabelecimento do

¹⁹ Castilho (2006) menciona que as preposições são uma classe de palavras freqüentemente gramaticalizadas, sendo *a, com, de, em* e *para* as que se encontram em etapas mais avançadas desse processo.

português, podemos pensar em uma especialização de usos das preposições motivada pela atuação de diversas variáveis, sejam lingüísticas ou sociais.

Sobre isso, Tarallo (1990, p. 136) diz:

A evolução das preposições nas línguas românicas caracteriza uma situação de ganho morfológico *encaixado*. Isto é, o emprego das preposições no estabelecimento das relações entre os constituintes tornou-se freqüente no latim vulgar e, a partir daí, se gramaticalizou nas línguas românicas, como resultado da eliminação dos casos do latim clássico, cujas desinências garantiam a independência dos constituintes na sentença.

Destacamos, da citação acima, o papel da *freqüência*. Como já apontamos anteriormente, o uso recorrente de uma forma em determinado contexto pode levar à gramaticalização dessa forma. Gonçalves et al. (2007, p. 16) mencionam:

Como originalmente concebida, a gramaticalização se instaura no momento em que uma unidade lingüística começa a adquirir propriedades de formas gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada. Sob tal acepção, encontra-se enfatizada a diferença existente entre o estatuto lexical e estatuto gramatical das formas lingüísticas.

Tratamos, até aqui, de mudança categorial. Mas, via de regra, uma mudança categorial é acompanhada e/ou precedida de mudanças semânticas e/ou pragmáticas. Nesse caso, alguns autores falam em perda de significado ou “desbotamento semântico”. Mas nem todos os estudiosos da gramaticalização concordam com a idéia em que, no processo de gramaticalização, possa haver perda de significado. Por exemplo, Sweetser (1990 *apud* GONÇALVES et al., 2007, p. 36) fala de “projeção metafórica, que vai de um domínio-fonte para um domínio-meta. Nessa projeção, já há aquisição de novos significados, o que descartaria a consideração da existência de dessemantização envolvida no processo”. Ainda sobre isso, Gonçalves et al. (2007, p. 36), apoiados nas idéias de Heine (1991) sobre o processo de gramaticalização, dizem:

[quanto às] diferenças de significado verificadas entre o uso de forma-fonte (lexical) e o uso de uma forma-alvo (gramatical), o que parece certo é que traços semânticos não desaparecem, mas são substituídos por traços discursivo-pragmáticos. Isso implica reconhecer para a forma-alvo funções antes não cumpridas pela forma-fonte, principalmente nos casos em que as duas coexistem no sistema de uma língua.

Assim, o processo de gramaticalização leva itens lexicais e/ou construções a assumirem funções na própria organização interna do discurso, transformando-os em itens

gramaticais. É num percurso de mudança desse tipo que se situa o sistema preposicional no PB, com a queda dos casos em latim, conforme já mencionado.

Vale ressaltar, ainda, que a gramaticalização tende a se processar numa gradação crescente de abstração, e envolve os níveis cognitivo, pragmático, semântico e sintático (MARTELOTTA et al, 1996, p. 53-54). Esses níveis podem ser assim caracterizados:

a) Nível cognitivo: o processo de mudança metafórica permite que elementos do mundo concreto (léxico) migrem para um mundo mais abstrato (gramática).

De acordo com Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991 *apud* Tavares 2003, p. 73):

a transferência metafórica é um dos principais mecanismos que atuam ao longo do processo de gramaticalização. Trata-se do uso de um determinado termo lingüístico para um novo conceito através de um processo pelo qual dois conceitos diferentes são metaforicamente igualados e pelo qual o termo que é usado para um deles é estendido para se referir ao outro. Por meio da transferência metafórica, conceitos mais complexos são descritos ou entendidos por meio de conceitos concretos ou menos complexos. Assim, a experiência não física é compreendida em termos da experiência física, o tempo em termos de espaço, a causa em termos de tempo, as relações abstratas em termos de processos físicos ou relações espaciais.

b) Nível pragmático: o falante utiliza conceitos mais concretos e conhecidos para expressar idéias novas com a intenção comunicativa de facilitar a compreensão do ouvinte. Traugott (1988), Traugott & Köning (1991), Hopper & Traugott (1993), *apud* Traugott (1995, p. 03) propõem que o fortalecimento pragmático, não o enfraquecimento, ocorre no primeiro estágio da gramaticalização.

É no nível pragmático que se coloca o papel da metonímia, mecanismo de mudança pelo qual ocorre uma associação conceitual entre entidades de algum modo contíguas, de forma que o item lingüístico que é usado em referência a uma delas passa a ser usado também para a outra (cf. TAYLOR, 1989 *apud* TAVARES, 2003, p. 74). Nesse caso, a metonímia envolve a especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto, mesmo que na forma de inferência, isto é, representa uma transferência através da contigüidade.

c) Nível semântico: com base em conhecimentos de significados mais velhos, o falante explicita um sentido novo para o ouvinte.

d) Nível sintático: certos contextos/aspectos sintáticos estimulam a gramaticalização e justificam por que a mudança tomou efetivamente este e não aquele caminho.

A gramaticalização é base para explicar várias mudanças que acontecem na língua, mas ainda é necessário compreendermos alguns princípios que regulam a gramaticalização.

2.2.2 Princípios da gramaticalização

Hopper (1991, p. 17-35) formula cinco princípios, aplicáveis à mudança de maneira geral, e a estágios iniciais de gramaticalização. Os princípios propostos por Hopper são:

- a) Estratificação: em um domínio funcional amplo, novas camadas emergem continuamente. À medida que isso acontece, as camadas mais velhas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e interagir com as camadas mais novas. A partir dessa noção de ‘camadas’ é possível pensarmos em uma aproximação com a noção de ‘variável’ da sociolinguística laboviana (ver seção 2.3).
- b) Divergência: quando uma entidade sofre gramaticalização como clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns.
- c) Especialização: várias formas podem apresentar nuances semânticas diferentes. No momento da gramaticalização, essa variedade de formas se estreita e um menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais. O resultado disso é que uma forma acaba sendo a escolhida para uma determinada função gramatical, ou em determinado contexto. Pensando na atuação de determinados contextos na escolha de cada preposição, podemos pensar na possibilidade de especialização das formas. Um indício da especialização de uso das preposições é o aumento na frequência de uma determinada forma em um determinado contexto.
- d) Persistência: quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, na medida do possível alguns traços do seu significado lexical tendem a aderir a ela e detalhes de sua história lexical podem se refletir em restrições sobre a sua distribuição gramatical, ou seja, acontece a permanência de vestígios do significado lexical refletido no comportamento gramatical da forma.
- e) Descategorização: formas que estão se gramaticalizando tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e privilégios sintáticos de categorias plenas (nome e verbo) e assumir características de categorias secundárias tais como

adjetivos e advérbios (categorias intermediárias), e participio, preposições, conjunções.

Para que se possa entender a gramaticalização, ainda é preciso explicar pelo menos dois mecanismos: a *reanálise* e a *generalização*.

A *reanálise* envolve a mudança estrutural de alguma expressão ou um grupo de expressões, não acarretando modificação imediata ou intrínseca em sua manifestação de superfície. No entanto, isso não significa que mudanças associadas à reanálise não envolvam também mudanças de superfície, mas isso ocorre subseqüentemente a este processo. Assim, a reanálise modifica representações subjacentes, semânticas, sintáticas ou morfológicas, causando mudança de regra (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p. 40).

A *generalização*, por sua vez, pode ser caracterizada, em parte, como um aumento dos sentidos de uma forma, e em parte também como um aumento progressivo de um item lexical para um gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical. Hopper & Traugott (1993) fazem menção à generalização do significado como um processo importante para explicar a gramaticalização. À medida que os itens lexicais se empregam em funções gramaticais e são usados em um número maior de contextos, eles vão se generalizando, ou seja, ganham uma distribuição mais ampla e mais polissêmica.

Ainda outros fatores propiciam a gramaticalização de determinado item, entre eles, temos a freqüência de uso de determinada forma. Assim, quanto mais uma forma for gramaticalizada, mais ela será freqüente²⁰. Assim, a freqüência de uso de determinado item lingüístico é evidência do seu grau de gramaticalização²¹.

Sobre a freqüência de uso, Poggio (2002, p. 104) diz:

As preposições tendem a ser usadas com muita freqüência, o que conduz ao esvaziamento do seu sentido individual, havendo uma tendência à generalização. Algumas vezes, torna-se difícil encontrar o seu sentido de base ou originário. Todavia, esse fato não invalida a afirmativa de que essas partículas são providas de significados e a sua realização vai depender de fatores contextuais.

Naro & Braga (2000), sobre a freqüência de uso de determinado item, chamam a atenção que é importante avaliar a freqüência de uso das formas alternantes, o que pode

²⁰ Bybee et al. (1994) apresentam os seguintes mecanismos motivadores da gramaticalização: *extensão metafórica*, *inferência*, *generalização*, *harmonia* e *absorção*. A *generalização*, por sua vez, representa a perda de traços específicos de significado, com a conseqüente expansão de contextos apropriados de uso. Para esse mecanismo, a freqüência de uso mostra-se relevante.

²¹ Bybee (2003) adverte que a freqüência não é resultado da gramaticalização, mas apenas uma contribuição primária para a identificação do processo.

revelar usos sociolinguisticamente determinados, ou condicionantes de ordem estilística, que atuam na gramaticalização de uma dessas formas. Os autores (op. cit) consideram que os aspectos sociais correlacionados ao uso da língua assumem papel importante na escolha de uma determinada forma em detrimento da outra.

Por fim, o funcionalismo linguístico e, especificamente, o paradigma da gramaticalização oferecem um conjunto de princípios, que tomamos como aparato teórico-metodológico para abordarmos a variação das preposições no PB.

2.3 O Sociofuncionalismo

Conforme já antecipamos, nosso objeto de estudo é uma variável morfossintática, e os condicionadores testados são de natureza sintático-semântico-pragmática e social. Por esse motivo lançamos mão de pressupostos funcionalistas para a formulação das hipóteses e descrição dos contextos de uso das preposições analisadas. Situamos nosso estudo, portanto, na interface da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico. Nos últimos anos, essa conciliação teórica vem ganhando força no Brasil (cf. OLIVEIRA E SILVA; SCHERRE, 1996; NARO; BRAGA, 2000). Uma discussão bastante aprofundada e uma proposta de conciliação teórica pode ser conferida em Tavares (2003) e também em Görski e Tavares (inédito). A seguir, apresentamos, de forma resumida, alguns aspectos básicos dessa convergência, com base nesses dois últimos trabalhos.

- a) Embora na perspectiva laboviana a *mudança decorra da variação* e na perspectiva funcionalista da gramaticalização, *a variação é que decorre da mudança*, ambas as abordagens prevêem a existência de formas em variação e de mudança linguística; e também o caráter gradual da mudança. O que muda é o foco central de cada perspectiva teórica. Enquanto a primeira se ocupa basicamente de formas alternantes para um mesmo significado e da possibilidade da mudança ocorrer em função da extinção de uma das formas, a segunda trata basicamente da trajetória de uma forma e as múltiplas funções que vai adquirindo, podendo tal forma, em um determinado estágio, competir com outras formas para o desempenho de uma função específica.
- b) A noção laboviana de variável linguística se aproxima da noção de domínio funcional: em termos variacionistas, duas ou mais *variantes* (formas em competição) constituem uma *variável linguística*. Em termos funcionalistas, duas ou mais *camadas* podem coexistir num *domínio funcional*. A passagem a seguir esclarece essa aproximação:

O princípio de estratificação, proposto por Hopper (1991) como uma das maneiras de se diagnosticar a ocorrência da gramaticalização, permite a convergência entre os objetos de estudo variacionista e funcionalista, pois prevê que, dentro de um domínio funcional, emergem continuamente novas camadas para marcar funções que em geral já são marcadas por outras formas, mais antigas no ramo. Se, por conta da gramaticalização, um elemento se torna uma das camadas de um certo domínio, a análise somente será completa se também forem levadas em conta as demais formas que competem com o elemento mais recente, pois são as inter-relações entre todas as camadas que definem os rumos do domínio como um todo e de cada elemento em particular. Aproximando as terminologias das duas abordagens em foco, temos que ‘camadas’ funcionais correspondem a ‘variantes’ sociolingüísticas. (GÖRSKI; TAVARES, inédito)

- c) Quanto à resolução da variação/estratificação: em ambas as abordagens se prevê a solução da variação: a) regras variáveis tendem a se tornar categóricas (TVM); ou b) situações em que uma função é desempenhada por duas ou mais formas tendem a mudar para uma em que haja correlação entre uma forma e uma função. Como se dá a solução da variação?

Hopper (1991) prevê a *especialização* como capaz de suavizar ou mesmo extinguir uma situação de estratificação funcional. Uma das camadas sofreria abstração e generalização, passando a se sobrepor às demais. Desse modo, poderia assumir a totalidade ou grande parte dos papéis abarcados pelo domínio, o que levaria à diminuição do uso ou mesmo eliminação das concorrentes. Além da *especialização por generalização*, há também a possibilidade de *especialização por especificação*, em que cada camada adquiriria significados específicos e/ou preponderaria em contextos sociolingüísticos distintos, o que também acarretaria o fim da competição. (GÖRSKI; TAVARES, inédito)

Tavares (2003, p. 132-134), ao realizar uma síntese de características da interface entre a sociolingüística e o funcionalismo, propõe:

[A abordagem] pode ser considerada sociofuncionalista, uma vez que articula pressupostos do funcionalismo (estudo da função, análise de aspectos discursivos e processamentais, tendências de uso entendidas como reflexo da organização do processo comunicativo, dentre outros) e da sociolingüística (variação, quantificação dos dados de acordo com variáveis sociais e estruturais, motivação social da mudança, dentre outros).

Neste estudo, as preposições *a/para/em* são consideradas camadas de um domínio funcional que podemos identificar como ‘complementação locativa do verbo *ir* de movimento’; em outros termos, funcionam como variantes de uma mesma variável. Resta-nos averiguar se estão num processo de *competição* (variação estável) ou se já caminham para uma *especialização* de uso, seja por ‘generalização’ (aumento de freqüência de uso de uma

forma e recuo de outra) ou por ‘especificação’ (em que cada camada/variante ocupa contextos discursivos/sociolingüísticos distintos).

3 REVISÃO DA LITERATURA

Dividimos a revisão da literatura referente ao presente trabalho em quatro partes. A primeira é dedicada a uma retrospectiva histórica sobre o tema (seção 3.1), na qual abordamos as preposições *ad > a*, *in > em* e *per ad > para*, além de fazer algumas considerações a respeito de interferências de natureza fonológica na variação dessas preposições. A segunda seção remete a considerações de gramáticos de orientação tradicional (seção 3.2). Na seção seqüente faz-se menção a alguns trabalhos de cunho descritivista (3.3). Na última parte, são apresentados alguns estudos de base (socio)lingüística em relação ao objeto analisado (seção 3.4).

3.1 Perspectiva histórica

Sabe-se que a língua muda por influência de diversos fatores, que podem ser de natureza social e/ou lingüística, fatores esses que atuam tanto no eixo sincrônico como no diacrônico. Assim, dada a evidência de mudança no quadro de preposições do latim para o português, torna-se relevante compreender algumas alterações implicadas nessa passagem. Apesar de este estudo não se caracterizar por uma abordagem pancrônica da mudança ocorrida nas preposições, é importante tentar entender o passado na busca de subsídios que ajudem a explicar o processo atual de variação encontrado no uso das preposições *a*, *para* e *em*.

Observemos como alguns autores se posicionam em relação a isso.

Poggio (2002, p. 23) chama a atenção para o seguinte: “sabe-se que os estudos históricos contribuem para fortalecer a idéia de que a heterogeneidade das línguas e o contato entre realidades diversas são fatores essenciais para inferir-se a dinâmica da mudança lingüística”, e “nos estudos funcionalistas mais recentes, percebe-se um interesse cada vez maior pela investigação histórica dos fatos lingüísticos”. Ainda sobre esse aspecto, S. Svorou (1993) *apud* Poggio (2002, p. 63) observa que “se torna necessário investigar a história das formas gramaticais não só para explicar a sua variação, mas também porque essa história

reflete aspectos mais profundos da interação social e aspectos da construção cognitiva dos seres humanos”.

Além disso, considerando-se o processo de gramaticalização, o entendimento da evolução de cada uma das formas ajuda a traçar o caminho percorrido pelas formas em variação. Poggio (2002, p. 76), fazendo referência a Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), diz que: “uma categoria gramatical é mais gramaticalizada do que outra [...] se ela for, etimologicamente, derivada da outra”.

Nascentes (1953, p. 171), sobre as preposições, menciona que “o assunto precisa ser tratado desde o latim, clássico e vulgar”. Câmara Jr. (1976), por sua vez, registra que em latim, já se iniciava o emprego desses elementos para subordinar, em certos contextos, o complemento ao verbo, fato que se desenvolveu bastante nas línguas românicas, tornando-se característico dessas línguas. Tarallo (1990, p. 147) adverte que, no latim, as preposições, que inicialmente eram usadas diante de acusativo e de ablativo, com a finalidade de caracterizar alguns complementos verbais e adjuntos adverbiais, passaram a figurar em outros tipos de complementos expressos pelos casos dativo e genitivo.

Considerando a questão da regência verbal, particularmente o caso do verbo *ir*, vejamos como alguns autores tratam esse tópico.

Machado (1995), sobre a etimologia do verbo *ir*, apresenta o seguinte:

Ir, v. Do latim *ire*, <ir, andar, avançar, em sentidos próprio e figurado, ter por fim, estar disposto a>. Em 944: <...comodo se leua de aqua de mazadoria et uai infestum per carrale inter ambos uallos...>, *Dipl.*, doc. N.º 54, p. 31.

Houaiss et al. (2001, p. 1649) registram:

do latim: *eo, is, ïvi* ou *ïi, ïtum, ïre*; ressalta-se, contudo, que em português o étimo deste verbo é bem mais complexo do que se informa, estão na base de sua constituição em português três radicais verbais que, do ponto de vista do latim, eram absolutamente isolados entre si, v. lat. *vado, is, vadere*, v. lat. *eo, is, ïre* e *fui, perfectum de esse*.

Além das definições de Machado (*op cit.*) e Houaiss et al. (*op cit.*), observe-se que a flexão do verbo *ir* tem por base um fenômeno que é denominado supletivismo verbal, pois provém de três verbos latinos diferentes: *ire* (ia, irei, iria, indo, ido); *vadere* (vou, vais, vai, vamos, vão, vá, vás, vades) e *fu-*, radical do perfeito do verbo *esse*, “ser” (fui, fora, fosse etc).

Percebe-se, nesse último parágrafo, que a investigação do verbo *ir* envolve uma questão complexa, pois são reunidos, em uma única forma verbal, os três significados/raízes. Pode-se pensar em uma abstração do significado das raízes associadas ao verbo *ir*. Vejamos, por exemplo, a frase *O sujeito foi na batalha*. Nesse contexto, o verbo *foi* com o sentido original *ser* passou, hoje, para o significado de *esteve*. Assim, uma das causas da manutenção da preposição *em* pode estar associada ao verbo de origem.

Além disso, o verbo latino *ire* está reunido nas formas verbais do tempo *pretérito imperfeito*; o verbo *vadere* com as formas verbais do tempo *presente*, e o verbo *fu-* associado ao tempo verbal *pretérito perfeito*. Outra confluência é que os verbos *ser* e *ir* tem a mesma forma verbal no pretérito perfeito.

Em Houaiss et al. (2001, p. 1648), sobre os significados do verbo IR, encontramos: “deslocar-se a um lugar sem o propósito de fixar ou de demorar-se no local de destino, ou fazê-lo exatamente com esse propósito. (*Ir à casa repousar um pouco/foi para o Rio e lá começou vida nova*). E ainda acrescentam “ir para, seguido de um locativo, denota permanência ou estada alongada (*Um dia irei para Paris*)”.

Eduardo Carlos Pereira, ao tratar das mudanças comparando o português ao latim, chama a atenção para o fato de que:

As relações regenciaes ou de subordinação em portuguez são logicamente as mesmas que em latim, porém a sua expressão verbal varia grandemente. A obliteração dos *casos* trouxe grande alteração no aspecto estrutural da phrase. A função de regencia ou complementar dos termos accesorios da sentença, tendo deixado de ser *syntheticamente* expressa pelas desinencias casuaes, passou a sê-lo *analyticamente* pelas preposições. Ampliou-se desta sorte o parco uso que destas particulas subordinativas já fazia o latim. (1916, p. 321)

O autor cita ainda:

Eram as preposições de uso restricto em latim, que dispunha dos *casos* para assignalar as relações logicas das palavras; seu emprego apenas se restringia a discriminar e reforçar as diversas relações de *accusativo* e *ablativo*. Com a perda, porém, dos casos no latim, popular da idade-média, ampliou-se o uso das preposições, que vieram analyticamente supprir a falta das expressões *syntheticas* dos casos obliquos (PEREIRA, 1916, p. 556).

Nessa última citação, observa-se que Pereira já adverte para a ampliação de usos das preposições em português.

Furlan (2006, p. 98) salienta que a grande maioria das preposições “são antigos advérbios ou partículas independentes que se originaram, como muitos advérbios, de antigas formas nominais flexionadas”.

Além disso, apesar de considerarmos a perda dos casos latino, com a passagem ao português, vale lembrar que as preposições já eram usadas no latim, como por exemplo no ablativo; o que pretendemos considerar é que esse processo de mudança possa ser um indício para entender o fenômeno de variação das preposições.

A seguir, dedicamos um subseção para cada preposição: *ad* > *a*, *in* > *em* e *per ad* > *para*.

3.1.1 A preposição *ad* > *a*

Em seu estudo, Rocha Lima (1954, p. 11) argumenta:

Passou a preposição *a* (< *ad*) por longa e acidentada evolução, entrecruzando-se associações de idéias que lhe foram ampliando, em progressivo enriquecimento, a área significativa, até torná-la, pela freqüência e abundância do seu uso, equivalente a quase todas as outras preposições portuguesas.

Pereira (1916, p. 324) nos informa o seguinte:

[...] na península Iberica, já desde o século XI, desenvolvia-se um processo novo, inteiramente estranho ao latim clássico, de se **reger o objecto com a preposição *ad***, processo que se fixou em português com grande vantagem para a clareza e variedade da phrase. **A preposição só se antepunha quando o objecto designava um ente animado** (*decepit ad suo germano*), e levava o intuito de lhe dar proeminência, mostrando o seu interesse na acção verbal, **<como o ponto a que ella se dirige**, ao passo que as cousas e os seres inanimados apenas a recebem pura e simplesmente. (grifo nosso)

É relevante destacar, do comentário de Pereira acima, que o uso da preposição *ad*, que surge no latim clássico com a função de reger o objeto, já mostra certa variação, pois essa preposição podia ser usada tanto com objetos animados, como inanimados, sendo que, com objetos animados, *ad* atribui proeminência ao objeto, indicando o ponto a que a ação se dirige.

O autor chama a atenção para o fato de que a evolução sintática e semântica das preposições não é notada somente entre o latim e o português, mas ainda na passagem do português antigo para o atual. Essa diferença de uso da preposição *ad* entre objeto animado e inanimado pode, então, representar uma pista para a variação sincrônica atual das preposições no português.

Dando continuidade, Pereira (1916, p. 556-557) comenta sobre a preposição *a*:

Esta preposição, que nos veio de *ad*, indica, como no latim: a) **Movimento**: para algum lugar, em geral, *direcção*: ir á cidade, correr ás armas (eo ad patrem); b) **Proximidade**: [...]; c) **Atribuição**: [...]. Das trez relações fundamentais indicadas pela preposição *a* – *direção*, *proximidade* e *atribuição*, desenvolveram-se muitas outras: tendência; fim; distancia; tempo; modo; instrumento; matéria e objeto directo.²²

Outro argumento para entendermos a variação da preposição *a* associada ao verbo *ir* de movimento é justamente a expansão de usos dessa preposição no português, que passa a indicar várias significações nas relações entre os termos.

3.1.2 A preposição *in* > *em*

Sobre a preposição *em*, Pereira (1916, p. 562) menciona que deriva do latim *in*²³(onde), indicando hoje a relação de “lugar onde”. O autor expõe também que “em lat. ella designava duas relações: a) *logar onde*, regendo ablativo – *Sum in Italia=estou na Italia*; b) *logar para onde*, regendo accusativo: *Devenit in Italiam=veio á Italia*”. Ainda, sobre a mudança da preposição do latim para o português, o autor comenta: “na ling. antiga subsistiram as duas construcções; porém actualmente, no dialeto literario, só subsiste a primeira, a de ablativo ou de *logar onde*: *estar na sala, ficar em casa, correr na raia, andar em terra, viajar no mar, ir no bonde, subir na escada*”.

Em relação à preposição *em*, Dias (1970, p. 142-144) diz o seguinte:

a) A prepos. *em* designa o lugar *onde* uma cousa está ou se põe, tanto no sentido proprio como no translato, ou *onde* acontece: *estar em casa*, [...] b) o termo do movimento (no sentido proprio e no translato) designa-se não como tal, mas como lugar onde, sendo que se considera prolepticamente, não o movimento, a que se referem aquelles verbos e locuções, mas o estado que se seguem áquelle movimento.[...] A mesma syntaxe occorre no port. arch. medio com outros verbos avulsos: *sair, ir, em terra*.²⁴

²² W. Lindsay (1937, p. 147) *apud* Poggio (2002, p. 152) assinala que “a preposição latina *ad* provém do indo-europeu *ad sem indicar a que classe pertencia”.

²³ W. Lindsay (1937, p. 150) *apud* Poggio (2002, p. 189) afirma que “a preposição latina *in* possuía uma forma mais antiga *en*, preposição essa que corresponde ao indo-europeu *en, sem indicar a que classe pertencia. Em latim e em outras línguas, *en* possui a acepção de ‘em’ e de ‘dentro de’”.

²⁴ Dias (1970, p. 143) ao explicar sobre o uso da preposição *em*, para confirmar sua apresentação, coloca a seguinte observação: Júlio Moreira (*Est.*, cap. XXXIV) vê neste emprego do *em* a continuação do classico da prepos. latina *in* com accusativo. Os textos que cito do latim da extrema decadencia, aos quaes poderua ajuntar outros (Vid. Os indices da edição Teubneriana de Marcello e de Anthimo), parece que justificam a minha interpretação.

As noções de “estado” e de “movimento”, captadas na citação acima, ambas originariamente associadas ao uso da preposição *in*, acabam por levar a uma certa indefinição quanto ao uso das preposições *ad* e *in*, como veremos a seguir.

Rocha Lima (s/d, p. 223-231 *apud* BAGNO, 2001a, p. 250-251), em seu ensaio *Sobre o sincretismo de a e em no exprimir direção*, retraça a história das duas preposições do indo-europeu ao latim, e aponta que “no latim literário, uma e outra partícula [*ad* e *in*] serviam para indicar tanto a idéia de repouso como a de movimento” (p. 223). Diz o autor (op. cit.), ainda, que no latim vulgar:

Agravou-se a vacilação entre a idéia de repouso e a de movimento, e, pois, a confusão no emprego de *ad* e *in* – tudo favorecido, além do mais pelo amortecimento do *m* do acusativo, donde, foneticamente, *urbem* se igualava a *urbe*. Desde o século XI, deixaram, afinal, de distinguir-se construções do tipo IN URBE(M) IRE / AD URBE(M) IRE. [...] Por uma razão ou outra - e acima e além de quaisquer perquirições de causas -, esta verdade se impõe, incontestável: no latim do Império Romano, *ad* e *in* acumulavam, igualmente, a mesma “aptidão” para expressar repouso e movimento (p. 224).

Na mesma linha, Barbadinho Neto (1977, p. 60) assim se posiciona:

Vem do latim imperial a indecisão no uso das preposições *ad* e *in* para expressar respectivamente repouso e movimento. Eis a razão por que, em sua fase arcaica, passaram as línguas românicas, inevitavelmente, por um período de sincretismo. À proporção, porém, que se estabilizavam literalmente, foi esse sincretismo a pouco e pouco desaparecendo, ou atenuando-se, até que cada uma, com o passar do tempo, veio a fixar a sua norma vernácula.

Também comentando as duas preposições, Furlan (2006, p. 98) informa o seguinte: “Ad – 1 *ad urbem (ad curiam) ire, ir à cidade (à cúria); ad caelum spectare*, olhar para o céu; *ad ripam stare*, estar junto à ribanceira; *ad familiares litteras scribere*, escrever cartas aos familiares; [...] (grifo nosso)”, sendo que a preposição *ad*, nesse caso, rege o acusativo. Já para as preposições latinas *in* (*e sub*), que podem reger o acusativo ou ablativo, tem-se a definição: “*in* (*e sub*) levam ao acusativo os termos que exprimem **idéia de movimento para onde** – *quo*; levam para o ablativo os que exprimem **idéia de lugar onde** – *ubi*”. (op. cit., p. 101, grifo nosso)

Observando os comentários acima (especialmente o fato de que na língua latina há diferença de uso entre as preposições *ad* e *in*, e que também se tem *ad* e *in* para o caso acusativo), percebe-se que, com a perda dos casos latinos na evolução para o português, temos *ad* e *in* (que regiam o acusativo) e também *in* (que regia o ablativo) disputando um mesmo espaço sintático. Essa pode ser outra possível pista para a explicação da variação das preposições *a*, *para* e *em* no português atual.

Bagno (2001b, p. 141-142) recorre ao latim em busca de motivações para o uso variável das preposições *em* e *a* no português atual:

O português é uma língua derivada do latim e em latim a preposição IN (de onde veio o nosso EM) era usada com essa mesma finalidade. Na verdade, havia em latim uma concorrência entre duas preposições: AD (que deu o nosso A) e IN. Não havia uma separação rígida entre as funções das duas, e ambas podiam indicar tanto o *repouso*, a *localização* quanto o *movimento*, a *direção*. Essa dupla possibilidade de uso permaneceu em outras línguas da família, inclusive em suas normas-padrão, como o francês e o italiano. [...] No período de constituição da norma-padrão clássica literária do português, houve uma tentativa de delimitar de forma mais rígida o uso dessas duas preposições. Tentou se reservar a preposição A para indicar *movimento*, *direção*, *destino*, enquanto a preposição EM ficaria reservada para indicar *repouso*, *situação*, *localização*. Eu digo que se *tentou* porque mesmo em autores do período chamado *clássico* (a partir do século XVI) ainda se verifica a flutuação no uso das duas preposições.

Ainda considerando a influência do latim no português, o autor comenta a regência de alguns verbos de movimento, entre eles o verbo *ir*:

A língua trazida para as colônias portuguesas não foi a norma literária relatinizada, que só uma ínfima parcela escolarizada da população conhecia e utilizava, mas sim a língua falada pelo povo, na qual as formas arcaicas não tinham sofrido alteração e continuavam a ser usadas. Assim se explica o fato de até hoje a imensa maioria da população brasileira usar a preposição EM com os verbos IR, CHEGAR, VIR e outros com idéia de movimento. (BAGNO, 2001b, p. 142)

Antenor Nascentes (1953) também faz menção às preposições *in* e *ad* e ao verbo *ir*, quando diz que na língua latina se empregava “*in* com acusativo para o lugar para onde: *in urbem ire* [...] com o tempo, [...] substituído por *ad*”. O autor acrescenta que, “muitos verbos de movimento eram construídos com *em* no português arcaico e alguns ainda o são até hoje. [...] *ir* aparece assim construído” (Souza da Silveira *apud* NASCENTES, 1953, p. 172), e conclui “a explicação de Epifanio, **Sintaxe**, 1983, b. é mais aceitável. Considera-se, prolepticamente, não o movimento a que se referem os verbos, mas o estado que se segue àquele movimento.” (NASCENTES, p. 173)

Diante do fenômeno de variação que envolve o uso das preposições *in*>*em* e *ad*>*a*, Bagno (2001a, p. 251) aponta que “as línguas românicas, no entanto, à medida que foram se tornando línguas literárias e se normatizando, caminharam na tendência da especialização, reservando *ad* para movimento e *in* para repouso”.

Essas considerações de Bagno (2001b) vêm dar mais sustentação à nossa linha de raciocínio de que a variação encontrada entre as preposições *a*, *para* e *em* tem motivações no latim.

3.1.3 A preposição *per ad* > *para*

A preposição *para*²⁵ é resultante da combinação de *per* + *ad*. Pereira (1916, p. 564) diz que “a prepos. *para*, do b. lat. *per* + *ad* (arch. *pera*) traz como a prep. *a*, que encerra em si, a idéia fundamental de direcção e movimento para alguma parte”. O autor ainda faz uma observação sobre o uso da preposição *para*:

As relações de *direcção* e *movimento* podem quasi sempre, ser igualmente indicadas pela prepos. *a*; com a diferença, porém, que *para*, por força da prepos. *per*, que encerra, indica essas relações com mais intensidade ou demora. [...] Quanto ao movimento, *para* desperta a idéa de *demora* ou *permanencia*, e *a* ao contrario: *ir para o Céu* e *ir para o Rio* e *ir ao Rio*. *Entrar para o teatro*, suscita a idéa de permanencia, profissão, e *entrar ao teatro* ou *no teatro*, apenas a idéa de penetrar no edificio. No fallar pausado do Brasil, emprega-se mais frequentemente o dissyllabo *para*, que os portuguezes, os quaes dão preferencia em certas phrases ao monosyllabo *a*. (PEREIRA, 1916, p. 564-565)

Sobre a origem da preposição *para*, Said Ali (1965, p. 216) dispõe que *pera* ter-se-ia originado de *per ad* ou de *pro ad*, sendo essa última forma, segundo o autor, etimologicamente a mais correta.

Dias (1970, p. 108), sobre o uso das preposições que substituem os casos latinos dativo e o acusativo, considera:

O dativo latino foi substituído já pela prep. *a*, já pela prep. composto *para* ou (segundo a pronuncia mais antiga) *pera*. O dativo conserva-se excepcionalmente nos pron. pessoas e no pron. reflexo. [...] No próprio latim preromânico o emprego do dativo ou de *ad* é ás vezes indifferente (*litteras mittere alicui* ou *ad alicquem*).

Ainda sobre o uso das preposições, Dias (1970, p. 109), para *a*, menciona “a prepos. *a*, designando o objecto a que vae referir-se a acção de um verbo[...] que substituíram [...] verbos latinos que pedem dativo ou *ad*”. Em outro momento de sua gramática, o autor (op. cit., p. 117), sobre a diferença de uso das preposições *a* e *para*, comenta:

Depois de alguns verbos, e nomes, de movimento para um lugar (*ir*, *vir*, *voltar*, *tornar*, *ida*, etc.), *a* dá a entender que *a ida*, etc., é só para certo fim, voltando-se depois, ao passo que *para* não envolve tal idéia. Antes, porém, de certos substantivos, *a* e *para* tem outra diferença de significação, assim em *ir para a aula*, *para* só designa o termo de movimento, em *ir á aula*, *a* allude ao que lá se vae fazer.²⁶

²⁵ Sobre a preposição *para*, A. G. da Cunha (1991) apud Poggio (2002, p. 239) assinala que essa preposição deriva do “latim *per ad*, através da variante antiga *pera*, é muito freqüente em textos medievais. [...] só a partir de meados do século XVII, é que a forma atual *para* começa a suplantar a antiga forma *pera*”. Já segundo J. P. Machado (1977) apud Poggio (2002, p.239) a preposição *para* provém de “*pora* (*por* + *a*) e esse vocábulo não está documentado antes do século XVI”.

²⁶ Gramáticos modernos, como Almeida (1969) e Bechara (1997), seguem essa mesma orientação para a diferença de uso das preposições *a* e *para*, ou seja, *a* está associada ao traço semântico [permanência].

Se essa distinção continua válida nos dias de hoje, pode-se pensar que o falante, ao fazer uso das preposições *para* e *a*, deveria, em tese, captar uma diferença de significados, seja em termos de finalidade, ou de permanência. Mollica (1996) e Ribeiro (1996), em seus trabalhos, testaram a relevância do traço semântico [\pm permanência] conforme veremos adiante.

Poggio (2002, p. 149) sobre a mudança do latim, menciona:

A mudança da ordem mais livre das palavras no latim para a ordem mais fixa no português, provocada pela perda dos casos morfológicos, é considerada como um processo de gramaticalização em que se substitui o valor expressivo da maior liberdade da ordem, no latim, pela rigidez mais gramaticalizada e pela ampliação no uso de preposições para indicar funções sintáticas, nas línguas românicas.

Dessa forma, as preposições que eram empregadas para a marcação dos casos ablativo ou acusativo em latim, passaram, no português, a introduzir complementos verbais, nominais, adjuntos adverbiais e adjuntos adnominais.

Em suma, verifica-se que elementos morfológicos foram com o tempo sendo substituídos por construções sintáticas, ou seja, o que em latim era expresso pelos casos, por uma flexão, passa nas línguas românicas a ser expresso através de construção sintática. Isso, por sua vez, leva o sistema preposicional do PB a uma reestruturação. A mudança nos padrões sintáticos e o enriquecimento funcional das preposições pode ser indício de uma possível explicação para entender a variação das preposições *a*, *para* e *em*.

3.1.4 Motivações fonológicas para a mudança no uso das preposições

Pontes (1992, p. 22) oferece, como uma explicação provável para a substituição da preposição *a* por *em* na maioria de suas ocorrências no português falado, a reduzida massa fonológica de *a*, o que faz a preposição ser confundida com o artigo *a*:

Esta preposição átona é muito reduzida fonologicamente. Além disso, se confunde com o artigo definido *a*, quando diante de palavra feminina: “Vou à cidade”. Em Portugal não existe ainda uma oposição fonológica entre a preposição *a* pura e simples e a mesma em contração com o artigo: *à*. A primeira é uma vogal fechada e a segunda mais aberta (além de, conseqüentemente, uma ser mais alta do que a outra. [...]). Já no Brasil, nós não temos esta distinção, e a crase, por isto, ficou um sinal meramente gráfico, sem nenhuma contrapartida fonológica. Por isto, o povo, sentindo a confusão da preposição *a* pela preposição *em*, que tem um fonema *a* mais (/êy/) e que, quando diante de um artigo, apresenta a forma *no*.

Pontes (op. cit) salienta que os usos de *a* em língua falada são casos de expressões congeladas de tempo (*40° graus à sombra*) ou metáforas de tempo (*A vida fica a duas horas*

daqui). No caso da expressão *a trinta quilômetros*, a autora considera igualmente caso de expressão congelada. Segundo ela, “quanto mais longe do significado de espaço, mais as expressões com *a* se conservam (exemplo: às vezes (tempo); à força (noção)’ (p. 24).

Bagno (2001a, p. 253), para explicar o uso cada vez menos freqüente da preposição *a*, o faz através da seguinte hipótese:

o fato de haver outros itens gramaticais na língua com a mesma realização fonética: o verbo *há* e o artigo feminino *a* (coincidência também ortográfica). Para eliminar as eventuais dificuldades causadas pela existência de três itens gramaticais com igual pronúncia, o português do Brasil preserva o artigo *a*, substitui o verbo *há* por *tem*, e a preposição *a* por *em* ou *para*, conforme o verbo. No caso da preposição, pode se considerar seu desuso também como um recurso para se esquivar do uso de *à*, em que a fonética brasileira não dispõe (como a portuguesa) de duas vogais centrais distintas, uma mais aberta (quando tônica ou resultante de crase) e outra mais fechada (quando átona).

Explicar a variação no uso da preposição *a* como motivada por redução fonológica parece algo plausível, conforme apontado pelos autores acima. No entanto, há outros fatores em jogo. Observe-se, por exemplo, os dados abaixo:

- (a) Vou *a* campo (fazer pesquisa).
- (b) Vou *no* campo (jogar futebol ou ver o jogo).

O uso de *a* e de *em* nas ocorrências (a) e (b), respectivamente, não parece estar associado à redução fonológica, mas sim ao significado do complemento locativo do verbo. Assim, é necessário verificar a atuação de fatores de diferentes níveis lingüísticos que possam estar influenciando na variação das preposições.

3.2 A visão tradicional²⁷

A definição de preposição encontrada nas gramáticas normativas pode ser resumida como “palavras invariáveis que ligam dois termos, chamados antecedente e/ou regente e conseqüente e/ou regido, em uma relação em que o primeiro termo completa ou explica o sentido do segundo” (BECHARA, 1997; ROCHA LIMA, 1997). Ainda segundo as gramáticas de orientação tradicional, a regência é a relação de dependência que as palavras mantêm entre si na frase. A palavra dependente denomina-se regida, e o termo a que ela se subordina, regente. Quando o termo regente é um verbo, a relação que se estabelece entre ele e seu complemento chama-se regência verbal.

²⁷ Nesta seção, incluímos gramáticos que, em geral, costumam ser rotulados como normativistas. Ressalva seja feita a Saïd Ali que, pela natureza de sua obra, poderia figurar entre os autores que identificamos como “descritivistas”.

Soares Barbosa (1881; p. 218-236) *apud* Castilho (s/d. b, p. 15) define a preposição como “uma parte conjuntiva da oração, que posta entre duas palavras indica a relação de complemento que a segunda tem com a primeira”; além de reconhecer duas classes de preposições (preposições de estado e existência e preposições de ação e movimento). Interessa-nos a definição das preposições de ação e movimento:

SEGUNDA CLASSE – PREPOSIÇÕES DE AÇÃO E MOVIMENTO. Toda a acção é um movimento ou real ou virtual, e todo o movimento tem um princípio d’onde parte, um meio por onde passa, e um fim aonde ou para onde se dirige. Estas são as relações geraes das preposições activas, cujo primeiro destino, tendo sido o de indicar o logar d’onde começa qualquer movimento, o espaço por onde passa, e o termo aonde se encaminha; d’aqui, por analogia do espaço local com o espaço do tempo, passaram a significar as mesmas relações por ordem ao tempo em que uma coisa começa, pelo qual continua, e aonde termina”. Preposições: de, desde, por, pertencentes ao lugar de onde; per, pertencente ao lugar por onde; a, até, para, pertencentes ao lugar para onde.

Said Ali (1965, p. 203) observa que há pontos de encontro entre advérbios e preposições, mas distingue-os pela função desempenhada, enquanto os advérbios se juntam ao verbo, adjetivo ou advérbio para modificá-los:

Desempenham as preposições papel análogo ao dos sufixos dos antigos casos oblíquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes [...] para lhes acrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc, e este resultado se obtém mais completamente e com mais clareza do que era possível com os poucos casos oblíquos da declinação latina.

Sobre o uso das preposições, Said Ali (op. cit) destaca os seguintes usos em português:

A. conceito de direção, movimento para algum ponto, aproximação a final, junção. Há concorrência atual com *para*, que lhe cerceia os empregos. Lugar onde, ponte terminal: *Estar à mesa, à esquerda*. É usada para locuções de tempo: *às três horas, a 22 de julho*. EM. exprime interioridade com referência tanto a lugar como a tempo. Trás, atrás de, detrás. Com verbos de movimento, significa ‘após’: *E assi correndo tras elle*. Pós, após, em pós de, pós. São formas desusadas. Exceto *após*. Usos com sentido de ‘depois de’ ou ‘atrás de’, com verbos de movimento. Per, por, pera, para. *Por* tem uso atual de ‘em lugar de’: *Por cobre teriam ouro*. *Para* denota lugar para onde, destinação, sendo usada em variação com *a*, sendo a diferença de difícil percepção. Se houver, *para* indica demora, *a*, efemeridade.

Quanto à regência do verbo *ir*, há gramáticas que o classificam como intransitivo, ao qual se podem ligar adjuntos de lugar preposicionados (CEGALLA, 1978, p. 223). Seguindo outro caminho de análise, Nascentes (1960, p. 17-8) afirma que, “tratando-se de verbos intransitivos de movimento, o complemento de direção não pode ser considerado elemento meramente acessório”.

Cunha & Cintra (2001, p. 561) apontam que:

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não distingue os advérbios e locuções adverbiais de valor puramente acidental dos que são necessários ao entendimento da oração. Considera, pois, ADJUNTO ADVERBIAL, ou seja, um termo acessório dela, o COMPLEMENTO DIRECIONAL que aparece em frases como *Fui a Cambridge, Vim de Lisboa, Voltei do colégio*. Julgamos que a *Nomenclatura* deve ser revista neste ponto e que Antenor Nascentes tem razão quando afirma que, “tratando-se de verbos intransitivos de movimento, o complemento de direção não pode ser considerado elemento meramente acessório. (*O problema da regência*, 2.^a ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960, p. 17-18).

Viggo Bröndal (1950) *apud* Borba (1971, p. 80) salienta que “o primeiro sentido, comum a todas as preposições é o espaço-temporal, ou melhor, a localização no espaço ou no tempo”. Ele explica que “a imagem sensorial é a primeira que se apresenta e muitas vezes é indispensável como ponto de partida do pensamento, ainda que a língua nem sempre se assente sobre imagens sensoriais”.

Bueno (1956), em sua gramática, descreve as preposições:

a. lugar, direção: *Ir à cidade*; lugar: onde, junto a: *estar à porta*; distância: *A escola fica a dez passos daqui*; tempo em que: *Nasceu às três da manhã*; tempo iminente: *Ia a dizer-lhe*.

em. lugar onde: *estou no colégio*; tempo: *Na calada da noite*.

para. lugar, destino: *Ir para Santos*; tempo: *para as férias, farei isso*.

Para Bueno (1956), as noções *origem* e *destino* são hiponímicas em relação à ‘lugar’.

Cunha e Cintra (2001), sobre o uso das preposições, apresentam:

- a) a preposição *a* “indica movimento: direção a um limite” (p. 562);
- b) a preposição *em* indica movimento: “1. superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de: no espaço; no tempo; na noção; 2. Situação: posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de” (p. 570);
- c) e a preposição *para* indica movimento: “tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da idéia de direção sobre a do término do movimento” (p. 573).

Bechara (2003), em sua gramática, também propõe uma diferença entre o uso das preposições *a* e *para*, e menciona que:

o sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo. Ao primeiro campo pertencem: *a, contra, até, para, por, de e desde*. [...] O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: a) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a, contra, até, para*). [...] O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: a) “**chegada ao limite**” (*a, até, contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); b) “**mera direção**” (*para*). (2003, p. 298-299; grifo nosso)

Assim, Bechara (1977, p. 283-293) apresenta o verbo *ir de movimento* como um verbo que deve sempre ser empregado com as preposições *a* e *para*, admitindo-se uma sutil diferença entre as duas preposições:

- a) a preposição *a* “introduz numerosas circunstâncias, tais como termo de movimento ou extensão: Fui à cidade” (BECHARA, 1977, p. 285);
- b) e a preposição *para* “denota termo de movimento, direção para um lugar com a idéia acessória de demora ou destino: Foi para Europa” (BECHARA, 1977, p. 293).

Já a preposição *em* denota “1) lugar onde, situação: *Foram-se mais tempestades em nós mesmos que no ar*. 2) tempo a que se destina um objeto ou ação: *Vou aí para as seis horas*”. (p. 315)

Bechara (2003) mostra que a preposição *a* não só introduz complementos verbais (OI/OD) e complementos nominais, como também numerosas circunstâncias²⁸. Além disso, o autor observa ainda que com os verbos: limpar, enxugar, assoar, os brasileiros preferem o uso de *em* e os portugueses o *a*: Limpar as lágrimas *no lenço*. Limpar as lágrimas *ao lenço*.

Napoleão de Almeida (1969, p. 308), sobre os verbos *ir* e *vir*, afirma que “a preposição *a* denota transitoriedade de movimento, ao passo que *para* indica permanência ou destino”.

28

- a) Termo de movimento ou extensão: Levei-os *ao banco*. Fui *ao banco*.
- b) Tempo em que uma coisa sucede: Ia por ali *às vezes*.
- c) Fim ou destino: Apresentaram-se a falar *ao imperador*.
- d) Meio, instrumento, modo. Fechar *à chave*, Falar *aos gritos*, andar *a cavalo*.
- e) Lugar, aproximação, contigüidade, exposição a um agente físico: Vejo-a assoar *à porta*. Estar *à janela*.
- f) Semelhança, conformidade: Falou *ao modo bíblico*.
- g) Distribuição proporcional, gradação: Um *a* um.
- h) Preço: *a um real*.
- i) Posse. Tomou o pulso *ao doente*. (do doente).

Para o autor (op. cit), as preposições definidas em relação às noções de espaço e tempo são *a* e *em*. Vejamos: “*a* indica *quietação*, *estada* num lugar, *movimento* para um lugar. Exemplo: *Estivemos à janela* (quietação). *Dirigimo-nos à (para a) janela*. (movimento)” (p. 336). Da segunda, ele escreve “não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica *lugar onde*. Exemplo: *ir ao colégio* e *não ir no colégio*. Exceção: *ingressar no seminário*” (p. 337). Nessa última definição, percebe-se que o autor remete a definição aliada ao traço semântico “permanência” para classificar a expressão ‘ingressar no seminário’.

A diferença no uso das preposições *a* e *para* é baseada na oposição ‘estada provisória’ e ‘estada permanente’ é apresentada tanto por gramáticos (ALMEIDA, 1969; SAID ALI, 1965; BECHARA, 2003) quanto por lingüistas (FIORIN, 2002; BAGNO, 2001b).

Com base nas considerações expostas até aqui, pode-se supor que os falantes deveriam captar uma diferença entre os usos das preposições *a* e *para*, sendo *a* associada ao traço [-permanência], e *para* a [+ permanência]; além disso, a preposição *em* seria associada a interioridade (cf. CUNHA & CINTRA, 2001). Em nossa análise, podemos avaliar a produtividade de tais associações através das variáveis [\pm permanência] e [\pm fechado], essa última concernente ao local, conforme será visto adiante.

A tradição gramatical costuma prescrever, em relação ao uso da regência verbal do verbo *ir de movimento*: “deve ser empregado apenas com as preposições *a* e *para*” [...] “os verbos de movimento exigem *a*, e não *em*” (SACONNI, 1996). Todavia, encontramos na gramática de Artur de Almeida Torres (1967, p. 87) os seguintes exemplos: “*ir passear a Petrópolis*. [...] *Fui descansar em Friburgo*”, nos quais vêem-se claramente tanto o uso da preposição *a* como *em* associadas a verbos de movimento.

Assim, o emprego da preposição *em*, proibido por alguns gramáticos junto ao verbo *ir* conforme visto acima, é autorizado pelos mesmos gramáticos, quando tratam da regência de outros verbos de movimento, como por exemplo os verbos *saltar*, *entrar*, *cair* e *tornar*, como nas seguintes construções “*saltar em terra*. *Entrar em casa*” (BECHARA, 1983, p. 292), e “*tornar em si*, *cair no lago*”. (ROCHA LIMA, 1983, p. 345).

Na língua falada, porém, encontra-se o uso freqüente das preposições *para* e *em*. Sobre essa variação, Lessa (1966, p. 85), em seu trabalho, afirma que “o emprego da preposição *em* com verbos de movimento é, nos dias de hoje, sintaxe caracteristicamente brasileira, pouco importando que também tenham usado em Portugal, há quatrocentos anos atrás”. Ainda sobre

isso, J. Leite de Vasconcellos (*apud* POGGIO, 2002, p. 197) registra que no português do Brasil emprega-se *em*, no lugar de *para* ou *a*, com verbos de movimento. E Nascentes (1953 *apud* MOLLICA 1996) aponta a regência *em* como característica do português falado no Brasil pelas camadas populares.

É interessante destacar a proposta feita por Rocha Lima (1972, p. 322-52), de identificar, isoladamente, o uso e o significado de cada preposição²⁹:

a: 1. introduz o objeto indireto; 2. introduz o objeto direto preposicional. 3. rege o complemento de muitos adjetivos; 4. Enceta o complemento de alguns substantivos verbais. Encabeça complementos circunstanciais, exprimindo relações de: termo de um movimento, proximidade, posição, direção, distância, tempo, concomitância, motivo, fim, modo, conformidade, meio, causa, instrumento, quantidade e referência; 6. junto a verbo no infinitivo, forma orações reduzidas; 7. forma locuções adverbiais. **em:** 1. indica: lugar onde (interior e exterior), tempo, estado, mudança de estado, preço e modo; 2. em vestígios do Latim como: em memória de, em lembrança de, etc.; 3. precede o gerúndio; 4. em construções como: crer em, pensar em, etc.; 5. em construções como: em comparação de, em paridade, em meu juízo, etc. **para:** 1. introduz o objeto indireto; 2. estabelece relações de: lugar para onde, direção, fim e consequência; 3. em construções como: 3 está pra 6, alguém não é para tal trabalho, jornada pra 1 dias, mantimentos para um mês, bondoso pra (com) os amigos; 4. introduz uma oração de forma subordinada, porém de sentido fortemente independente da principal.

Ao longo desta seção, pôde-se observar que os autores (às vezes coincidentemente, outras vezes de forma divergente) transitam entre critérios semânticos e sintáticos para descrever as preposições e seus usos. Pode-se dizer que não há uma regularidade sistemática em termos de critérios usados nas descrições. Por outro lado, se priorizado o critério sintático focado na regência verbal, não se captam os matizes de significados envolvidos; se priorizado o critério semântico, notadamente associado ao complemento locativo, pode-se perder aspectos de ordem sintática. Além disso, as gramáticas trazem, para ilustrar suas normas e descrições, frases descontextualizadas. Esse tipo de descrição não contempla a diversidade lingüística existente no PB.

Vieira (2007, p. 4), sobre o assunto, comenta que:

De maneira geral, as preposições não têm tido um tratamento adequado nas gramáticas, uma vez que as descrições são fragmentadas e esparsas, localizadas em partes não relacionadas entre si. Elas tanto são abordadas no capítulo referente às classes de palavra, quanto no capítulo que trata da regência, ou na parte referente à crase. O que também é comum, na maior parte delas, é a falta de referência ao aspecto semântico das preposições.

²⁹ Destacamos somente os significados atribuídos às preposições *a/para/em*.

Assim, torna-se evidente a necessidade de se realizar uma análise descritiva dos usos lingüísticos reais, portanto contextualizados, com controle de fatores de natureza variada (morfofossintático, semântico etc).

3.3 Visão descritivista³⁰

A noção de regência é basicamente a mesma apresentada na seção anterior. De acordo com Câmara Jr. (1992, p. 207), a regência, em seu sentido geral, é “a marca de subordinação de um vocábulo determinante ao seu vocábulo determinado num sintagma”. Tratando especificamente da regência do verbo *ir*, o autor (1976, p. 179-180) distingue o uso da preposição *a* do uso de *para*:

De uma aglutinação de **per** e **ar**, processada no latim vulgar imperial, surgiu a preposição **para** (port. Arc. **Pera**), que, de início, marcava um percurso com direção definida e, em português, torna a indicação de direção mais complexa, inclusive com as noções complementares de “chegada” e “permanência”; daí, a oposição entre – **ir a Paris**, com a significação geral de direção, e **ir para Paris**, com a significação a mais de ali se estabelecer.

O autor ainda observa (1992, p. 81-3) uma relação sintática entre as preposições e as conjunções:

As conjunções vêm a ser, portanto, dois grupos de conectivos de natureza e função diversas; há gramáticos que os classificam separadamente e consideram conjunções propriamente ditas apenas as coordenativas, opondo os conectivos coordenativos, ou conjunções, aos subordinativos, em que se incluem as preposições.

Em seu dicionário de regência verbal, Luft (1995, p. 342), ao apresentar os significados do verbo *ir*, traz duas observações adicionais:

OBS.¹ Diferença entre *ir a/ir para*: ***ir a um lugar* traduz “a idéia de lá não se demorar, de não assentar lá a sua residência, ou de voltar breve” (Aulete); *ir para um lugar*, quando há “intuito de lá estabelecer residência ou de lá permanecer mais ou menos tempo” (id.). Além disso, *para* “distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida” (Cunha, 1972:26). Na fala brasileira, prevalece *para* (em qualquer dos dois sentidos) sobre o *a*, de pouco uso por falta de corpo fonético. OBS.² No português brasileiro também ocorre *ir em*, sobretudo na fala, o que pode ser até sobrevivência da língua arcaica, herança da língua-mãe (lat. *in urbem ire*): *Vou em casa. Foi no centro (no médico, no cinema, etc.)*. V. documentação literária em Nascentes (1953:171-4), Lessa (81-3, 186-8), Barbadinho (60-2). Escreveu Mario de Andrade (Lessa: 187) em carta a Manuel Bandeira: “Os portugueses dizem *ir à cidade*. Os**

³⁰ Ressaltamos que a divisão que estabelecemos entre a visão “descritivista” e a visão “(sócio)lingüística” (3.4) é um tanto arbitrária. A intenção foi a de dar destaque para o conjunto de trabalhos empíricos que contempla a variação. Por outro lado, procuramos assinalar a diferença entre uma abordagem predominantemente normativa (3.2) e outra descritivista.

brasileiros: *na cidade*. Eu sou brasileiro”. Mesmo assim, em linguagem culta formal, sobretudo escrita, recomenda-se *ir a* ou *para*. (grifo nosso)

Veja-se que Luft diferencia os usos de *a* e *para* na regência do verbo *ir*: a primeira associada à noção de [+ permanência] e a segunda associada à noção de [- permanência]. Percebe-se um refinamento descritivo, em relação, por exemplo, a Barbosa (1881) que situa tanto *a* como *para* entre as preposições pertencentes ao lugar para onde (cf. visto na subseção anterior).

Borba (1971, p. 133), por sua vez, em relação aos verbos *ir*, *vir*, *levar*, *chegar*, *conduzir*, *voltar*, *mandar*, *descer* etc., menciona que a preposição *a* indica a direção desse movimento, como em *ir ao restaurante*, *voltar à fazenda*, ao passo que a preposição *em* indica que o falante não está interessado em representar a direção em si, mas apenas sua inclusão no ponto de chegada, como em *ir no restaurante*, *voltar na fazenda*. Ainda sobre o uso das preposições *a* e *em*, Borba (1971, p. 142) acrescenta que para a indicação de datas, *a* “tem valor pontual”, como em “às oito horas, às nove horas”, ao passo que *em* indica a duração, empregando-se com períodos mais longos, como em “em agosto, em 1970”.

Já em seu *Dicionário de usos do português do Brasil*, Borba³¹ (2002, p. 909), entre os usos para o verbo *ir*, apresenta o seguinte: “[± compl. de direção] **1** pôr na direção; deslocar-se: *Vou a casa do compadre (M)*; *Desde os 15 anos tinha vontade de ir para os Estados Unidos (Z)*; *Hoje vai mais cedo, Siá Genoveva? (TS)*; *ia muito na casa de Armando (ED)*” (grifo nosso). Nesses exemplos podemos verificar a presença das preposições *a/para/em* no complemento locativo do verbo.³²

Neves (2000, p. 601) utiliza um critério semântico para definir a classe das preposições como pertencente à “esfera semântica das relações e processos atuando na junção dos elementos do discurso”. A autora distribui as preposições em três grupos: *preposições*

³¹ Procurando verificar a relação entre frequência de uso e a significação gramatical do item léxico, Borba (1980) analisa um *corpus* de 260 páginas escolhidas aleatoriamente de textos escritos (jornais, revistas, peças de teatro, crônicas etc.) tendo encontrado 8.671 ocorrências de preposições, que foram classificadas em três grupos (frequência alta, média, baixa), sendo que a classe ‘frequência alta’ teve como resultado: *de* (4.158), *em* (1.620), *a* (816), *para* (658), *com* (40), *por* (524). O autor não menciona a qual tipo de verbo estão associadas as preposições.

³² A frequência de uso (cf. BYBEE, 2003) de certa construção sintática caracteriza o processo de regularização em uma língua, assim quando uma nova forma passa a ocorrer com determinada frequência crescente, deixa de ser uma ocorrência aleatória, e a recorrência dessa nova forma em uma comunidade de fala passa a ser aceita, e se difunde nessa comunidade. Assim, o aumento da frequência de uso de uma estrutura reflete o seu processo de gramaticalização.

*introdutoras de argumentos, preposições não-introdutoras de argumentos*³³ e *preposições acidentais*. As duas primeiras equivalem às preposições essenciais da gramática tradicional. São elas: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre*.

Segundo Neves (2000, p. 675-7), a preposição *em* estabelece relações semânticas no sintagma verbal (adjunto adverbial), ou seja, em uma estrutura formada por [verbo + preposição *em* + sintagma nominal]. De estruturas dessa natureza podem ser depreendidas relações de circunstanciação que apontam para várias situações: “as diversas indicações locativas expressas por *em* + sintagma nominal podem referir-se não a um espaço real, mas a um espaço abstraído (em + sintagma nominal com substantivo abstrato)” (p. 676).

A preposição *a*, segundo a autora (op. cit), introduz complemento ao verbo, sendo que o complemento “se refere a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência (meta)”. Com verbos [+dinâmicos] indicam: [...] “movimento em direção a um lugar” (p.603-605).

A preposição *para* introduz complemento ao verbo, sendo que “o complemento se refere a um ponto de chegada, a um ponto de destino, a um ponto final”, e com verbos [+dinâmicos], indicam “movimento em direção a” (p.691).

Travaglia (1985) propõe que o sistema de preposições apresenta-se em dois níveis: o da língua (entendida como estrutura abstrata) e o da fala ou discurso. No nível da língua, as preposições apresentam uma imagem representativa básica da qual surgem, por um processo de dedução metafórica, uma série de significações dependentes do contexto, tais como: estado, origem, posse, fim, meio, causa, instrumento, companhia, tempo, lugar, etc. Para o estabelecimento da imagem representativa básica das preposições, o autor utiliza dois traços fundamentais: localização e direção. A direção é a negação da localização (ou posição ou situação), e a localização pode ser um ponto de partida ou de chegada, ou o caminho entre os dois. Esses traços, segundo Travaglia (1985), podem ser tomados no espaço, no tempo ou na noção, conforme quadro³⁴ abaixo, apresentado pelo autor:

³³ Em Neves (2000), as preposições introdutoras de argumentos são aquelas que funcionam no sistema de transitividade, isto é, introduzem complemento bem como relações semânticas; as não-introdutoras não funcionam no sistema de transitividade, estabelecendo apenas relações semânticas. As primeiras são *a, até, com, contra, de, em, entre, para, por, sob, sobre*. As segundas são *ante, após, desde, perante, sem*.

³⁴ Consta no quadro, somente os referentes às preposições *a/para/em*.

Preposição	Traços constitutivos da significação básica	Aplicação no espaço, tempo e noção
Em	1. localização geral (interior ou exterior ao local) 2. localização + contato com o limite da localização 3. direção (movimento) + superação de um limite de interioridade 4. direção + alcance de uma localização	Espaço, tempo e noção para 1, 2, 3 e 4.
A	1. direção B + observador no ponto de partida 2. localização	Espaço, tempo e noção para 1 Tempo e espaço para 2
Para	1. direção B + observador no ponto de partida + ênfase no limite de que se aproxima	Espaço, tempo e noção.

(Adaptado de TRAVAGLIA, 1985, p. 17)

Diante do exposto acima, percebe-se que Travaglia atribui traços semelhantes aos indicados pelos diferentes autores citados neste capítulo para o locativo do verbo IR, como, por exemplo, localização geral = fechado/aberto.

Resta-nos ainda mencionar que há estudos considerando a descrição semântica centrados nas noções de *espaço* e *tempo*. Analisando Cunha (1985), Neves (2001) e Silva (2005), tem-se o quadro abaixo:

Preposição	Espaço	Tempo
A	1.direção a um lugar ou limite	1. ponto no tempo
	2.distanciamento	2.com verbo:concomitância
	3.localização	3.Com dias de semana; tempo habitual
	4.ponto final no espaço	4.Com datação: ponto final do decurso do tempo
Em	1.lugar em que se está ou chega	1.ponto no tempo com certa duração
	2.superação de limite de interioridade	2.limite temporal (=no prazo de)

	3.contato com certa duração	3.espaço do tempo em que algo ocorre
	4.situação medial	
	5.Contigüidade	
	6.localização inexata	
Para	1.ponto de chegada	1.tempo
	2.movimento de direção a um limite	
	3.inclinação	
	4.afastamento	

Distanciando-se da idéia de [\pm permanência], Fiorin (2002, p. 172-177) propõe a seguinte categorização para as preposições ou locuções prepositivas temporais: *concomitância* e *não concomitância* (*anterioridade* vs. *posterioridade*). Uma outra categoria utilizada para a organização das preposições temporais é o *aspecto*. O autor organiza a categoria aspecto da seguinte forma: *pontual* vs. *durativo* (*incoativo* vs. *terminativo*). Tem-se para o aspecto incoativo-durativo o começo de processo em duração temporal, sendo indicado por *desde*, *a partir de*, *a começar de*. O aspecto terminativo-durativo marca o ponto final do processo em duração temporal, sendo indicado pela preposição *até*. As preposições *a* e *em* podem ser consideradas, dessa forma, pontuais e durativas, pois marcam um momento inscrito no enunciado.

3.4 Trabalhos de orientação (socio)lingüística

3.4.1 MOLLICA (1996)

Esse trabalho³⁵ foi desenvolvido sob a perspectiva sociolingüística com base em dados extraídos da fala de 64 informantes da Amostra Censo/UFRJ³⁶, com as seguintes hipóteses: a) o emprego variável da regência verbal não é aleatória, o que torna possível seu estudo numa

³⁵ O trabalho de Mollica (1996) é apresentado em dois capítulos (capítulo 6 e 12) no livro *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. Capítulo 6, p. 147-167 e capítulo 12, p. 283-293.

³⁶ O corpus é constituído de entrevistas com a denominação: fala espontânea carioca.

perspectiva variacionista; b) na fala carioca, os empregos de *a/para versus em* têm condicionamentos específicos; c) há uma hierarquia entre *a* e *para*, numa escala em que *a* seja considerada mais padrão que *para*, e uma terceira forma *em*, não-padrão.

A autora considera as três variantes (*a/para/em*) no sintagma preposicionado, e verifica a pertinência das variáveis lingüísticas: configuração do espaço; grau de definitude; e traço de permanência.

Em relação à variável *configuração no espaço*, os locativos são distinguidos por traços [+ fechado] e [- fechado]. Para a autora, a intenção quanto à postulação desses traços baseia-se na hipótese de que a preposição *em*, além da noção de movimento quando acompanha o verbo *ir*, conota o sentido de “estar dentro”, sendo mais provável com locativos de traço [+ fechado]: recinto cujo espaço seja mais demarcado. Os critérios utilizados pela autora para caracterizar essa variável foram os seguintes: a) para [+ fechado] – “lugar cercado, com uma entrada definida, com ou sem teto” (ex.: cinema, clube, casa, colégio, Maracanã); b) para [- fechado] – “lugar indefinido e/ou abstrato e os considerados de difícil classificação” (ex.: porta, médico, esquina, praia, baile, mãe) (MOLLICA, 1996, p. 155-156).

Os resultados reproduzidos abaixo na tabela (1) apóiam a hipótese da autora, de que *em* associa-se a determinado traço semântico do nome (N) do complemento locativo ao qual a preposição acrescenta valor significativo de “estar dentro” além do previsto de “movimento”.

TABELA 1 – Configuração do espaço A/PARA (padrão) X EM (não-padrão)

FATORES	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[- fechado]	234/366	64%	,57
[+ fechado]	146/344	42%	,42

(MOLLICA, 1996, p. 157)

Já sobre a variável *grau de definitude*, o estudo da autora testa a hipótese de que, quanto mais definido o referente, mais chance de ser regido por *em*, já que indica “lugar onde” além de “movimento” dado pelo verbo *ir*; por outro lado, quanto mais indefinido, vago e/ou impreciso for o referente locativo, tanto maior a chance de ocorrer *a/para*, onde apenas a noção de movimento está presente. Assim, os traços controlados foram: presença/ausência de determinante de N, e traços de natureza semântica: definido/não definido.

Os critérios usados para essa variável foram os seguintes: a) para [+ definido] – “referente conhecido do falante e do ouvinte, facilmente identificável” (ex.: MEC, o sindicato, Copacabana); b) para [- definido] – “referente vago, impreciso, pouco identificável pelo falante e/ou ouvinte” (ex.: qualquer lugar, psiquiatras, teatro); c) para [+ determinante] –

presença de artigos e pronomes (ex.: a tia, uma festinha, qualquer lugar); e d) para [-determinante] – ausência de artigos e pronomes (op. cit, p. 159-160). Observe-se que essa variável é complexa, envolvendo fatores de natureza diversa: os primeiros são morfossintáticos, e os últimos são semântico-discursivos. Dessa conjugação de traços, resultam *graus de definitude dos referentes*: o maior grau de definitude envolve referentes marcados positivamente quanto à definitude e à determinação; o grau intermediário corresponde a referentes com um traço positivo e outro negativo; e o menor grau de definitude envolve referentes marcados negativamente quanto à definitude e determinação.

Na tabela (2) abaixo, apresentamos os resultados encontrados no estudo de Mollica (op. cit.).

TABELA 2 – Grau de Definitude de N Locativo A/PARA (padrão) X EM (não-padrão)

FATORES	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[+determinante] [+definido]	208/467	45%	,31
[+determinante] [-definido]	60/97	62%	,43
[-determinante] [+definido]	85/114	75%	,50
[-determinante] [-definido]	27/32	84%	,73

(MOLLICA, 1996, p. 157)

Os resultados da pesquisa mostram que os referentes dos nomes de complemento locativo do verbo *ir* distribuem-se em graus de definitude hierarquicamente dispostos: quanto mais definido e acompanhado de determinante for o N locativo, menor a chance de ser antecedido pelas preposições *a/para* (0,31); quanto menos definido e acompanhado de determinante for o N locativo, maior a tendência de vir antecedido pelas preposições *a/para* (0,73)

Para a variável [\pm permanência], os resultados não apresentarem nenhuma ocorrência de [+ permanência] com *em*, nos dados do Rio de Janeiro, o que levou a autora a analisar somente *a* vs. *para*. A autora não esclarece quais são os critérios para identificar esses traços, apenas menciona “idéia de fim ou permanência”. Entre os dados apresentados temos: a) para [+ permanência]: *Ela vai ter que ir embora, ir pra terra dela*; b) para [- permanência]: *Só uma vez ela foi a praia conosco*. (op. cit. p. 163). Na tabela (3) abaixo, os resultados encontrados.

TABELA 3 – Traço de [+permanência]/ [-permanência] A X PARA

FATORES	FREQÜÊNCIA	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[+permanência]	4/44	9%	,27
[-permanência]	248/586	42%	,72

(MOLLICA, 1996, p. 162)

A partir dos resultados da tabela, a autora conclui que a regra segundo a qual a preposição *para* deve acompanhar o verbo *ir* quando há idéia de fim ou permanência ainda está bastante presente na fala, de modo que se pode afirmar que os falantes cariocas continuam sensíveis a ela.

Verifica-se que Mollica (op. cit) considera a diferença de uso entre *a* e *para* associada à idéia de ‘demora’, ‘permanência’, nos moldes das gramáticas tradicionais (ALMEIDA, 1969; DIAS, 1970; BECHARA, 1997). Mas pensar que os falantes deveriam captar uma diferença de uso associada ao traço semântico [permanência] é algo discutível, principalmente por se tratar de entrevistas gravadas, não temos como saber a intenção do falante ao usar a preposição *a*, *para* ou *em*. É evidente que podemos considerar algumas pistas contextuais que podem auxiliar a identificar a intenção do falante, mas nem sempre temos certeza dessa inferência.

Em relação aos fatores sociais, a autora mostra que a escolarização desempenha papel social preponderante sobre a seleção das duas variantes padrão (*a* e *para*) em detrimento da variante não-padrão (*em*). Ressalta, ainda, que a influência escolar estabelece uma oposição entre os falantes do primeiro (*primário* e *ginásio*) e do segundo grau: estes favorecem as formas padrão e aqueles as desfavorecem.

Já sobre a atuação da escolarização e sexo sobre a escolha das preposições, os dados indicam que as mulheres são mais sensíveis à escolarização, obedecendo desde o início à pressão escolar.

Sobre o fator idade, a escolha da variante padrão também é correlacionada com a idade, embora as crianças, em termos probabilísticos, evidenciem uma tendência a usar ligeiramente mais as formas padrão do que os jovens de 15 a 25 anos, embora nos adultos haja uma maior polarização das variantes. Ainda sobre isso, quando são separados os resultados dos dados dos falantes dos dois sexos, observa-se que os meninos usam ligeiramente mais do que as meninas as preposições consideradas padrão. Na faixa etária dos 15/25 anos não se observa diferença de comportamento. A situação se altera, posteriormente,

quando as mulheres passam a sobrepujar os homens na faixa dos 26/49 anos embora os dois grupos cheguem à velhice quase empatados.

Por fim, o trabalho de Mollica (1996, p. 165) considera que há fatores sociais e lingüísticos atuando na escolha das variantes (*a/para/em*), e conclui que as preposições *a/para* enfatizam a idéia de movimento do verbo, com sutil diferença entre elas, sendo a preposição *para* associada ao traço [+permanência]. A forma *em* é mais recorrente quando o referente locativo apresenta os traços [+ definido] e/ou [+ fechado]. Além disso, as variantes distribuem-se hierarquicamente em relação ao uso mais/menos padrão: $a > para > em$, conforme resultado de testes de atitude. Em termos de freqüência de uso, dos 710 dados analisados, 330 (46%) são da preposição *em*, e 54% de *a/para*³⁷.

3.4.2 RIBEIRO (1996; 2008)

Ribeiro (1996; 2008) analisa a regência do verbo *ir* de predicação incompleta na fala culta carioca, tendo recolhido 734 ocorrências do *corpus* do Projeto NURC da cidade do Rio de Janeiro (114 inquéritos do tipo DID – diálogo entre informante e documentador –, distribuídos igualmente entre homens e mulheres em três faixas etárias: de 25 a 35, de 36 a 55 e acima de 56 anos de idade). O autor testou as mesmas variáveis que Mollica (1996) quanto à caracterização do locativo alvo do movimento (*configuração do espaço e grau de definitude*) além das variáveis sociais clássicas. Assim como aquela autora, Ribeiro também trabalhou com a oposição *para/a* versus *em*, com base no critério padrão versus não-padrão, tendo obtido os seguintes resultados gerais: 86% de freqüência de *para/a* e 14% de freqüência de *em*.

Note-se que o percentual de *para/a* sobe significativamente 32 pontos percentuais na fala culta carioca (NURC) em relação à fala mais popular (Censo) analisada por Mollica. Em contrapartida, os informantes do NURC utilizam apenas 14% de *em* enquanto os falantes do Censo chegam a 46%, abonando o status não-padrão atribuído à preposição *em*.

Os resultados de Ribeiro ratificam as tendências apontadas por Mollica quanto aos fatores lingüísticos: *em* tende a ocorrer com espaço [+fechado] (0,60), sendo inibida em espaço [-fechado] (0,43); e também com lugar [+definido] e [+determinado] (0,80), sendo desfavorecida em ambiente [-definido] e [-determinado] (0,34). Quando um dos fatores referentes ao grau de definitude era marcado positivamente e outro negativamente, os pesos

³⁷ Mollica (1996) não separa as preposições *a* e *para*.

relativos ficaram numa posição intermediária (0,48 e 0,59), da mesma maneira que se observa na Tabela 2 que mostra os resultados de Mollica (1996). Pode-se dizer, então, que na fala carioca, independentemente do grau de escolaridade dos informantes, as variáveis lingüísticas *configuração do espaço* e *grau de definitude* atuam da mesma maneira sobre o uso da preposição *em*.

Quanto às variáveis sociais, Ribeiro mostra que, enquanto o comportamento dos homens oferece indícios de implementação da mudança, com uma distribuição linear decrescente – os mais jovens usando mais *em* do que os mais velhos –, o comportamento feminino aponta para um quadro de variação estável – as mulheres da faixa etária intermediária (36 a 55 anos) tendendo a evitar o uso da variante *em* enquanto as faixas dos extremos a utilizam mais. Esse comportamento feminino mais conservador, mais sensível ao prestígio social, é explicado pelo autor com base em pressões do mercado de trabalho.

3.4.3 REIS (2001)

Em seu trabalho, de natureza semântico-pragmática, analisando dados do banco VARSUL, Reis (2001) se propõe a investigar até que ponto o conteúdo semântico e as inferências pragmáticas de uma dada asserção podem orientar o falante no emprego de uma ou de outra preposição (*a/para/em*) diante de locativos marcados pelo traço semântico [\pm permanência].

A partir da análise de dois enunciados (1a) e (1b), repetidos abaixo:

(1a) A gente não *vai* muito *em* clube assim, não é um ambiente muito bom pra namorar. (FLP 24 JMC, 875)

(1b) A gente *vai* mais *pra* casa da mãe dela ou *vai pra* minha casa, né? E quase não sai. (FLP 24 JMC, 882)

A autora considera que o uso das preposições nas sentenças é motivado pelas informações contidas literalmente em cada enunciado e também por informações pressupostas. Segundo Reis (2001):

a informação da ida pouco freqüente a ‘clube’ está no nível do posto *em* (1a) ‘a gente não vai muito ao clube’, e a ida mais permanente a ‘casa’ em (1b) ‘a gente vai mais pra casa da mãe dela ou vai pra minha casa’. Assim, a ação desencadeada pelo verbo IR será mais duradoura quando ele reger locativos com traço de [+permanência], como ‘casa’, e menos duradoura quando reger locativos com traços de [-permanência].

Para a autora, a veiculação do traço [permanência] está associada ao conteúdo semântico e a pistas contextuais da sentença, e para as sentenças analisadas, a pista contextual da negação é o indicativo para tal. Diante disso, para Reis (2001) fica implícito que o traço [+permanência] recai sobre o enunciado (1b).

Nesse primeiro nível de análise do conteúdo posto, para a autora, já há motivação suficiente para a seguinte formalização “ir para – é usado diante dos locativos em que a permanência do sujeito do verbo seja de natureza mais duradoura; e ir em – é usado diante de locativos em que a permanência do sujeito do verbo seja de natureza menos duradoura”.

Além da informação posta, a autora considera que é importante ressaltar também na análise a aceitação do pressuposto que envolve, de certa maneira, o conhecimento compartilhado dos interlocutores. Assim, para a atribuição do traço [+permanência] é necessário reconhecer que um determinado local informado na sentença seja o mais comumente ocupado, e isso é feito através de nosso conhecimento compartilhado de mundo, segundo o qual podemos reconhecer ‘casa’ como um locativo no qual ficamos mais tempo e ‘clube’, menos tempo. Assim, parece não haver diferença na aplicação do traço semântico [permanência] entre os do trabalho de Reis (2001) e do Mollica (1996).

3.4.4 GUEDES & BERLINCK (2003)

Ao tratar de complementos preposicionais, Guedes & Berlinck (2003) têm como hipótese que a restrição de uso da preposição *a* já estaria em curso no século XIX, embora seu emprego continue a ser indicado pelas gramáticas normativas em geral. O foco do trabalho das autoras são os complementos verbais preposicionados que apresentam um sentido locativo, em construções com verbos dinâmicos ou estáticos, encontradas no *corpus* diacrônico do projeto *Para a História do Português Brasileiro*.

Tendo como objetivo estabelecer um quadro de variação das preposições no uso oitocentista, as autoras procuram identificar os contextos de ocorrência da variação. Para isso, dividem a análise em: complementos de ‘localização situacional’, e complementos de ‘localização direcional’, esses últimos divididos em ‘meta’ e ‘origem’.

Os resultados mostram que os complementos de ‘localização situacional’ evidenciam um quadro quase ausente de variação, apresentando a preposição *em* dominando esse tipo de construção. Para os complementos de ‘localização direcional’, o estudo leva em conta os

complementos de *ação*, *ação-processo* ou *processo* (BORBA, 1996 *apud* GUEDES & BERLINCK, 2003), que especificam um deslocamento direcionado ‘meta’ ou ‘origem’. Para os casos de ‘meta’, o estudo revela que a preposição *a* é bem mais freqüente com os predicadores de direção (ir, chegar, vir) do que com os de transferência (trazer, levar, entregar). Os dados relativos à ‘direção’ mostram o resultado de 67% de ocorrência de *a* vs 12% de *em*. Nesse caso, a principal concorrente de *a* é *para*, com 21% de ocorrências. Já sobre os verbos de ‘transferência’, há 59,5% das ocorrências com *em*, 21% com *a* e 19,5% com *para*. A distribuição dos dados fica relativizada quando se leva em conta as distinções da configuração do espaço significado pelo nome do complemento (fechado vs não-fechado). Sendo que a associação entre o traço [+fechado] e a preposição *em*, para as autoras (op. cit) é conclusivo para o caso dos verbos de ‘direção’, passando o percentual de uso de *em* para 26,5% nesse contexto.

Guedes & Berlinck (2003) ressaltam que há uma tendência de uso clara a preferir a preposição *em* com N [fechado]. Ainda sobre isso, para as autoras talvez esse traço sempre tenha atuado na alternância entre *a* e *em*, dado o sentido que essa segunda preposição possuía em latim (IN + ablativo).

Para os complementos de ‘origem’, os dados apontam que a preposição *a* ocorre em 80% das ocorrências quando associados ao traço [animado].

Guedes & Berlinck (2003) tecem algumas considerações sobre os dados: (i) a preposição *em* aparece no século XIX³⁸ como a preposição típica para marcar a localização, sentido que já possuía no latim; e com o detrimento dos casos latinos, IN passa a marcar tanto movimento quanto localização, enquanto AD marca o movimento em direção a. (ii) a alternância entre IN e AD, para expressar o movimento em direção a um lugar, manteve-se ao longo da história da língua portuguesa, na medida em que, hoje, *em* ainda prevalece diante de N [fechado], marcando assim “entrada no espaço”. (iii) Posteriormente, a preposição *a* tem seu sentido expandido, incorporando outras noções semânticas, tais como *origem*, *beneficiário*, *experimentador*, *tempo*, *instrumento*. Com esse processo, essa preposição torna-se mais genérica, menos distintiva e, portanto, não-marcada. Tal situação teria motivado uma tendência em buscar formas mais específicas para marcar as noções antes introduzidas por *a*, instaurando uma situação de variação.

³⁸ Guedes e Berlinck (2003, p. 3) descrevem para o quadro latino das preposições, a seguinte situação: AD + acusativo = movimento em direção a; IN + acusativo = movimento em direção a, com entrada em um espaço; IN + ablativo = localização.

Dos resultados e observações de Guedes & Berlinck (2003), percebe-se que os verbos de ‘direção’ já indicam a variação das preposições *a/para/em*, sendo que o traço [+ fechado] favorece o uso da preposição *em*, e que os complementos de ‘origem’ apontam a preferência pela preposição *a* quando associados ao traço [+animado].³⁹

3.4.5 VALLO (2005)

Vallo (2005), em seu estudo, tem como preocupação analisar as preposições em relação ao verbo *ir* de movimento na língua falada pessoense, realizando a análise no *corpus* VALPB, (HORA, 1993). O autor (op. cit.) encontrou 610 ocorrências, assim distribuídas: 82 casos de *a*, 441 casos de *para* e 87 casos de *em* com uma porcentagem de 13%, 72% e 15%, respectivamente. Pode-se observar um comportamento bastante diferenciado entre os falantes cariocas (*corpus* Censo) e pessoenses no uso das preposições com o verbo *ir*: enquanto no Rio de Janeiro há 46% de uso da preposição *em* (cf. MOLLICA, 1996), em João Pessoa esse percentual cai significativamente para 15%; enquanto 56% dos cariocas usam as preposições *a/para* (cf. MOLLICA, 1996), os pessoenses preferem, de forma acentuada, a preposição *para* (72%) e utilizam menos a preposição *a* (13%).

Foram considerados na análise fatores extralingüísticos: *sexo, anos de escolarização e faixa etária*; e fatores lingüísticos: *permanência no local, configuração de espaço, narratividade do discurso e grau de definitude do nome locativo*. Desses, quatro fatores foram relevantes na análise: anos de escolarização, grau de definitude do nome locativo, narratividade do discurso e configuração do espaço.

O resultado para a variável *grau de definitude do nome locativo* aponta que o uso de um nome locativo vago e/ou impreciso para o falante e/ou o ouvinte favorece o uso da forma *a/para*, com um peso relativo de .88. Já o uso de um nome locativo de conhecimento do falante e do ouvinte favorece o uso da forma não-padrão *em*, com um peso relativo de .78.

³⁹ Berlinck & Bueno (2008), ao analisarem textos jornalísticos paulistas (notas sociais e editoriais) do período de 1923 a 24, abordam alguns resultados parciais da pesquisa, onde encontraram variação de uso da preposição *a*, um contraste de uso entre as notas e os editoriais, sendo que nos editoriais, os índices de uso da preposição *a* são superiores em relação às notas. Dentre os aspectos analisados, destaca-se a natureza semântica do referente do complemento: lugar; ser animado; noção abstrata. Confirmou-se a correlação entre os complementos que têm como referente um [ser animado] e a preposição *a*, por um lado, e a tendência a complementos que têm como referente um [lugar] se realizarem com outras preposições. Além disso, segundo as autoras, pode-se perceber a incorporação da variação das preposições em textos escritos, o que indicaria sua gradual aceitação pela norma padrão.

Para a variável *narratividade do discurso*, o estudo mostra que a não-narratividade do discurso favorece o uso da forma padrão *a/para*, com um peso relativo de .85, e que a narratividade do discurso favorece a forma não-padrão *em* com um peso relativo de .73.

Sobre a variável *configuração do espaço*, o traço [+ fechado] favorece o uso da forma *a/para* com um índice de .60, e o traço [-fechado] favorece a aplicação da forma não-padrão *em*, com um índice de .68.

A variável *anos de escolarização* assinala que os falantes com mais de 11 anos de escolarização utilizam a forma padrão *a/para* com um índice de .85, e que os informantes com menos anos de escolarização, os analfabetos e com 1 a 4 anos, empregam a forma não-padrão *em* com peso relativo de .62.

3.4.6 Outros Autores

Além dos trabalhos apresentados até aqui, outros autores, em estudos mais amplos sobre preposição, apresentam considerações⁴⁰ interessantes que podem contribuir para o entendimento da variação no uso das preposições.

Ramos (1989), sobre as construções de acusativo preposicionado, avaliou que a preposição *a* tem apresentado considerável redução no eixo diacrônico, tendendo a ser omitida nesse contexto.

Oliveira (2002), ao analisar os adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição *a* em cartas enviadas aos jornais e em anúncios públicos nos jornais do século XIX⁴¹, procura averiguar em que contexto deu-se início o processo de mudança (perda da preposição *a*). Os resultados indicam que com os verbos *vir*, *sair*, *ir*, *correr* ocorrem as variantes *a*, *em* e *para*; e com os verbos *chegar* e *ir* ocorrem as variantes *a* e *em*. A autora menciona que os verbos que admitem a variação no uso das preposições parecem admitir a sua omissão no contexto de um dêitico locativo (*chegou lá/foi lá*, etc.).

Em relação ao uso da preposição *a* com os verbos *ir*, *vir*, *sair*, e *correr*, o trabalho de Oliveira (2002) mostra uma diferença regional significativa, sendo que em São Paulo, Minas e Bahia o uso fica acima de 70%. Das localidades analisadas, o Rio de Janeiro é que apresenta a mais baixa frequência desta variante (25% = 01 ocorrência). A preposição *para*, por sua vez,

⁴⁰ Destes trabalhos, destacamos somente os referentes aos verbos de movimento.

⁴¹ A autora não aponta em seu trabalho quais jornais está utilizando em sua pesquisa.

aparece em todas as regiões, salvo nos dados do Paraná⁴², sendo observada uma tendência ao uso de *para* no Rio de Janeiro.

Quanto ao uso da preposição *para* com o verbo *ir* de movimento, a autora observou a ocorrência dessa preposição com valor direcional, e nesses casos o verbo *ir* não apresenta movimento propriamente dito, conforme exemplos apresentados pela autora:

(4) ...pode procurar na sua casa rua de S. Joaquim, *indo para* Santa Anna (RJ09).

(5) ...Estrada que *vai para* Jundiay (SP28).

Dos resultados referentes aos verbos *ir*, *subir* e *chegar*, os dados de MG e RJ registram o uso preferencial da preposição *a*⁴³, e a preposição *em* ocorre nos dados de SP, PR e BA. Ao final do trabalho, a autora apresenta a seguinte síntese: “nos caso dos verbos de movimento, os dados apresentam variação entre as preposições *a/para/em*. A preposição *para* parece ter entrado no sistema com o valor de direção, sem estar associada ao movimento do verbo” (OLIVEIRA, 2002, p. 10). Ao analisar os verbos dativos, a autora menciona que a preposição *para* “com complementos dativos tenha ocorrido a partir da noção de finalidade”. (p. 13)

Vieira (2008) analisa uma amostra do Projeto VARSUL (considerando, nessa etapa preliminar de seu trabalho, oito entrevistas de Porto Alegre, nove de Florianópolis e seis de Curitiba), com o objetivo de identificar condicionadores de preposições que acompanham os verbos de movimento *ir*, *vir* e *chegar*. O trabalho se baseou no estudo de Mollica (1996). Em relação ao verbo *ir*, mostraram-se significativas as variáveis [\pm permanência], determinação do locativo [\pm determinante] e região. As preposições *para/a*, em oposição a *em*, tendem a ser usadas associadas aos fator [-permanência] e [-determinante]. Em relação às capitais da Região Sul, o estudo, ainda em andamento, aponta para uma frequência diferenciada: Curitiba é a cidade que mais mantém *para/a* (50%), seguida de Florianópolis (45%) e, por fim, de Porto Alegre (37%). Em outras palavras, a capital gaúcha tem se mostrado a mais inovadora quanto ao uso da preposição *em* (63%) e Curitiba a mais conservadora.

Kewitz (2004), num estudo sobre o processo de mudança das preposições *a* e *para* no PB, analisa dados do século XIX e XX. Os resultados apontam uma maior frequência da

⁴² Não há menção do que ocorre no PR.

⁴³ Esses resultados contradizem os dados anteriores, onde é apresentado pela autora que RJ só tem um dado de *a* para os verbos *vir*, *ir*, *correr*. Por outro lado, vale lembrar, que estes dados referem-se aos verbos *ir*, *subir* e *chegar*.

preposição *a* em relação à preposição *para* no século XIX, fenômeno este que se inverte no século XX.

Sobre a distribuição das preposições *a/para* quanto à função sintática na língua falada do século XX, os resultados ilustram que a preposição *para* é usada com maior frequência nas funções sintáticas (objeto indireto, complemento oblíquo, adjunto adverbial). Além disso, a preposição *para* é preferida também em relação ao tipo de SN que preenche a expressão preposicionada. Referente ao tipo de texto, na análise, vê-se que no século XX, a preposição *a* é mais produtiva que *para* nos registros de língua escrita. Esses resultados nos mostram que há uma tendência para a expansão de uso das preposições *para* e *em*, que passam a ocorrer em contextos que eram de *a*.

Outro trabalho⁴⁴, analisando as preposições na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), coordenado por Pezatti (2008), com a proposta de verificar o estatuto das preposições na gramática do português, distingue na estrutura das expressões lingüísticas, elementos lexicais e gramaticais⁴⁵. Os resultados apontam para dois grupos: (i) o primeiro grupo, constituído por *a, para, de, em, por, com* e *sem*: estatuto gramatical; (ii) o segundo grupo, constituído por *ante, após, até, contra, desde, entre, sob* e *sobre*: estatuto lexical. De acordo com Pezatti (2008) as preposições do primeiro grupo podem ser empregadas como:

(i) introdutoras de argumentos e fortemente previsíveis, já que são requeridas pelo item lexical que as rege; (ii) introdutoras de modificadores e não-previsíveis, já que sua escolha é ditada pela natureza do modificador que o falante quer construir. Para o segundo grupo, as lexicais, seus empregos dependem do objetivo que o falante tem em mente e da estratégia adotada por ele para obter o seu propósito comunicativo na interação.

Chamam a atenção, é que as preposições denominadas *gramaticais* são justamente as examinadas neste trabalho, *a/para/em*.

Nessa linha de pensamento, Kleppa (2005) analisando as preposições, dispõe que há preposições que têm um valor semântico mais transparente, são aquelas não gramaticalizadas e que preservam seu conteúdo semântico (*até, contra, desde, entre, sem, sob*), e outras que têm um valor semântico opaco, são as preposições mais gramaticalizadas (*a, com, de, em, para, por*). Tais preposições caracterizam-se por: a) possuírem valor semântico altamente esvaziado; b) poderem funcionar como introdutoras tanto de argumentos quanto de adjuntos;

⁴⁴ Projeto de Pesquisa denominado *As Preposições no Português do Brasil, do Ponto de Vista da GDF*, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional da UNESP/São José do Rio Preto, coordenado por Erotilde Goreti Pezatti.

⁴⁵ Não são discutidos os fatores adotados para a classificação das preposições.

- c) poderem ser amalgamadas com outros elementos lingüísticos (a+a; em+a; por+a; de+a); e
- d) serem mais freqüentes que as menos gramaticalizadas.

Esses trabalhos, de forma geral, apontam para alguns aspectos: (i) a variação das preposições não está relacionada somente com os verbos de movimento, sendo um fenômeno muito mais amplo; (ii) a tendência de expansão de uso de *para* e *em*, e por conseqüência a gramaticalização destas preposições; (iii) há motivações de ordem sintática, semântica, entre outras, para o uso variável das preposições.

Concluindo a seção sobre resenhas de trabalhos de orientação (socio)lingüística, chamamos a atenção para o fato de que os pesquisadores que trataram da regência variável do verbo *ir* de movimento sistematicamente reuniram as preposição *para/a*, tidas como de uso padrão, em oposição a *em*, tida como não-padrão. Como se verá adiante, optamos por dar um tratamento diferenciado à variável considerando-a ternária: *a ~ para ~ em*. Também ampliamos o leque das variáveis testadas incluindo grupos de fatores relativos ao sujeito e ao verbo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo é destinado à descrição da amostra utilizada nesta dissertação e ao detalhamento das etapas e procedimentos de análise do fenômeno investigado.

4.1 Descrição da Amostra

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizamos um levantamento de dados de fala, coletados em entrevistas sociolinguísticas de 72 informantes das cidades de Florianópolis, Blumenau e Chapecó, do estado de Santa Catarina, junto ao banco de dados VARSUL⁴⁶. Essas entrevistas são de cerca de uma hora de duração cada uma.

Cada cidade é representada por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis sociais (sexo masculino e feminino, três níveis de escolarização e duas faixas etárias) de duas entrevistas cada um (KNIES & COSTA, 1995). Esses informantes estão estratificados de acordo com o perfil social, como segue no quadro (01):

QUADRO 01: Distribuição dos informantes da amostra de Florianópolis, Blumenau e Chapecó (VARSUL)

Escolarização	Faixa etária			
	25-49 anos		Mais de 50 anos	
Primário	2M	2F	2M	2F
Ginásio	2M	2F	2M	2F
Colegial	2M	2F	2M	2F

A amostra do Estado de Santa Catarina do banco VARSUL procura representar o português falado pelos descendentes dos grupos étnicos mais expressivos do Estado: os açorianos, os italianos, os alemães e a população serrana. As localidades selecionadas para representar Santa Catarina são: (i) Florianópolis, por ser uma cidade de colonização açoriana; (ii) Lages, por ser uma cidade colonizada por sulistas no Planalto Serrano; (iii) Blumenau, por

⁴⁶ O Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana no Sul do Brasil) integra as universidades federais do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e PUC-RS, sendo constituído de amostras de fala (gravadas, transcritas e armazenadas eletronicamente) de habitantes de 12 cidades, 4 em cada estado, que se encontram disponíveis, especialmente aos pesquisadores vinculados às instituições acima mencionadas, para a realização de pesquisas que contribuam para a descrição do português falado na região sul do Brasil.

ser o centro urbano mais expressivo da colonização alemã; (iv) Chapecó, por ser uma cidade de colonização italiana localizada no Oeste catarinense. (KNIES & COSTA, 1995).

4.2 Coleta de dados

Os dados foram coletados através de leitura das entrevistas dos informantes, para então se proceder à sua codificação. Foram identificados e extraídos, constituindo um arquivo à parte, os contextos de ocorrência de cada preposição analisada, conforme ilustrado abaixo.

(1) *Depois que nós estávamos mais grandinhas, daí já com dezesseis, dezessete anos, nós íamos, assim, em baile com as amigas, assim, sabe? Mas nunca sozinhas assim que nem fazem hoje em dia, as meninas de hoje em dia. Nunca sozinha, sempre saía.* (CH 06)

(2) *E nós respeitávamos mesmo, nós respeitávamos. Basta que nós íamos pra escola, o professor dizia: "Olha, eu vou aqui na secretaria ou vou fazer alguma coisa", ficava todo mundo dentro da sala numa boa.* (FL 04)

(3) *O caminho é o mesmo, ma0s não tinha calçamento, muito buraco, mas era Eu lembro que uma ocasião nós fomos ao Rio, o avião saía às dez horas da manhã, nós tivemos que sair de casa, na Tenente Silveira, à0s sete horas da manhã pra pegar o avião à0s dez horas.* (FL 24)

Em cada contexto com verbo *ir* de movimento seguido de uma das três preposições (*a/para/em*), foi realizado o teste de substituição das variantes para verificar se de fato se tratava da variável objeto deste estudo. Ou seja, em cada contexto as três preposições deveriam ser intercambiáveis, mantendo-se o mesmo significado referencial: deslocamento para um certo lugar.

Não foram considerados os seguintes tipos de dados: a) verbo *ir* empregado com auxiliar (...*trazia o que trazia, iam trazendo para o rio* (SC, LG, 15); b) verbo *ir* usado sozinho, sem complemento locativo (*E, o meu avô não deixava nós irmos, mas a gente sempre ia* (SC, FL, 01); c) verbo *ir* seguido de advérbio ou locução adverbial (*Quase todos os domingos, nós íamos a cavalo, junto com o padre* (SC CH 08).

4.3 Codificação

Após a coleta dos dados, estes foram codificados de acordo com um conjunto de variáveis independentes (ou grupo de fatores) lingüísticas e extralingüísticas. A escolha das variáveis partiu das questões e hipóteses formuladas neste trabalho. As variáveis lingüísticas foram organizadas por blocos em função de sua natureza: associadas ao sujeito, associadas ao verbo, associadas ao espaço locativo e as discursivas. As variáveis utilizadas no presente estudo são descritas e ilustradas a seguir⁴⁷.

4.3.1 Variável dependente

A variável dependente é composta de três variantes, conforme discutido na dissertação, como se seguem:

Variante 1: a

Variante 2: para⁴⁸

Variante 3: em

4.3.2 Variáveis independentes

Variáveis lingüísticas

Variáveis associadas ao sujeito

1) Pessoa do discurso

P1 (= eu, nós)

(04) ***Eu** viajava vinte quilômetros pra ir num baile, de bicicleta.* (SC BLU 16)

P2 (= tu, você, vocês)

(05) [*Pra Barra, né?*] *É, para o lado da Joaquina, invés de **tu** ires pra Joaquina, pra Barra, tá? O Morro da Barra não era calçado, foi calçado há pouco tempo, se não me engano, até [no] quando o Esperidião era prefeito.* (SC FLP 24)

⁴⁷ As hipóteses específicas, que foram apresentadas no capítulo 1, e são retomadas no capítulo a seguir, vinculadas aos grupos de fatores discutidos.

⁴⁸ Nesta pesquisa estamos considerando *para/prá/pa* indistintamente.

P3 (= ele(s), ela(s), SN sing. e pl.)

(06) *Eles gostavam muito de ir na casa dos avós deles assim.* (SC BLU 04)

P4 (= a gente)

(07) *A gente podia ir em bailes, coisas assim, sem muitas violências...* (SC BLU 07)

2) Forma do SN: pronome, SN pleno, zero

Pronome

(08) *E em nível de Diocese, nós fomos ao curso de canto repassar o canto lá em São Miguel do Oeste, quinze e dezesseis de junho, vinte e nove e trinta de junho aqui na Cordilheira.* (SC CH 04)

SN pleno (Estamos considerando como SN pleno nomes próprios e substantivos comuns).

(09) *e a gente se preocupa agora porque nosso tempo não existia isso ali. A gente se preocupa agora deixar o filho ir na aula, [eles não] né?* (SC CH 01)

Zero⁴⁹

(10) *Trabalhou muito e brincadeiras eram só essas, [só] só de domingo à tarde porque domingo de manhã era Ø ir na missa, então era longe a igreja, então até sair bem cedinho de manhã com os pés descalços, né?* (SC BLU 17).

3) (In)determinação do sujeito: [+ determinado] /[- determinado]

O sujeito é [+ determinado] quando é possível definir ou precisar seu referente no discurso, ou seja, quando se pode identificá-lo.

(11) *a senhora é gerente do Banco do Brasil: eu vou lá no Banco do Brasil, faço um financiamento, mas eu não conheço você. Seu pai, você é rico. E nós não damos pra você, deixa eu dar pra senhora.* (SC CH 08)

O sujeito é [-determinado] (= indeterminação semântica) quando não se pode precisar o referente, podendo o mesmo designar uma massa humana indiferenciada (*o pessoal, todo mundo*), participante(s) não relacionado(s) a circunstâncias definidas (*o cara, a pessoa, você,*

⁴⁹ Aqui estamos considerando também o sujeito anafórico não expresso.

a gente), podendo o falante estar ou não incluído no grupo. Além disso, é considerado indeterminado o sujeito cujo referente não pode ser recuperado no contexto do discurso, ou é recuperado de forma vaga ou imprecisa. “Ele” sem um referente expreso, por exemplo.

(12) *Pra gostar a gente gostaria, mas é que às vezes **a gente** vai [num] numa festa aí, [num] num baile, a gente gasta um dinheiro que vai fazer falta, né?* (SC CH 03)

4) Agentividade: [+ agente] / [- agente]

É [+ agente] o sujeito que, voluntariamente ou não, é o responsável por uma ação. No caso do verbo *ir* de movimento, o referente apresenta também o traço [+ animado].

[+ agente]

(13) *Assim a gente passava o daí também tinha **Eu** ia muito na casa do meu primo, né?* (SC BLU 02)

[- agente]

(14) *faziam aquelas casas tabuinha pra fazer o telhado, [mas é] mas já tinha serraria também que serrava, né? Essa madeira, **a maioria** ia pra Argentina, ia por balsa, né?* (SC CH 02)

Variáveis associadas ao verbo⁵⁰:

5) Tempo-modo verbal⁵¹

Presente

(15) *Das praias que a gente mais frequenta é quando **vai** a Camboriú e Itapema, aqui perto mesmo, né?* (SC BLU 08)

(16) *Eu também **gosto de ir** para o sítio. Daí a gente deixa o carro e nós pegamos os cavalos.* (SC LG 09)

Pretérito perfeito

⁵⁰ Não controlamos neste trabalho a manutenção do padrão silábico entre o verbo e as preposições (*a/para/em*) para verificar se há a manutenção de alguma preposição.

⁵¹ Para Travaglia (1981), a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação. Aqui temos uma datação.

(17) *E quando eu fui a São Paulo, eu trabalhei num escritório, uma firma que vendia aço, no atacado.* (SC BLU 05)

(18) *O meu pai ficou desempregado, e ele teve que ir para o Rio ver se arranjava alguma coisa.* (SC FLP 13)

Pretérito imperfeito

(19) *Na época [da] quando nós íamos para o colégio, na época caía geada ainda, hoje não cai muita geada aqui.* (SC BLU 03)

(20) *era mais gostoso do que hoje, no meu ponto de vista, né? A gente podia ir em bailes, coisas assim, sem muitas violências e tudo, né?* (SC BLU 07)

Outros

Esse fator engloba outros tempos verbais, bem como formas nominais do verbo que não constituem locução verbal.

(21) *Não. Não dá ânimo pra ir [num] num campo de futebol ou clube que nós temos aqui em Blumenau.* (SC BLU 03)

Aqui vale uma observação. Quando o verbo *ir* aparece na forma infinitiva, duas situações são consideradas:

(i) É controlado o tempo verbal (presente, pretérito, futuro) quando se trata de: (i) locuções verbais com auxiliares típicos modais (*dever, poder, querer, precisar, ter que*) ou aspectuais (*começar, continuar, costumar, acabar*); e (ii) construções que apresentam outros “verbos de modalidade”⁵², isto é, verbos que codificam atitude modal (persistência, (in)sucesso, preferência, atenção, habilidade...) – pelo sujeito da oração principal – para realizar a ação ou apresentar o estado que é retratado no complemento oracional (*gostar, resolver, decidir, procurar*). Ver os dados acima.

⁵² Givón (2001a) caracteriza da seguinte maneira os verbos de modalidade:

Semanticamente:

- a) o complemento oracional é semanticamente uma proposição codificando um estado ou um evento;
- b) o sujeito da oração principal é co-referente – isto é, refere-se à mesma entidade no discurso – ao sujeito do complemento oracional;
- c) o verbo da principal codifica aspectualidade (início, término, duração) ou atitude modal (persistência, (in)sucesso, preferência, atenção, volição, intenção, obrigação, habilidade) – pelo sujeito da oração principal – para realizar a ação ou apresentar o estado que é retratado no complemento oracional.

Sintaticamente:

- a) o sujeito co-referente da oração principal não é exposto (zero);
- a) o verbo da oração complemento pode aparecer em sua forma nominal, sem flexão;
- b) O complemento oracional tende a aparecer na posição característica de objeto, dentro da mesma curva entoacional da principal. (GIVÓN, 2001a, p. 149-150)

(ii) É marcado como **Outros** nos casos que não configuram uma locução verbal. Ex.: *Não dá ânimo pra **ir** num campo de futebol ou clube que nós temos aqui em Blumenau* (SC BLU 03)

6) Aspecto: Frequência: semelfactivo/iterativo

Neste grupo de fatores, o critério considerado é a frequência com que o evento se realiza. Conforme Castilho (2002), a categoria aspecto possui duas faces, uma qualitativa e outra quantitativa. Na face quantitativa, o autor distingue: ocorrência singular (aspecto semelfactivo) e ocorrência múltipla, habitual ou reiterada (aspecto iterativo).

Semelfactivo (ocorrência singular)

(22) *E quando **eu fui a São Paulo**, eu trabalhei num escritório, uma firma que vendia aço, no atacado.* (SC BLU 05)

Iterativo (ocorrência múltipla, habitual ou reiterada)

(23) *Olha, a gente [*<fa>*] acompanhava os times de futebol, bailes, festinhas, mas era tudo sadio, né? era uma coisa que a gente fazia cinco, seis, sete quilômetros à noite pra **ir num baile**, né?* (SC CH 04)

7) Aspecto⁵³: perfectivo/imperfectivo

Além de considerar o tempo-modo verbal, realizamos o controle da categoria aspecto. Sobre isso, Costa (1990, p. 21) menciona:

A diferença entre tempo e aspecto quanto à escolha subjetiva do falante poderia ser talvez explicitada dizendo-se que a escolha do aspecto é não-obrigatória (“estilística”) enquanto a escolha do tempo é obrigatória, embora possa ser, secundariamente, marcada por um fator “estilístico” (caso do presente histórico, por exemplo).

Nesta variável, estamos considerando as categorias: perfectivo e imperfectivo. No *perfectivo* incluem-se as formas verbais que indicam momentaneidade (ação verbal concluída, sem implicar duração da mesma). Na frase *Paulo vendeu o carro* não pressupomos duração da ação verbal, porém em *Paulo vendia carros* percebemos um momento *inicial*, um período *indeterminado* de tempo e um momento *final*. A duração do processo verbal também pode ser indicada pelo *imperfectivo*, forma verbal que pode assinalar o início, o decurso e o fim do

⁵³ “Aspecto é uma categoria verbal de tempo, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o desenvolvimento, o do complemento e o da realização da situação”. (TRAVAGLIA, 1981) “O aspecto se insere no campo simbólico e o tempo, no campo dêitico” (CASTILHO, 2002, p. 85).

processo. As formas verbais constituem um conjunto de propriedades de que dispõe o verbo para designar seu grau de *atualização*, *ordenação* e *duração* do processo.

A duração do processo verbal também se pode expressar por outros meios, entre eles por perífrases verbais como em *Paulo está, esteve, estava, estará, estaria vendendo carros*.

Perfectivo

O perfectivo é caracterizado por apresentar a situação como completa, isto é, em sua totalidade. O todo da situação é apresentado como um todo único, inalisável, com começo meio e fim englobados juntos. Não há tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora, e sua globalidade. (TRAVAGLIA, 1981)

(24) *Só a passeio, nós fomos até Estrela, lá onde que têm aqueles outros filhos lá, só. E fomos duas vezes lá pro Paraná, [lá pra] pra lá do Chupinzinho, lá pra Biguá.* (SC CH 06)

Imperfectivo

O imperfectivo é caracterizado por apresentar a situação como incompleta, isto é, não temos o todo da situação e, por isso, normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento. Isto equivale a dizer que, normalmente, a noção que caracteriza o aspecto imperfectivo aparece juntamente com as noções aspectuais representadas pelas fases de desenvolvimento da situação. Aqui, ao contrário do que ocorre no perfectivo, é como se a situação fosse vista de dentro, enfocando-se não o seu todo. (TRAVAGLIA, 1981)⁵⁴

(25) *Isso aqui eu quero quatrocentos. [Você] você é gerente, você vai lá, dá pra quem você quer, mas eu quero quatrocentos pro ano que vem. Então só o gerente desconhece a sociedade lá. Porque [a senhora] a senhora é gerente do Banco do Brasil: eu vou lá no Banco do Brasil, faço um financiamento, mas eu não conheço você. Seu pai, você é rico. E nós não damos pra você, deixa eu dar pra senhora.* (SC CH 08)

Variáveis associados ao N locativo

Em relação ao N locativo, caracterizamos o que podemos chamar de “configuração do espaço”. Foram controladas diferentes propriedades que, conjuntamente, configuram os espaços que compõem as situações representadas nos enunciados que contêm o verbo *ir* de

⁵⁴ Givón (2001a, p. 288-289) “He grammar of perfectivity involves, primarily, the binary distinction between the *perfective* and *imperfective* aspects: (i) perfective: - perspective focus on termination and boundedness; strong association with the past tense. (ii) imperfective: - perspective focus away from termination and boundedness”.

movimento. Essas propriedades são controladas a partir da identificação de traços semântico-discursivos que compõem as seguintes variáveis:

8) Configuração do N locativo⁵⁵

[lugar/objeto] Termo que remete a lugares, objetos sem nomes definidos.

(26) *E daí eu saio de casa, daí fica as camas pra arrumar, varrer, dar uma lustrada, né? e daí terminar, depois, fazer o almoço. Daí aquele com treze anos [<fi>] faz, né? Eu vou pra casa só uma [da] hora da tarde daqui. Eu vou [e] e eles fazem, lavam a louça também [do] do almoço, né?* (SC CH 01)

[lugar/instituição] Estamos considerando nomes definidos de lugares. Exemplo: UFSC.

(27) *Cheia de pontes, porque da maneira que é Por exemplo, antigamente, pra tu ires para o Aeroporto era uma viagem.* (SC FLP 24)

[lugar/instituição personificada]. Estamos considerando tanto personificação de instituição (médico = consultório) como personificação de lugar (sogra = casa da sogra).

(28) *Aí resolvi ir no médico.* (SC FLP 20)

[lugar/evento] acontecimentos que se passam em certos lugares, por exemplo: missa, futebol, festa. Aqui estamos considerando também processos/acontecimentos.

(29) *[Era um negócio sério,] nem de mãos dadas nós não íamos na festa, nós com nenhuma guria antes de casar não fui com mão dada, nem quando estava com a mulher.* (SC CH 08)

[lugar/espço sócio-geográfico] Estamos considerando lugares com referência geográfica, por exemplo: comunidade, interior, centro.

(30) *Saía muitas vezes domingo à tarde, se encontrava, ia pra discoteca, ia para o centro, dar uma volta no centro.* (SC BLU 12)

9) Demarcação do espaço: [+fechado] / [-fechado]

[+fechado]. Estamos considerando aqueles caracterizados como: lugar cercado, com uma entrada definida, com ou sem teto. Exemplos: casa, cinema, clube, shopping.

(31) *Eles vão no colégio de manhã, daí então...* (SC BLU 01)

⁵⁵ Não controlamos os elementos intervenientes entre a preposição e o complemento locativo.

[-fechado] Estamos considerando aqueles caracterizados como: lugar aberto, sem entrada definida. Exemplos: praia, cidade.

(32) *É, eu gosto de ir pra **praia**.* (SC FLP 17)

10) Definitude: [+definido] / [-definido]

Entendemos [+ definido] como o referente conhecido do falante e do ouvinte, facilmente identificável, enquanto [-definido] como o referente vago, impreciso, pouco identificável pelo falante e/ou ouvinte. Diferentemente de Mollica (1996), que tratou essa variável como escalar e composta por fatores semânticos e formais, isolamos os traços semântico-discursivos centrando neles a nossa atenção. As informações de ordem formal apenas nos auxiliarão na identificação da definitude do locativo. Assim, os referentes [-definido] podem vir precedidos de artigos indefinidos, pronomes indefinidos, por exemplo, enquanto os [+ definido] podem ser precedidos de artigo definido, pronomes possessivos e demonstrativos.

[+definido]

(33) *Eu não vou morrer sem ir **na Bahia**.* (SC FLP 16)

*O meu pai ficou desempregado, e ele teve que ir **para o Rio** ver se arranjava alguma coisa.* (SC FLP 13)

[-definido]

(34) *...a gente fazia cinco, seis, sete quilômetros à noite pra ir **num baile**...* (SC CH 04)

(35) *Eu tinha as minhas amizades, a gente ia a **baile**, né?* (SC CH 15)

11) Caracterização do destino: [+ direção] / [- direção]

[+ direção]: o trajeto implicado entre *ir* + locativo apresenta claramente a idéia de direção espacial. Nesse caso, pistas discursivas como a inserção de advérbios (*lá, ali*) entre o V e o N locativo podem auxiliar na identificação da direção especificada.

(36) *Eu ia muito **na casa do meu primo**, né?* (SC BLU 02)

(37) *A gente vai **pra São Francisco** muito né?* (SC BLU 02)

[- direção]: não há uma trajetória definida, especificada.

(38) [*Quando*] a gente ia muito **em jogo de futebol**, né? que tinha todo domingo à tarde, [*<ti>*] a gente sempre combinava de ir, né? (SC BLU 02)

(39) nós não queríamos começar a construir antes que nós tínhamos o terreno no nome porque se acontecesse alguma coisa tinha que ir **pra inventário**, né? *Então, no começo nós viajávamos muito, nós saíamos muito. (SC BLU 01)

Variáveis discursivas

12) Finalidade: [+finalidade] / [-finalidade]

[+ finalidade] com preposição *para*

(40) irmãs te passaram tudo **pra Prefeitura**, então a Prefeitura assumiu todos esses cursos, né? Que agora então [elas] o trabalho das irmãs é assim: elas [*<co>*] começam, né? e depois elas **vão pra um outro local pra começar mais esses tipos de trabalho**, né? (SC CH 07)

[+ finalidade] sem preposição

(41) Fazia. Domingo principalmente dia de carnaval, a gente se reunia uma turma **ia pro rio pescar**. (SC CH 04)

[- finalidade]

(42) Não, eu sempre **fui à igreja**. Ah, mas não lembro assim daquele tempo de piá não me lembro de mais nada. (SC CH 02)

13) Narratividade do discurso

A narratividade vincula-se ao relato de um acontecimento, único ou habitual, que ocorreu, ou costumava ocorrer, no passado. Narrativas são bastante frequentes nas entrevistas sociolinguísticas, porque o roteiro das perguntas leva o informante a relatar fatos dinâmicos que se sucederam em determinado tempo e local, envolvendo-o ou envolvendo pessoas de sua convivência. Já como não-narrativa são considerados os trechos descritivos, avaliativos, expositivos, argumentativos, ou seja, aqueles que não apresentam uma seqüência cronológica de ações.

[+narrativo]

(43) *E também **naquela época** [não] não existia a merenda pra levar na escola. Tinha que **ir na escola**, [e na volta] e na volta, se achasse um pé de vergamoteira, ou laranja, ou goiaba porque a criança, toda ela (SC CH 08)*

[-narrativo]

(44) *Olha, [pra] os meus nem saem [no] no domingo. Se eles saem é só ali na rua, ali jogam bola, assim, vôlei na rua com os outros amigos deles, os amigos. Eles não saem, assim. Mas nós não deixamos eles sairem, não adianta, se eles começam a **ir pra discoteca**, ou pra cá e pra lá, depois não segura mais. (SC CH 01)*

Variáveis extralingüísticas

14) Sexo

Masculino.

Feminino.

15) Idade

25-49 anos

mais de 50 anos.

16) Escolaridade

Primário.

Ginasial.

Colegial.

17) Localidade

Florianópolis.

Blumenau.

Chapecó.

4.4 Análise dos dados

Para o tratamento quantitativo foi utilizado o pacote estatístico VARBRUL (PINTZUK 1988; SCHERRE, 1992), que fornece as frequências e percentuais associados a cada variável independente testada, de modo a permitir o estabelecimento de correlações entre os diversos fatores controlados caracterizando os diferentes contextos de uso das variantes analisadas.

Os resultados são apresentados na forma de (i) frequências de distribuição no cruzamento da variável dependente (cujas formas variantes são as preposições *a/para/em*) com as variáveis independentes, e de (ii) pesos relativos, que são um índice de aplicação de determinada variante em um dado contexto. O valor do peso relativo pode variar entre 0 e 1, com valores próximos de zero indicando contextos de desfavorecimento da aplicação da regra preestabelecida, e os valores próximos de 1 significando o contexto que mais favorece à aplicação da regra. Note-se, porém, que os valores dos pesos relativos não devem ser interpretados de forma absoluta, e sim relativizados (como a própria denominação sugere) dentro de cada grupo. O programa VARBRUL utiliza um modelo de interação entre as variáveis, selecionando, ao final da análise, aquelas mais relevantes ao modelo e excluindo as que não forem significativas, baseando-se em cálculos de *Chi-quadrado* e *Log-Likelihood*.

Uma vez codificados os dados em conformidade com os dezoito grupos de fatores que acabamos de apresentar, procedeu-se, então, à utilização do programa estatístico VARBRUL. Como a variável em estudo é ternária, foi realizada uma rodada estatística com o programa TVARB para termos uma visualização de conjunto das variantes. Uma vez que essa rodada ternária não fornece a ordem de relevância de cada grupo de fatores e nem descarta os grupos não relevantes, as demais rodadas foram todas binárias, com o programa IVARB. Primeiramente, escolhemos como ‘aplicação da regra’ a variante *a*, versus *para/em*. Depois, elegemos *para* versus *a/em*, por fim *em* versus *a/para*. Obtivemos, assim, resultados que permitem um olhar comparativo entre as três preposições e os respectivos condicionadores.

Considerando que estão sendo controladas três cidades da Região Sul, foram realizadas também rodadas por localidade para verificar se os condicionadores do uso das preposições atuam diferentemente ou não. Temos então resultados de *rodadas gerais* e de *rodadas por cidade*.

Por fim, com objetivo de verificar a questão da variação na comunidade e no indivíduo, foi feito um controle do uso das preposições *por indivíduo* em cada cidade.

O controle estatístico das variáveis fornecerá resultados que subsidiam a descrição dos contextos preferenciais de uso de cada preposição. No capítulo a seguir, a análise será encaminhada no sentido de verificar as hipóteses formuladas e responder às questões colocadas na dissertação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo está dividido em sete seções. Primeiramente, são apresentadas as variáveis lingüísticas e extralingüísticas controladas e selecionadas pelo programa estatístico VARBRUL. A segunda seção é destinada à discussão inicial dos resultados gerais de frequência de uso das preposições (*a/para/em*). Na terceira seção têm-se os resultados obtidos para as variáveis lingüísticas, que são analisados à luz das hipóteses formuladas no presente trabalho; e, na quarta seção, os resultados referentes às variáveis extralingüísticas. Na quinta seção, são discutidos os resultados por cidade, seguidos da apresentação e discussão dos resultados por indivíduo, na sexta seção. Na última parte, procuramos discutir alguns pontos relativos aos resultados encontrados.

5.1 Variáveis: controladas e selecionadas

O panorama que queremos traçar acerca do uso das preposições *a/para/em* requer o controle de grupos de fatores potencialmente condicionadores, cuja análise oferece resultados estatísticos que nos permitem verificar as várias hipóteses levantadas. Retomando o que foi exposto na metodologia, reunimos no quadro (02) abaixo, para uma melhor visualização, os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos testados. Conforme mencionado, os fatores lingüísticos estão reunidos em blocos, considerando-se a natureza das variáveis independentes envolvidas.

Quadro 02: Variáveis independentes lingüísticas e extralingüísticas *controladas*

Variáveis lingüísticas	Variáveis extralingüísticas
<p><i>Associadas ao sujeito:</i></p> <p>1) Pessoa do discurso: P1 (<i>eu, nós</i>), P2, P3 e <i>a gente</i></p> <p>2) Forma do SN: pronome, SN pleno, Ø</p> <p>3) (In)determinação: [+determinado], [-determinado]</p> <p>4) Agentividade: [+agente], [-agente]</p>	<p>14) Sexo: masculino, feminino</p>
<p><i>Associadas ao verbo:</i></p> <p>1) Tempo-modo: pres., pret. perf., pret. imperf. e outros</p> <p>2) Aspecto/freq.: semelfactivo e iterativo</p> <p>3) Aspecto/perfectividade: perfectivo, imperfectivo</p>	<p>15) Idade: 25 a 49 anos, + de 50 anos</p>
<p><i>Associadas ao espaço (N locativo)</i></p> <p>8) Configuração do espaço: lugar/objeto, instituição, instit. personificada, lugar/evento, espaço geográfico</p> <p>9) Demarcação: [+fechado], [-fechado]</p> <p>10) Definitude: [+definido], [-definido]</p> <p>11) Destino: [+direção], [-direção]</p>	<p>16) Escolaridade: primário, ginásio, colegial</p>

<i>Discursivas</i> 12) Finalidade: [+finalidade] <i>para</i> , [+finalidade], [-finalidade] 13) Narratividade: [+narrativa], [-narrativa]	17) Localidade: Florianópolis, Blumenau, Chapecó
---	---

O quadro (03), a seguir, mostra os grupos de fatores selecionados como estatisticamente significativos para cada preposição nas rodadas gerais binárias. A ordem numérica em que os grupos são apresentados corresponde à ordem de relevância estatística atribuída pelo programa IVARB.

Quadro 03: Variáveis independentes lingüísticas e extralingüísticas *selecionadas*

<i>A</i>	<i>PARA</i>	<i>EM</i>
(1) Configuração do espaço (2) Idade (3) Destino (4) Pessoa do discurso (5) Finalidade (6) Tempo-modo verbal (7) Localidade (8) Escolaridade (9) Demarcação	(1) Demarcação (2) Pessoa do discurso (3) Narratividade (4) Idade (5) Destino (6) Configuração do espaço	(1) Demarcação (2) Narratividade (3) Escolaridade (4) Configuração do espaço (5) Localidade (6) Pessoa do discurso

Como se pode perceber no quadro (3): (i) três grupos de fatores foram relevantes para as três preposições: *configuração do espaço*, *pessoa do discurso* e *demarcação*; (ii) cinco grupos foram relevantes para duas preposições: *idade*, *destino*, *localidade*, *escolaridade*, *narratividade*; (iii) dois grupos foram relevantes para apenas uma preposição: *finalidade* e *tempo-modo verbal*. Os grupos de fatores que não tiveram efeito significativo sobre o uso das preposições ficarão em segundo plano na análise.

Antes de prosseguirmos com a análise, convém fazermos um registro. Como diversos estudos têm apresentado resultados significativos referentes às variáveis associadas ao complemento locativo, bem como em relação aos fatores sociais, resolvemos fazer novas rodadas excluindo da análise a variável *pessoa do discurso*, com a finalidade de verificar se esta não estaria interferindo nos resultados. O quadro (04) mostra os novos resultados, conforme a relevância estatística.

Quadro 04: Variáveis independentes lingüísticas e extralingüísticas *selecionadas* sem a variável *pessoa do discurso*

<i>A</i>	<i>PARA</i>	<i>EM</i>
(1) Configuração do espaço (2) Idade (3) Destino (4) Finalidade (5) Tempo-modo verbal (6) Localidade (7) Escolaridade	(1) Demarcação (2) Narratividade (3) Idade (4) Destino (5) Configuração do espaço (6) Tempo-modo verbal (7) Freqüência (8) Finalidade	(1) Demarcação (2) Narratividade (3) Escolaridade (4) Localidade (5) Configuração do espaço (6) Definitude

Após o procedimento, como se pode perceber no quadro (4): (i) um grupo de fatores deixou de ser significativo para a preposição *a*: *demarcação*; (ii) três novos grupos de fatores passaram a ser relevantes para a preposição *para*: *tempo-modo verbal*, *freqüência e finalidade*; (ii) um novo grupo passou a ser relevante para a preposição *em*: *definitude*. A ordem de seleção estatística dos demais grupos de fatores não foi, todavia, alterada. Os resultados do quadro (04) são discutidos na próxima seção, juntamente com os resultados do quadro (02) e (03).

Eventualmente foram realizadas amalgamações de fatores que mostraram comportamento lingüístico e estatístico aproximado. No decorrer da apresentação das variáveis independentes, teceremos comentários sobre esse procedimento.

A partir da próxima seção, apresentamos e discutimos os resultados. Iniciamos com um panorama geral da freqüência de uso das preposições por cidade. Na seqüência, expomos as tabelas organizadas a partir das variáveis selecionadas nas rodadas binárias (IVARB), conforme mostrado no quadro (02), primeiro com os fatores lingüísticos depois com os extralingüísticos. Por fim, apresentamos os resultados por cidade e o comportamento de cada informante em relação ao uso das preposições.

5.2 Um panorama inicial do uso das preposições *a*, *para* e *em* em Santa Catarina

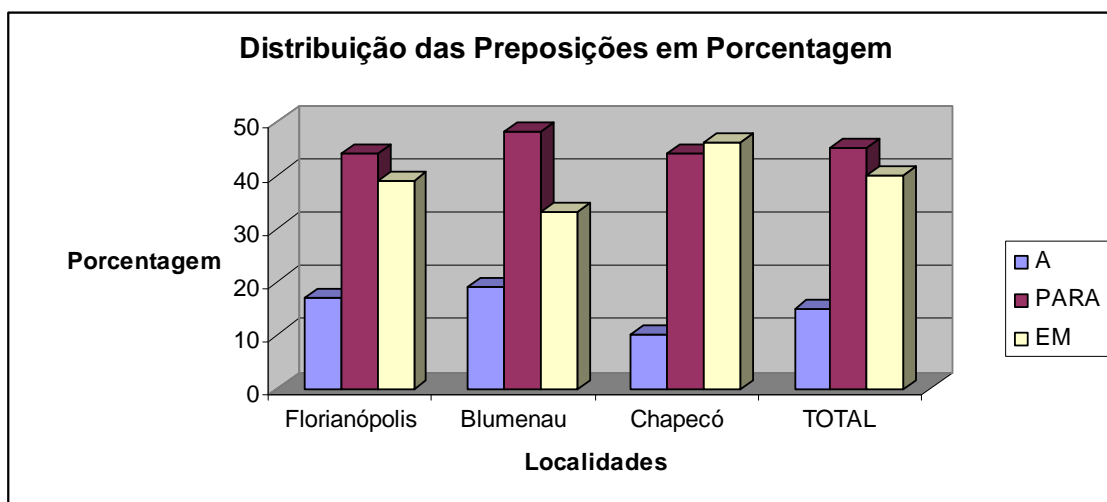
De início, procurou-se determinar a freqüência de uso de cada variante (*a/para/em*) buscando avaliar a produtividade das formas de modo *a* se ter um panorama das ocorrências por cidade. Os resultados obtidos com a tabulação dos dados recolhidos são observados na Tabela (04) abaixo.

Tabela 04 - Distribuição das preposições A/PARA/EM por cidade⁵⁶

Localidade	A		PARA		EM		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	freq.	%	freq.	%
Florianópolis	57	17	146	44	129	39	332	100
Blumenau	51	19	132	48	92	33	275	100
Chapecó	36	10	152	44	162	46	350	100
TOTAL	144	15	430	45	383	40	957	100

De imediato, chama atenção o baixo percentual de uso da preposição *a* (15%) em relação a *para* (45%) e *em* (40%). No entanto, deve-se salientar que esse percentual mostra-se superior às nossas expectativas iniciais, pois supúnhamos que a frequência da preposição *a* fosse menor, já que estamos analisando dados de fala, e o grau máximo de escolaridade controlada dos informantes é colegial. Por outro lado, é interessante notar que a variável em estudo apresenta uma distribuição relativamente equilibrada entre Florianópolis (332 ocorrências) e Chapecó (350 ocorrências), mas tem uma frequência mais baixa em Blumenau (275 ocorrências). Dentre as três localidades, é Blumenau que apresenta relativamente um maior uso das preposições *a* e *para* em detrimento de *em*. Já Chapecó é a cidade que mostra a produtividade mais baixa da preposição *a* e a mais alta da preposição *em*. Florianópolis, por sua vez, situa-se numa posição intermediária às demais cidades, aproximando-se mais de Blumenau quanto ao uso de *a* e *em*, e igualando-se a Chapecó no uso de *para* frente às outras duas preposições. Esses resultados podem ser mais bem visualizados no Gráfico (01).

Gráfico 01 - Distribuição das preposições A/PARA/EM por cidade



⁵⁶ A soma dos percentuais deve ser lida horizontalmente, por cidade.

Os resultados da frequência de uso das preposições se aproximaram, em certa medida, dos resultados encontrados por Mollica (1996) no Rio de Janeiro, onde a autora observou o seguinte comportamento: preposição *a/para* com 56% e preposição *em* com 46%. Como no trabalho de Mollica não encontramos a frequência de uso da preposição *a* desvinculada de *para*, tomamos como parâmetro de comparação com nossos dados apenas a preposição *em*; nesse caso, nota-se uma diferença de seis pontos percentuais (40% em SC e 46% no RJ).

Já os resultados obtidos em João Pessoa, por Vallo (2005), diferem bastante em termos de frequência de uso, com 13% para a preposição *a*, 72% para a preposição *para* e 15% para a preposição *em*. Em João Pessoa, o uso de *a* apresenta praticamente a mesma produtividade encontrada em nossa amostra (13% em JP e 15% em SC); entretanto, a preposição *em* é bem menos usada em João Pessoa do que em Santa Catarina e no Rio de Janeiro (apenas 15%).

A partir desses dados iniciais, sem considerar nenhuma variável associada ao uso das preposições, percebe-se, pois, uma maior ocorrência das preposições *para* e *em* em relação à preposição *a*. Esse resultado inicial abaliza o processo em curso de recuo da preposição *a* no PB, conforme mencionado no início deste trabalho. Retomando Naro & Braga (2000), sobre a frequência de determinada forma, é necessário avaliar os condicionantes que atuam na gramaticalização de uma dessas formas. Dessa forma, passamos à análise dos resultados concernentes aos grupos de fatores lingüísticos.

5.3 Grupos de fatores lingüísticos

Os resultados são apresentados por blocos (cf. quadro 02), tentando respeitar a seleção estatística (cf. quadro 03). Optamos por apresentar e discutir os resultados agrupados em função da natureza das variáveis. Começaremos, portanto, pelas variáveis lingüísticas⁵⁷, deixando, por último, as extralingüísticas. Entre as lingüísticas, seguiremos a seguinte ordem: as associadas ao N locativo; as associadas ao sujeito; as associadas ao verbo; e as discursivas. Em cada subseção, começamos com as variáveis mais relevantes do ponto de vista estatístico, seguidas daquelas não significativas (apresentando a frequência e os percentuais).

As tabelas nas subseções a seguir são organizadas a partir de resultados de três rodadas distintas, cada uma delas elegendo como ‘aplicação da regra’ uma preposição versus

⁵⁷ Outra opção seria mantermos a ordem de significância estatística. Julgamos, porém, que uma discussão com base na natureza dos condicionadores é mais interessante do que simplesmente manter o critério matemático.

as demais. Assim, os resultados para *a* são oriundos de uma rodada binária em que as variantes são *a* versus *para/em*, e assim sucessivamente, conforme já mencionado⁵⁸.

A exposição a seguir obedece às seguintes etapas: formulação da(s) hipótese(s) para a(s) variável(eis) discutida(s), apresentação e discussão dos resultados.

5.3.1 Grupos de fatores associados ao espaço

Apesar de outros trabalhos (MOLLICA, 1996; VALLO 2005) terem controlado o grupo de fatores [+permanência]/[-permanência], motivados tanto pela tradição gramatical (ALMEIDA, 1969; SAID ALI, 1965; BECHARA, 2003) como pela descrição lingüística (FIORIN, 2002; BAGNO, 2001b) que apresenta a diferença no uso das preposições *a* e *para* baseada na oposição ‘estada provisória’ e ‘estada permanente’, consideramos essa variável de difícil operacionalização nos dados⁵⁹. Como definir com certa segurança se o sujeito vai permanecer ou não no local, se não houver uma indicação explícita de tempo, por exemplo? Pistas contextuais nem sempre são esclarecedoras. Em vista disso, organizamos quatro grupos de fatores concernentes ao espaço e três grupos relativos ao verbo (cf. seção 5.3.3), sendo que um deles, particularmente (*freqüência aspectual*), também contempla de modo aproximado essa noção de ‘permanência’.

Entre os quatro grupos de fatores testados em relação ao N locativo (cf. quadro 02), apenas *definitude* não foi selecionado. Vamos discutir, portanto, os três que se mostraram relevantes, nesta ordem: *configuração do espaço*, *demarcação do espaço*, e *destino*. Além disso, apresentamos o resultado da variável *definitude*, conforme o quadro (04), onde retiramos da análise a variável *pessoa do discurso*.

5.3.1.1 Configuração do espaço

Para esse grupo de fatores, estamos considerando as seguintes hipóteses: (i) *para/a* deve ser mais usada com [lugar/objeto] e *em* com [lugar/instituição personificada]; [lugar/evento] e [lugar/instituição]; (ii) *para* deve ser mais usada com [lugar/espaço sócio-geográfico].

⁵⁸ Os resultados da rodada ternária (TVARB) que contempla as três preposições simultaneamente encontra-se em anexo. (ANEXO I).

⁵⁹ Por ocasião da defesa do projeto desta dissertação, foi-nos sugerido, pela professora Odete Menon, que deixássemos de lado a variável *permanência* e abordássemos a questão do locativo e do movimento por meio de outros fatores como *direção* e *freqüência*, por exemplo. Foi o que tentamos fazer nesta etapa do trabalho.

Como em vários trabalhos (cf. seção revisão bibliográfica), as características do locativo se mostraram relevantes para o uso alternado das preposições em estudo, neste, procuramos detalhar a configuração do espaço, tentando captar diferenças mais sutis e detectar eventuais condicionamentos.

É pertinente destacar alguns pontos da revisão, onde o uso da preposição *ad*, que surge no latim clássico, já mostra certa variação, pois essa preposição podia ser usada tanto com objetos animados, como inanimados, sendo que, com objetos animados, *ad* atribui proeminência ao objeto, indicando o ponto a que a ação se dirige. Assim, embora estejamos analisando um verbo que não requer objeto, em nossos dados a maioria dos locativos é de ordem *inanimada*, portanto preferimos refinar os fatores para diferenciarmos os tipos de locativos, o que resultou nas codificações já apresentadas.

Os resultados para a variável *configuração do espaço* encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 05 - Influência da variável *configuração do espaço* sobre o uso de A, PARA e EM

Config.do espaço	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Lugar/inst.personif.	20/69	29	0,70	17/69	25	0,30	32/69	46	0,56
Espaço geográfico	57/257	22	0,69	148/257	58	0,54	52/257	20	0,35
Lugar/evento	17/118	14	0,65	45/118	38	0,45	56/118	47	0,47
Lugar/objeto	46/462	10	0,36	195/462	42	0,51	221/462	48	0,57
Lugar instituição	4/51	8	0,22	25/51	49	0,56	22/51	43	0,59
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/957	40	
	Input: .11 Sig.: .045 1º selecionado			Input: .45 Sig.: .034 7º selecionado			Input: .39 Sig.: .023 5º selecionado		

Vale observar que foi realizada uma rodada adicional com amalgamação de fatores para a preposição *a*, tendo em vista o resultado aproximado dos pesos relativos: *lugar/instituição personificada* (0,70), *espaço geográfico* (0,69) e *lugar/evento* (0,65), bem como o caráter de menos individuação e delimitação desses fatores em oposição aos demais. Com esse (e outros) ajuste, a significância passou de .045 para .020, o que mostra que a amalgamação seria um procedimento metodológico desejável aqui. Mas como praticamente não houve alteração na ordem de seleção dos grupos de fatores, e principalmente com vistas a assegurar um quadro comparativo entre as três preposições, optou-se por manter na tabela os fatores não amalgamados.

Consideremos os números. A variável *configuração do espaço* foi o primeiro grupo selecionado para a preposição *a*, enquanto para a preposição *para* foi o sétimo e para a preposição *em* o quinto selecionado em termos de ordem de significância estatística. O

resultado referente à preposição *a* mostra que os três primeiros fatores dispostos na tabela estão condicionando o uso dessa preposição, e os dois últimos estão desfavorecendo o seu uso. Mas o primeiro fator que influencia a seleção da preposição *a* [lugar/instituição personificada], com peso relativo de 0,70, também favorece, embora com menor peso, a preposição *em* (0,56); e o segundo fator condicionador de *a* [espaço geográfico], com peso relativo de 0,69, também favorece levemente a preposição *para* (0,54). Assim, pode-se dizer que o contexto preferencial da preposição *a*, ou seja, o contexto que, de fato, particulariza seu uso, é o fator [lugar/evento], cujo peso relativo associado é de 0,65 – fator que se mostra levemente inibidor para o uso das preposições *para* e *em* (0,45 e 0,47, respectivamente). Por outro lado, os fatores [lugar/instituição] e [lugar/objeto] são fortes inibidores do uso da preposição *a* (0,22 e 0,36, respectivamente).

O contexto que particulariza o uso da preposição *em* face às demais é [lugar/objeto], cujo peso relativo associado é de 0,57 (embora não se distancie muito do ponto neutro). A preposição *em* também se caracteriza por ocorrer muito pouco introduzindo um espaço geográfico (0,35). Já a preposição *para* não apresenta nenhum contexto particularizado de uso. A tendência mais acentuada em relação a *para* é o nítido desfavorecimento de seu uso com o fator [lugar/instituição personificada], já que o peso relativo associado é bastante baixo (0,30).

Em resumo: (i) o contexto que está se delineando como particular da preposição *a* é [lugar/evento]; (ii) o contexto que está despontando como característico para a preposição *em* é [lugar/objeto]; (iii) a preposição *para* não apresenta nenhum contexto particularizado de uso; (iv) é evidente o comportamento distinto entre as preposições *a/para* versus *em* diante do fator [espaço geográfico], que desfavorece fortemente o uso de *em*; (v) pode-se dizer que as preposições *para/em* estão claramente em variação nos contextos [lugar/evento] e [lugar/instituição].

Os dados abaixo ilustram a tendência de uso da preposição *a* com [lugar/evento], da preposição *em* com [lugar/objeto] e das preposições *a/para* com [espaço geográfico].

(01) *É, sou torcedor de rádio de pilha. Torço pelo Figueirense, mas não vou ao jogo.*
(FLP 10) [lugar/evento]

(02) *Eu lembro, eu era pequena ainda, não ia na ah! ia na escola, sim, já ia na escola, é. Só sei que minha mãe estava esperando neném, ela chorou muito, né?* (BL 06)
[lugar/objeto]

(03) *Eles vieram pra Florianópolis porque todo mundo dizia que Florianópolis era bom. Ilusão, né? Todo mundo dizia: "Ah, vai pra Florianópolis, Florianópolis é bom, é melhor, tem serviço, isso e aquilo." Aí então eles vieram. Mas na época que eles vieram pra cá não tinha ônibus, não tinha nada.* (FLP 08) [espaço geográfico]

(04) *Lá eu trabalhei. Depois eu fui a Curitiba, trabalhava no balcão, vendia tecidos e aviamentos.* (BL 05) [espaço geográfico]

Como ficam esses resultados diante das hipóteses previamente levantadas? Verifica-se que as hipóteses foram parcialmente atestadas: locativo identificado como espaço geográfico favorece *a/para* e desfavorece *em*; a preposição *em* é favorecida em contexto de lugar/instituição personificada (ou não); porém, contrariamente à hipótese inicial, o fator lugar/objeto condiciona o uso de *em* e inibe o uso de *a*, mostrando-se indiferente ao uso de *para*.

Não tínhamos uma hipótese específica para *a* em relação à configuração espacial, pois agregávamos *a/para* versus *em*. Nesse sentido, o resultado surpreendente, a nosso ver, é o que evidencia uma oposição entre as preposições *a* e *para*: lugar/instituição personificada e lugar/evento privilegiam o uso de *a* ao passo que inibem o uso de *para*; por outro lado, lugar/instituição e lugar/objeto desfavorecem *a* e favorecem *para*, principalmente o primeiro fator. Isso mostra que devemos ter uma certa cautela ao dizer, por exemplo, que a preposição *a* está cedendo terreno para a preposição *para*, que, por sua vez, estaria em competição com *em*; ou que *a/para* devem ser reunidas em oposição a *em* (como faz Mollica (1996), por exemplo). Pelo contrário, os resultados apontam que existem contextos claros de retenção do uso de *a* na fala de Santa Catarina.

5.3.1.2 Demarcação do espaço

Em relação à variável ‘demarcação do espaço’ tínhamos como hipótese o seguinte: *para/a* devem estar associadas a espaços menos demarcados, ambiente [- fechado] e *em*, a espaços mais demarcados, ambiente [+ fechado]. Essa hipótese se sustenta na idéia de que a preposição *em*, além da noção de movimento quando acompanha o verbo *ir*, também conota o sentido ‘estar dentro’ associado ao traço [+ fechado]. Além disso, a preposição *em* deriva do latim *in* indicando ‘lugar onde’ (PEREIRA, 1916) (cf. seção de revisão bibliográfica).

Na tabela (06) abaixo, os resultados da atuação dos fatores [-fechado]/[+fechado].

Tabela 06 - Influência da variável *demarcação do espaço* sobre o uso de A, PARA e EM

Demarcação	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
[+fechado]	83/602	14	0,57	227/602	38	0,43	292/602	49	0,55
[- fechado]	61/355	17	0,39	203/355	57	0,62	91/355	26	0,42
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
	Input: .11 Sig.: .045 9º selecionado			Input: .45 Sig.: .034 1º selecionado			Input: .39 Sig.: .023 1º selecionado		

Os resultados da tabela (06) atestam a tendência de atuação do fator [+fechado] na seleção da preposição *em* (0,55) em relação à preposição *para* (0,43); bem como a atuação do fator [-fechado] sobre o uso de *para* (0,62). Esses são os resultados mais significativos da tabela, já que o grupo de fatores em questão foi o primeiro selecionado para ambas as preposições (*em* e *para*).

Contudo, novamente percebemos que a preposição *a* se comporta diferentemente de *para* e de *em*: no que diz respeito à demarcação do espaço, *a* e *em* são igualmente favorecidas pelo traço [+fechado] que caracteriza o ambiente locativo, opondo-se a *para*. Esse resultado mais uma vez aponta para o fato de que a reunião de *para/a* versus *em* na formulação de nossas hipóteses não se mostra adequada. Em suma: é o traço [+fechado] do espaço locativo que retém o uso de *a*, ambiente esse que também favorece a entrada de *em*; em contrapartida, é o traço [-fechado] que propicia a expansão do uso de *para*, conforme ilustram as ocorrências abaixo:

(05) *Eu acho que era coisa da minha cabeça. Aí eu fui lá no Hospital São José, é, São José lá, né? Tinha uma moça antes de mim, que tinha estourado a bolsa, e eles simplesmente botaram um papel e me colocaram em cima.* (FLP 20) [+fechado]

(06) *Muito pouco. Acho que eu já fui muito ao cinema, mais no tempo de solteiro, na época que não existia televisão. Eu acho que a televisão, ela prendeu demais o cidadão em casa.* (FLP 21) [+fechado]

(07) *Aí comecei a trabalhar, [viajei] fui pra Recife a primeira viagem. Quando eu voltei daí eu viajar numa quinta feira, (interrupção na gravação) daí teve uma coisa que adiou pra sexta de novo, né?* (BL 04) [-fechado]

Nossos resultados ratificam as tendências apontadas por Mollica (1996) e Ribeiro (1996, 2008) quanto ao fator [+fechado] favorecendo a seleção da preposição *em*. Vimos também que a análise das preposições (*a/para/em*), separadamente, forneceu um quadro de resultados mais detalhado, pois a preposição *a* também é favorecida pelo fator [+fechado].

Retomando Guedes & Berlinck (2003), observa-se que as autoras também mostraram que há uma tendência de uso clara a preferir a preposição *em* com N [fechado] no *corpus* diacrônico do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (séc. XIX). Vale lembrar que, para as autoras, talvez esse traço sempre tenha atuado na alternância entre *a* e *em*, dado o sentido que essa segunda preposição possuía em latim indicando localização (IN + ablativo), e também IN + acusativo.

Ainda, retomando o percurso histórico dessas preposições, Rocha Lima (1954, p. 11, *apud* BAGNO, 2001a) comenta a evolução e ampliação de significados da preposição *ad* > *a*, considerando que “no latim literário, uma e outra partícula [*ad* e *in*] serviam para indicar tanto a idéia de repouso como a de movimento”. Assim, é possível supor que as noções de “estado” e de “movimento”, ambas originariamente associadas ao uso da preposição *in*, acabam por levar a certa indefinição quanto ao uso das preposições *ad* e *in*, e que isso, por sua vez, tenha reflexo na variação entre as preposições *a* e *em*.

Outro aspecto a considerar é que, com a perda dos casos latinos na evolução para o português, temos *ad* e *in* (que regiam o acusativo) e também *in* (que regia o ablativo) disputando um mesmo espaço sintático. Essa pode ser outra possível pista diacrônica para a explicação da variação das preposições *a* e *em* no português atual.

Por fim, os resultados do fator [+fechado], que atua na seleção das preposições *a/em*, e do fator [-fechado], sobre o uso da preposição *para*, evidenciam a manutenção, ao longo do tempo, desse mesmo contexto favorecedor da variação entre as preposições *a* e *em*. A alteração que se verifica, quanto a esse fator, parece se limitar à frequência de uso de uma variante sobre a outra, com *em* tomando o lugar de *a*.

5.3.1.3 Destino

Para a análise desse grupo de fatores, testamos a seguinte hipótese: *em* deve aparecer associada a [-direção] e *a/para* a [+direção]. Segue a tabela (07) com os resultados da atuação da variável *destino*.

Tabela 07 - Influência do local da variável *destino* sobre o uso de A, PARA e EM

Destino	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
[+direção]	136/834	16	0,55	365/834	44	0,48	333/834	40	–
[- direção]	8/123	7	0,22	65/123	53	0,66	50/123	41	–
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
	Input: .11 3° selecionado	Sig.: .045		Input: .45 6° selecionado	Sig.: .034		Não selecionado		

Dessa vez, a hipótese não foi evidenciada. O uso de *em* independe dos fatores concernentes à direção: essa variável não foi selecionada para *em* e os percentuais associados aos fatores são praticamente idênticos. Já quanto às demais preposições, a variável mostrou-se estatisticamente significativa, especialmente em relação ao uso de *a* (3ª selecionada). Novamente consideramos surpreendente o resultado que opõe *a* e *para*: [+direção] favorece *a* (0,55) e [-direção] favorece *para* (0,66). Veja os dados:

(08) *Isso aqui eu quero quatrocentos. [Você] você é gerente, você vai lá, dá pra quem você quer, mas eu quero quatrocentos pro ano que vem. Então só o gerente desconhece a sociedade lá. Porque [a senhora] a senhora é gerente do Banco do Brasil: eu vou lá no Banco do Brasil, faço um financiamento, mas eu não conheço você. Seu pai, você é rico. E nós não damos pra você, deixa eu dar pra senhora.* (CH 08) [+direção]

(09) *Que eu era super bom em tênis de mesa e agora não sou mais. Desaprendi. Até foi traumatizante a minha eu era bom, tinha eu e mais três, nós éramos os melhores do colégio em tênis de mesa. Aí fomos pra um campeonato, eu perdi pra um cara que não sabia jogar. Ele foi no balãozinho lá, né?* (CH 18) [-direção]

A tabela (07) mostra uma tendência de uso significativa, pois a preposição *a* mantém seu significado básico, ou seja, direção; e, por sua vez, percebe-se certa abstração do significado no uso da preposição *para*, ou seja, podemos considerar uma expansão semântica no uso da preposição *para*, conforme as ocorrências abaixo:

(10) *eu fiquei [por um] no setor pessoal por uns dois meses e agora me fizeram o convite pra ir para o protocolo, então eu estou tocando o protocolo.* (FLP 02)

(11) *Claro que às vezes depende muito do estudo, né? E, claro, quem estuda, então isso é muito lógico, espera uma coisa bem melhor. Quem não estuda, claro, que tem que ir pra picareta [ou "num"] serviço mais pesado.* (FLP 12)

Valendo-nos do estudo de Guedes & Berlinck (2003), lembramos que a preposição *in* possuía, em latim, o sentido estático de ‘localização’, vindo a agregar posteriormente também o sentido de ‘movimento’, competindo, nesse último caso, com *ad*. Segundo as autoras, a alternância entre *in* e *ad*, para expressar o movimento em direção a um lugar, manteve-se ao longo da história da língua portuguesa; mas, com a expansão de sentido da preposição *a* (que passou a incorporar noções como origem, beneficiário, experimentador, tempo, instrumento), seu uso se generaliza tornando-se não-marcado, o que teria motivado a emergência de formas mais específicas para marcar noções antes introduzidas por *a*.

No trabalho de Guedes & Berlinck (2003), em amostra do século XIX, para os casos de deslocamento direcionado ‘meta’ com os predicadores *ir*, *chegar*, *vir*, os dados relativos à ‘direção’ mostram o resultado de 67% de ocorrência de *a* vs 12% de *em*. Nesse caso, a principal concorrente de *a* é *para*, com 21% de ocorrências. Embora nossa análise recaia apenas sobre o verbo *ir*, e tenhamos refinado o parâmetro ‘direção’ distinguindo dois tipos de locativo (com trajetória claramente especificada e com trajetória indefinida), é interessante considerar que, em nossa amostra, a preposição *a* tende a ser retida no contexto [+ direção] em contraste com *para* que tem seu uso expandido no contexto [- direção], mas esse fator se mostrou indiferente para o uso de *em*. Ou seja, a preposição *em* aparece livremente em contextos com e sem trajetória definida.

Cabe, ainda, uma observação aqui. Apesar de classificarmos os dados (09), (10) e (11) como [-direção], vale lembrar que, na visão funcionalista aqui adotada, as categorias não são discretas, mas devem ser vistas num *continuum* (GIVÓN, 1995), por isso a dicotomia [+direção]/[-direção] deve ser flexibilizada. Assim, a interpretação de *direção* associada ao verbo *ir*, depende sempre do contexto utilizado pelo falante. Essa observação é válida para todos os grupos de fatores binários.

5.3.1.4 Definitude

Para a análise desse grupo de fatores, testamos a seguinte hipótese: *para/a* devem ocorrer com nome locativo vago e/ou impreciso [- definido] para o falante, e *em* com nome locativo de conhecimento do falante [+ definido]. Essa hipótese está baseada nos resultados encontrados por Mollica (1996), Ribeiro (1996; 2008) e Vallo (2005). Os resultados estão dispostos na tabela (08) abaixo.

Tabela 08 - Influência da variável *definitude* sobre o uso de A, PARA e EM

Destino	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
[+definido]	142/926	15	-	417/926	45	-	367/926	40	0,49
[-definido]	2/31	6	-	13/31	42	-	16/31	52	0,70
TOTAL	144/957	15	-	430/957	45	-	383/957	40	
Não selecionado			Não selecionado			Input: .41 Sig.: .34 6º selecionado			

O resultado para a variável *grau de definitude do nome locativo* contradiz a hipótese testada, pois aponta que o uso de um nome locativo vago e/ou impreciso para o falante e/ou o ouvinte favorece o uso da preposição *em* com (0,70) de atuação. Portanto, os resultados não ratificam as tendências encontradas por Mollica (1996), bem como de Ribeiro (1996; 2008) e Vallo (2005).

Cabe aqui a seguinte consideração: os critérios que utilizamos para a variável *definitude* são parcialmente distintos daqueles utilizados pelos demais autores. Enquanto eles basearam a análise dessa variável em critérios semânticos e formais, optamos por privilegiar apenas o critério semântico-discursivo. Talvez esse procedimento metodológico diferenciado tenha interferido no resultado.

5.3.2 Grupos de fatores associados ao sujeito

Entre os quatro grupos de fatores testados em relação ao sujeito (cf. quadro 02), apenas *pessoa do discurso* foi selecionado como estatisticamente relevante. A seguir será discutida essa variável e, na seqüência, reuniremos os resultados percentuais das demais variáveis concernentes ao sujeito.

Para esse grupo de fatores, a hipótese que rege a pesquisa é a seguinte: *para/a* devem ocorrer mais com a não-pessoa (3ª. pessoa gramatical) e *em* com a primeira pessoa do discurso. Correlacionado a isso, *para/a* com SN pleno e *em* com formas pronominais de referência. Nas tabelas (09) e (10) seguem os resultados para a variável *pessoa do discurso*.

Tabela 09 - Influência da variável *pessoa do discurso* sobre o uso de A, PARA e EM

Pessoa do discurso	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
<i>A gente</i>	29/179	16	0,58	70/179	39	0,44	80/179	45	0,54
P1 (<i>eu, nós</i>)	84/441	19	0,56	183/441	41	0,44	174/441	39	0,52
P2	8/58	14	0,50	19/58	33	0,44	31/58	53	0,59
P3	23/279	8	0,36	158/279	57	0,65	98/279	35	0,42
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
	Input: .11 3° selecionado	Sig.: .045		Input: .45 2° selecionado	Sig.: .034		Input: .39 7° selecionado	Sig.: .023	

Tendo em vista a aproximação entre os pesos relativos associados aos fatores *a gente* e *nós/eu*, bem como o valor discursivo de ambos que envolve a primeira pessoa, esses fatores foram amalgamados em novas rodadas, sendo que para a preposição *para* P2 também foi agregado àqueles fatores. Os pesos resultantes se encontram abaixo.

Tabela 10 - Influência da variável *pessoa do discurso* sobre o uso de A, PARA e EM

Pessoa do discurso	A	PARA	EM
<i>A gente+eu/nós</i>	0,57		0,53
P2	0,48	0,44	0,59
P3	0,35	0,65	0,42

Os resultados ficaram mais nítidos agora. Não houve alteração na significância para *a* e *para*, mas para *em* caiu de .023 para .008, o que mostra que esse procedimento metodológico foi acertado. O sujeito *a gente/nós/eu* influencia o uso da preposição *a* (0,57), enquanto *tu/você* está mais fortemente correlacionado à preposição *em* (0,59) e a terceira pessoa condiciona o uso de *para* (0,65). Como se pode perceber, a hipótese foi apenas parcialmente atestada, e novamente se evidenciou que as preposições *a* e *para* devem ser analisadas em separado.

Com esses resultados, podemos traçar uma tendência de uso das preposições relacionada à pessoa do discurso conforme quadro abaixo.

Pessoa do discurso	Preposição
<i>A gente+eu/nós</i> (P1)	A
P2	EM
P3	PARA

Seguem dados ilustrativos da variável *pessoa do discurso*.

(14) *Horrível, a Cento e Um é um caos, [eu] olha, às vezes eu gostaria de ir mais longe assim, fazer um passeio, isso e aquilo, mas, eu não gosto de dirigir, e, às vezes que eu*

ando na Cento e Um pra mim não é um passeio, não é nada, isso é A última vez que **eu fui a Florianópolis**, realmente, quando eu vinha de volta, era umas quatro ou cinco horas da tarde, essa região de Florianópolis pra cá,... (FLP 24) [P1]

(15) Isso aí foi só inventado só pra tirar o dinheiro [do] da classe operária porque classe operária é [que] que sofre com isso. **Tu vais no mercado**, hoje é um preço, tu vais amanhã no mesmo supermercado aí que está aumentando quarenta e poucos por cento acima [da] do permitido. (BL 12) [P2]

(16) Foi uma luta tremenda pra nós dois e os filhos. Botava tudo dentro do Fusquinha, **ela ia pra uma universidade**, eu ia pra repartição e botava os filhos na escola. Às cinco horas ia buscar os filhos, botava na minha repartição e eles ficavam sentadinhos, escrevendo pra não incomodar. (FLP 13) [P3]

Abaixo, reunimos numa única tabela os grupos de fatores *forma do SN*, *(in)determinação* e *agentividade do sujeito*. Essa tabela não contém pesos relativos, já que os grupos não foram selecionados pelo programa VARBRUL para nenhuma das preposições.

Retomando a hipótese, esperávamos encontrar as preposições *para/a* mais associadas com SN pleno e com sujeito [+agente] e [+determinado], e *em* nos demais contextos. Na tabela (11) é apresentado os resultados desses fatores.

Tabela 11 - Correlação entre variáveis associadas ao sujeito e o uso das preposições A, PARA e EM⁶⁰

VARIÁVEIS	A		PARA		EM	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Forma do SN						
Pronome	83/496	17	217/496	44	196/496	39
∅	52/394	13	176/394	45	166/394	42
SN pleno	9/67	13	37/67	55	21/67	31
(In)determinação						
[+ determinado]	99/605	16	274/605	45	232/605	38
[- determinado]	45/352	13	156/352	44	151/352	43
Agentividade						
[+ agente]	136/880	15	388/880	44	356/880	40
[- agente]	8/77	10	42/77	55	27/77	35

⁶⁰ Foram feitas rodadas adicionais com algumas substituições nas variáveis independentes para verificar se estariam ocorrendo eventuais sobreposições de fatores. Foi retirada a variável *pessoa do discurso* na tentativa de que a *forma do SN* ou a *(in)determinação do sujeito* ganhassem significância estatística. Contudo isso não aconteceu. Em nova tentativa, foram amalgamados, para a preposição *a*, os fatores *SN* e *∅* (percentual idêntico de 13%); e para as preposições *para* e *em*, os fatores *pronome* e *∅* (com diferenças percentuais de 1 e 2 pontos, respectivamente). Esse grupo continuou não selecionado pelo programa VARBRUL.

Embora os resultados não sejam salientes, pode-se perceber que o percentual maior de *para* concentra-se no fator SN pleno e [-agente]; o percentual maior de *a* agrega-se a pronome e a sujeito [+agente] e [+determinado]; e o percentual mais alto de *em* associa-se a \emptyset , [-determinado] e [+agente]. Todavia, como foi dito, esses três grupos de fatores não se revelaram significativos em relação à escolha de uma ou de outra preposição. Como apenas a *pessoa do discurso* mostrou exercer influência na seleção das preposições (*a/para/em*), parece que o falante tem uma inclinação para selecionar a preposição associada ao seu referente no discurso.

5.3.3 Grupos de fatores associados ao verbo

Entre os três grupos de fatores testados em relação ao verbo (cf. quadro 02), apenas *tempo-modo verbal* foi selecionado como estatisticamente relevante para a preposição *a*. A primeira tabela contempla essa variável e a seguinte reúne os resultados percentuais para as variáveis concernentes a *aspecto verbal*.

Para o fator *tempo-modo verbal* a hipótese era de que *para/a* seriam mais frequentes com verbos no tempo não-passado e *em* com verbos no passado. Na tabela (12) é apresentado os resultados de atuação da variável *tempo-modo verbal*.

Tabela 12 – Influência da variável *tempo-modo verbal* sobre o uso de A, PARA e EM

Tempo-modo verbal	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Pretérito perfeito	60/271	22	0,62	119/271	44	–	92/271	34	–
Presente	30/241	12	0,48	98/241	41	–	113/241	47	–
Pretérito imperfeito	39/292	13	0,47	148/292	51	–	105/292	36	–
Outros	15/153	10	0,38	65/153	42	–	73/153	48	–
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
	Input: .11 Sig.: .045 6° selecionado			Não selecionado			Não selecionado		

Como se pode perceber na tabela acima, não se evidenciou a hipótese testada, pois o único resultado relevante diz respeito à correlação entre o tempo verbal *pretérito perfeito* e o uso da preposição *a*. Os percentuais mais baixos associados a *em* são justamente os de tempo passado. Considerávamos que essa variável estivesse relacionada com a ‘narratividade’, no sentido de que a forma inovadora não-padrão *em* surgisse mais em seqüências narrativas, já que o discurso narrativo propiciaria a emergência do vernáculo. Como o relato de

experiências é feito no passado, o esperado era uma correlação entre *em* e tempo passado, o que, como vimos, não se efetivou.

(17) *Sim, tinha assim, mas só que era das redondezas, que não dava pra ir, sair longe, porque não tinha [como] como ir pra longe, o meio [de] de condução era bicicleta no máximo e [não] não [tinha] porque o nosso lugar mais a gente freqüentava o lugar ali mesmo. Para o centro da cidade, eu fui a primeira vez aqui pra Blumenau, para o centro da cidade, quando eu tinha catorze anos.* (BL 03)

Considerando o quadro (04), com a retirada da variável *pessoa do discurso*, a variável *tempo-modo verbal* passou a ser significativa na seleção da preposição *para*, conforme os resultados da tabela (13) abaixo.

Tabela 13 - Influência do local da variável *tempo-modo verbal* sobre o uso de A, PARA e EM

Destino	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Pretérito perfeito	60/271	22	0,63	119/271	44	0,36	92/271	34	-
Outros	15/153	10	0,38	65/153	42	0,49	73/153	48	-
Pretérito imperfeito	39/292	13	0,47	148/292	52	0,60	105/292	36	-
Presente	30/241	12	0,47	98/241	41	0,54	113/241	47	-
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/957	40	-
Input: .16 Sig.: .15 5° selecionado			Input: .45 Sig.: .47 6° selecionado			Não selecionado			

Confrontando esses resultados com a nossa hipótese inicial, de que as preposições *para/a* seriam mais freqüentes com verbos no tempo não-passado e *em* com verbos no passado, novamente não se evidenciou a hipótese testada, pois o fator que motiva a seleção das preposições *a* e *para* é, justamente, o tempo passado. Os resultados mostram uma distribuição complementar em relação às duas preposições, ou seja, *pretérito perfeito* atuando na seleção da preposição *a*, e *pretérito imperfeito* na seleção da preposição *para*.

Estamos considerando a seleção das preposições associada à *narratividade*, acreditando que fatos passados pudessem promover o uso da preposição *em*. Como vimos nos resultados, essa linha de pensamento não foi confirmada. Uma hipótese alternativa poderia ser a seguinte: conforme apresentado na seção Revisão histórica, o verbo *ir* deriva de três verbos latinos diferentes (*ire, vadere, fu-*), que foram reunidos em uma única forma verbal. Pode-se pensar que as preposições estariam apresentando uma regularização de uso associadas aos verbos de origem, com o uso da preposição *para* com o tempo verbal *pretérito imperfeito*, e

da preposição *a* com o tempo verbal *pretérito perfeito*. Porém, esse pensamento é apenas uma hipótese, e merece uma investigação mais profunda.

Dando continuidade à análise, reunimos a seguir, na tabela (14), os percentuais do grupo de fatores relativo ao aspecto verbal: *perfectividade*, que não apresentou significância estatística. Para essa variável, estamos considerando a seguinte hipótese: *em* deve aparecer associada ao aspecto perfectivo e *para/a* ao imperfectivo. Na tabela, a seguir, são apresentados os resultados.

Tabela 14 – Influência da variável *perfectividade* sobre o uso das preposições A, PARA e EM

VARIÁVEIS	A		PARA		EM	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%	Apl./Total	%
<i>Perfectividade</i>						
Perfectivo	57/311	18	148/311	48	106/311	34
Imperfectivo	87/646	13	282/646	44	277/646	43

Como a variável *perfectividade* não foi selecionada pelo programa VARBRUL, realizamos uma segunda rodada, retirando a variável *tempo-modo verbal* para testar o efeito do *aspecto/perfectividade* eliminando, assim, a natural sobreposição de alguns traços que existem entre as duas variáveis. Dessa vez, a *perfectividade* passou a ser selecionada como significativa para a preposição *a*, embora numa ordem mais baixa de seleção do que a que havia sido atribuída na rodada anterior à variável *tempo-modo*. Não foi significativa para as preposições *para* e *em*. Isso mostra que, embora haja alguma sobreposição nessas duas variáveis, o tempo verbal parece ter uma atuação mais relevante do que o aspecto em relação ao uso da preposição *a*. Essa interpretação é reforçada pelo fato de que, quando as duas variáveis são consideradas, somente *tempo-modo* é selecionado pelo pacote estatístico.

Observemos a tabela (14). Embora os percentuais não mostrem diferenças salientes, é possível notar que o resultado é inverso às nossas expectativas iniciais: *para/a* ocorrem mais com aspecto perfectivo do que *em*, que é bastante freqüente com aspecto imperfectivo.

Por fim, apresentamos abaixo os resultados (cf. quadro 4) referentes à variável *freqüência* (Tabela 15). Para a variável em questão, avaliamos a seguinte hipótese: *para/a* devem aparecer associadas a [iterativo] e *em* a [semelfactivo].

Tabela 15 - Influência da variável *freqüência* sobre o uso de A, PARA e EM

Destino	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Iterativo	232/518	45	-	215/518	42	0,43	71/518	14	-
Semelfactivo	151/439	34	-	215/439	49	0,59	73/439	17	-
TOTAL	383/957	40		430/957	45		144/957	15	-
Não selecionado				Input: .45 Sig.: .47 3° selecionado			Não selecionado		

O único resultado significativo que a tabela evidencia em termos de pesos relativos é referente à atuação da variável *semelfactivo* na seleção da preposição *para*.

5.3.4 Grupos de fatores discursivos

As duas variáveis independentes desse bloco mostraram relevância estatística: *narratividade* e *finalidade*.

5.3.4.1 Narratividade

O controle desse grupo de fatores está diretamente ligado ao tempo-modo verbal, conforme já mencionado, esperando-se que *para/a* apareçam preferencialmente em seqüências textuais não-narrativas, e *em* em seqüências narrativas. Na tabela (16) seguem os resultados para a variável *narratividade*.

Tabela 16 - Influência da variável *narratividade* sobre o uso de A, PARA e EM

Narratividade	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
[+ narrativo]	103/690	15	-	336/690	49	0,55	251/690	36	0,46
[- narrativo]	41/267	15	-	94/267	35	0,38	132/267	49	0,60
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
Não selecionado				Input: .45 Sig.: .034 3° selecionado			Input: .39 Sig.: .023 2° selecionado		

Da mesma maneira que ocorreu com a variável *tempo-modo verbal*, o resultado para *narratividade* também foi inverso ao esperado. Como se pode perceber na tabela, o contexto [-narrativo] condiciona a preposição *em* (0,60) e inibe *para* (0,38). Já o contexto [+narrativo] favorece a preposição *para* (0,55) e desfavorece *em* (0,46). A preposição *a* não é afetada pela *narratividade*. Seguem dados ilustrativos da variável *narratividade*.

(18) *É, depois eu fui outra vez pra casa. Depois com catorze anos me botaram na casa do Julio pra cuidar criança outra vez, lá ("pra") mais de dois anos, depois eu saí de lá e trabalhei como empregada. Mas era muito pesado.* (BL 06) [+narrativo]

(19) *Isso aí foi só inventado só pra tirar o dinheiro [do] da classe operária porque classe operária é [que] que sofre com isso. Tu vais no mercado, hoje é um preço, tu vais amanhã no mesmo supermercado aí que está aumentando quarenta e poucos por cento acima [da] do permitido.* (BL 12) [-narrativo]

Esses dados diferem em certa medida dos resultados encontrados em João Pessoa, onde Vallo (2005), para o grupo de fatores *narratividade*, mostra que a não-narratividade do discurso favorece o uso da forma padrão *a/para*, com um peso relativo de 0,85, e que a narratividade do discurso favorece a forma não-padrão *em* com um peso relativo de 0,73. Comparando os dados, se percebe, justamente, o oposto, onde temos [+narratividade] favorecendo a preposição *para* e [-narratividade] favorecendo a preposição *em*. Esse resultado mostra que essa variável provavelmente requeira um olhar mais criterioso.

5.3.4.2 Finalidade

Para este grupo de fatores, estamos considerando como hipótese o seguinte: quando há expressão de *para/prá* ‘finalidade’ (depois de Ir + locativo), a preposição que aparece junto ao verbo IR é *em*, para evitar a repetição da preposição *para* (indicando direção e finalidade). Na tabela (17) são apresentados os resultados da atuação da variável *finalidade* na seleção das preposições *a/para/em*.

Tabela 17 - Influência da variável *finalidade* sobre o uso de A, PARA e EM

Finalidade	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
[-finalidade]	141/883	16	0,53	390/883	44	-	352/883	40	-
[+finalidade]	3/74	4	0,20	31/54	57	-	20/54	37	-
[+ finalidade] <i>para</i>	-	-	-	9/20	45	-	11/20	55	-
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/957	40	
	Input: .11 Sig.: .045 5° selecionado			Não selecionado			Não selecionado		

Essa variável só se mostrou significativa para a preposição *a*, favorecida no contexto de [-finalidade] (0,53). Mesmo não selecionados pelo programa estatístico, os contextos [+finalidade] e [+finalidade] *para* estão correlacionados, em termos de frequência mais alta,

às preposições *para* (57%) e *em* (55%), respectivamente. Nesse último caso, há um leve indício de que a hipótese pode se sustentar: se já houver a preposição *para* expressa indicando finalidade, o falante vai preferir utilizar *em* junto ao verbo.

Vale destacar, mais uma vez, o comportamento inesperado da preposição *a* em relação às outras duas, conforme a ocorrência destacada abaixo:

(20) *Então, porque o padre nos levou lá, nos recebeu. Então, houve troca de cordialidade, e me convidaram mais vezes. Um belo dia, eu saí da Suíça, fui até a Itália. Fizeram uma festa pra gente, mas só entre a família deles.* (CH 20)

Observando, agora, os resultados do quadro (04), sem a variável *pessoa do discurso*, a variável [*finalidade*] passou a ser significativa para a preposição *para*, conforme tabela (18) abaixo.

Tabela 18 - Influência da variável *finalidade* sobre o uso de A, PARA e EM

Destino	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
[-finalidade]	141/883	16	0,53	390/883	44	0,49	352/883	40	-
[+finalidade]	3/74	4	0,20	40/74	54	0,62	31/74	42	-
[+ finalidade] <i>para</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/957	40	
	Input: .16 Sig.: .15 7° selecionado			Input: .45 Sig.: .47 7° selecionado			Não selecionado		

Os novos resultados da tabela, agora, estão mais evidentes, mas por sua vez diferem de nossa hipótese inicial de considerar que a preposição que aparece junto ao verbo *ir* é *em* quando há expressão de ‘finalidade’, pois, justamente, o fator que propicia o aparecimento da preposição *para* é [*+finalidade*]. Além disso, o programa não selecionou essa variável como significativa para a preposição *em*.

Observando esse quadro, primeiramente, vê-se que há uma oposição entre as preposições *a* e *para*, com o fator [*-finalidade*] atuando na seleção da preposição *a*, e com um peso maior do fator [*+finalidade*] na seleção da preposição *para*.

Vale lembrar, aqui, a definição para a preposição *para* encontrada nas gramáticas. Sacconi (1994, p. 262), sobre isso, comenta:

A preposição para introduz complemento nominal e adjunto adverbial e pode indicar estas relações: 1) consequências: estar muito alegre para preocupar-se com mesquinhas; ser bastante inteligente para não cair em esparrela. 2) fim: nascer para trabalho; vir para ficar; chegar para a conferência; 3) lugar: ir para Madri; apontar o dedo para o céu.

Das relações acima apresentadas, interessa-nos observar as duas últimas, pois indicam que a preposição *para* tem valor de ‘fim’ na segunda definição, e de ‘lugar’ na terceira. Assim, podemos pensar em uma expansão do campo semântico de atuação da preposição *para* no complemento locativo, ou seja, passando a indicar, além de movimento, também finalidade, como observado nos resultados. É claro que essa possibilidade merece uma investigação mais profunda, e envolve questões pragmáticas, além de semânticas.

Sobre a variação das preposições, Travaglia (1985, p. 28) sustenta que a preposição é regida não só pelo seu argumento ou adjunto. Em consequência disso, a escolha da preposição se daria em dois níveis diferentes: no nível sintático, a preposição seria selecionada pelo verbo e, no nível semântico, ela harmonizaria com o conteúdo semântico do adjunto ou do argumento do verbo. No caso deste estudo, no nível sintático o verbo *ir* está regendo variavelmente três preposições (*a/para/em*). No nível semântico, a *configuração do espaço* com seus detalhamentos motiva o uso de uma ou de outra preposição. Mas também vimos a atuação de *tempo-modo verbal*, cuja natureza é morfo-semântica, além da variável *pessoa do discurso*, que está associada ao sujeito mas que, de fato, é de natureza discursiva, assim como a *narratividade* e a *finalidade*. Isso mostra que o fenômeno sob análise transita pelos níveis morfossintático e semântico-discursivo, além de ser sensível a fatores extralingüísticos, como veremos a seguir. Portanto, pode-se dizer que a escolha da preposição se dá em mais do que dois níveis, diferentemente do que sugere Travaglia.

5.4 Grupos de fatores extralingüísticos

Somente a variável *sexo* foi descartada nas sucessivas rodadas estatísticas. São apresentados a seguir os resultados para *idade*, *escolaridade* e *localidade*.

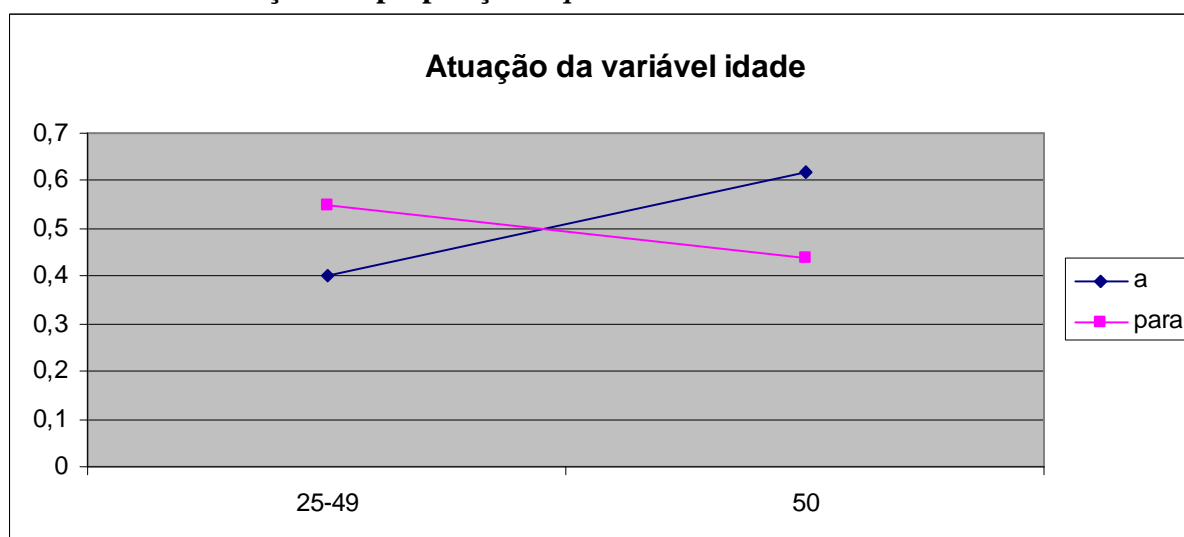
5.4.1 Idade

Para este grupo de fatores estamos testando a seguinte hipótese: *para/a* devem ser mais usadas por informantes mais velhos e com maior grau de escolaridade, e *em* por informantes mais jovens e com menor escolaridade. Na tabela (19) têm-se os resultados da influência da variável *idade*.

Tabela 19 - Influência da variável *idade* sobre o uso de A, PARA e EM

Idade	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
+ de 50 anos	91/449	20	0,62	184/449	41	0,44	174/449	39	–
25 a 49 anos	53/508	10	0,40	246/508	48	0,55	209/508	41	–
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
Input: .11 Sig.: .045 2º selecionado			Input: .45 Sig.: .034 4º selecionado			Não selecionado			

A variável social *idade* não se mostrou relevante para *em*. Foi, porém, a segunda selecionada para *a*, cuja tendência de uso situa-se entre os mais velhos (0,62); e a quarta selecionada para a preposição *para*, que mostra uma leve inclinação a ser usada pelos informantes da faixa etária de 25 a 49 anos (0,55). Considerando apenas as preposições *a/para* elaboramos o gráfico (02) abaixo.

Gráfico 02 – Utilização das preposições *a/para* relacionadas à variável idade.

Pode ser observada no gráfico (02) a diminuição de uso da preposição *a*, e o aumento de uso da preposição *para* à medida que a idade diminui. Esse recuo no uso de *a* entre os mais novos pode ser interpretado como indício de mudança/gramaticalização da preposição *para* no complemento locativo do verbo *ir* de movimento. Além disso, apesar da variável social *idade* não ser selecionada como relevante na seleção da preposição *em*, considerando a porcentagem de uso da preposição, percebe-se um leve aumento de uso dessa preposição conforme diminui a idade dos informantes. Vale lembrar, porém, que para evidenciar com mais clareza o processo de mudança, seria necessário investigar o processo ao longo do tempo, pois estamos considerando apenas o aumento da frequência de uso e duas faixas etárias, como um dos indícios da gramaticalização da preposição *para*.

5.4.2 Escolaridade

Para esse grupo de fatores, nossa expectativa é de que as ocorrências da variante *a* sejam mais freqüentes entre os mais escolarizados. Seguem na tabela (20) os resultados de atuação dessa variável.

Tabela 20 - Influência da variável *escolaridade* sobre o uso de A, PARA e EM

Escolaridade	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Colegial	60/296	20	0,59	143/296	48	–	93/296	31	0,41
Ginásial	50/360	14	0,50	150/360	42	–	160/360	44	0,55
Primário	34/301	11	0,42	137/301	46	–	130/301	43	0,53
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
Input: .11 Sig.: .045 8º selecionado			Não selecionado			Input: .39 Sig.: .023 3º selecionado			

Novamente o fator social mostrou-se relevante na seleção das preposições. Quanto mais escolarizado o informante, mais utiliza a preposição *a*, o que fica evidente no distanciamento verificado entre o grau colegial (0,59) e o primário (0,42). Em contrapartida, a preposição *em* tende, embora levemente, a aparecer entre os menos escolarizados, incluindo os níveis primário e ginásial (0,53 e 0,55, respectivamente). Já a preposição *para* mostra-se insensível à escolaridade.

Além disso, resolvemos testar a correlação das variáveis *escolaridade* e *idade* com a finalidade de avaliar se apresentavam alguma diferença nos resultados. Sobre o assunto, Guy e Zilles (2007, p. 221) comentam que “fatores como sexo, idade e classe social, muitas vezes, não se comportam independentemente uns dos outros”. Como não encontramos evidências significativas dessa equação, resolvemos, apenas, apresentar os resultados no Anexo II.

Vale lembrar aqui a observação de Thomas (*apud* Pontes, 1992, p. 23) de que “a preposição *a* está praticamente em desuso no Português do Brasil (excetuando-se a língua escrita, que é mais conservadora, mais submissa ao ensino escolar e, portanto, com uma evolução mais lenta) para indicar espaço propriamente dito”. De fato, encontramos evidências de que a preposição *a* resiste mais entre os indivíduos com um maior nível de escolaridade.

5.4.3 Localidade

Nossa hipótese inicial era de que haveria um comportamento diferenciado por cidade no que diz respeito à freqüência de uso das preposições, com um índice maior da variante padrão *para/a* em Florianópolis (capital). Na tabela (21), os resultados dessa variável.

Tabela 21 - Influência da variável *localidade* sobre o uso de A, PARA e EM

Localidade	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Blumenau	51/275	19	0,57	132/275	48	–	92/275	33	0,45
Florianópolis	57/332	17	0,56	146/332	44	–	129/332	39	0,46
Chapecó	36/350	10	0,39	152/350	43	–	162/350	46	0,58
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/947	40	
Input: .11 Sig.: .045 7º selecionado			Não selecionado				Input: .39 Sig.: .023 6º selecionado		

Os resultados mostram que a localidade é um fator relevante na seleção das preposições: as cidades de Blumenau (0,57) e Florianópolis (0,56) mostram uma tendência de uso da preposição *a*, e a cidade de Chapecó (0,58) inclina-se ao uso da preposição *em*. A preposição *para* mostra-se indiferente à região.

Embora as três cidades pertençam a um mesmo estado da Região Sul, esse comportamento diferenciado quanto ao uso das preposições pode sugerir que cada uma represente uma subcomunidade dentro de uma comunidade de fala maior. Em relação a isso, Millroy (2002) comenta que estudos feitos por Labov (1963 [marcas fonológicas]) e Cheshire (1982 [marcas gramaticais]) mostraram que quanto mais integrado o sujeito está a uma rede, mais freqüentemente tende a usar variantes locais/regionais. Assim, é possível hipotetizar que Florianópolis e Blumenau sejam centros urbanos onde a tendência dos indivíduos a integrar diferentes redes sociais⁶¹ seja mais ampla, podendo manter contato com indivíduos mais escolarizados, etc., o que poderia estar correlacionado com o uso da preposição *a*. Todavia, para testar essa idéia, seria necessário investigar as redes sociais dos indivíduos envolvidas na pesquisa. Outra hipótese que poderia ser aventada seria uma busca de marcas sociais pelas comunidades analisadas; mas, como nenhuma das formas carrega estigma, provavelmente tal hipótese seria descartada.

⁶¹ A designação para *Redes sociais*, conforme Milroy (2002), corresponde aos relacionamentos criados pelas pessoas para suprir as dificuldades da vida cotidiana. Tais redes podem variar de um indivíduo para outro e ser constituídas por ligações de diferentes tipos e intensidades. Apesar de pertencer a uma determinada comunidade de fala, as pessoas fazem uso da língua/fala em diferentes práticas que oferecem diferentes modelos (variações) de uso da fala. O falante faz uso da língua para atender as exigências necessárias de cada interação específica. A autora distingue redes de primeira e de segunda ordem. Constituem redes de primeira ordem, a família e os amigos; e as de segunda, são compostas por pessoas com as quais o indivíduo passa uma boa parte do tempo, no entanto, não confia a elas segredos, conselhos, etc. Os indivíduos aprendem as características de uma comunidade de fala, primeiramente, com aqueles com que têm um primeiro contato, ou seja, com seus familiares, formando assim sua identificação social; e em um segundo momento de aprendizagem, as pessoas se inserem em outras redes, formando redes sociais de interação que permeiam diversos grupos sociais (amigos, escola, igreja, trabalho).

De qualquer forma, consideramos bastante significativo esse resultado, e, em função disso, redirecionamos a análise, organizando a seção seguinte comparando os resultados de acordo com as regiões geográficas.

5.5 Variação diatópica

O arranjo das tabelas segue agora uma configuração diferente. Foram reunidos numa única tabela os resultados obtidos para cada cidade em relação ao uso de cada uma das preposições. Assim, temos uma tabela para a preposição *a*, outra para a preposição *para* e outra para *em*.

5.5.1 Preposição *a*

Na rodada com dados de *Florianópolis*, os seguintes grupos de fatores foram selecionados pelo programa estatístico: *configuração do espaço*, *destino*, *escolaridade* e *sexo do informante*, nesta ordem de relevância. Para *Blumenau*, foram selecionados: *idade*, *configuração do espaço*, *sexo e destino*. Na variável *configuração do espaço*, foi feita uma amalgamação de fatores devido ao comportamento similar dos fatores *instituição personificada*, *espaço geográfico* e *lugar/evento* em relação à preposição *a* em Blumenau. Já em *Chapecó*, a única variável estatisticamente significativa foi a *escolaridade*. Na tabela (22), são apresentados os resultados de atuação das variáveis.

Tabela 22 - Atuação das variáveis significativas por cidade sobre o uso da preposição *A* versus *EM/PARA*

VARIÁVEIS	FLORIANÓPOLIS			BLUMENAU			CHAPECÓ		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Configur. do espaço			(1)			(2) ⁶²			
Inst.personificada	12/26	46	0,87						
Espaço geográfico	7/28	25	0,80				–	–	–
Lugar/evento	12/64	19	0,48	39/158*	25	0,65			
Lugar/instituição	2/27	7	0,32	2/14	14	0,36			
Lugar/objeto	24/187	13	0,42	10/103	10	0,29			
Destino			(2)			(4)			
[+ direção]	54/297	18	0,55	48/238	20	0,55	–	–	–
[- direção]	3/35	9	0,16	3/37	8	0,20			
Idade						(1)			
+ de50	–	–	–	42/142	30	0,73	–	–	–
25-49				9/133	7	0,26			
Sexo			(4)			(3)			
feminino	24/166	14	0,41	35/142	25	0,63	–	–	–
masculino	33/166	20	0,59	16/133	12	0,36			
Escolaridade			(3)						(1)
colegial	23/96	24	0,65				25/123	20	0,74
ginasial	27/135	20	0,55	–	–	–	7/136	5	0,38
primário	7/101	7	0,30				4/91	4	0,34
	Input: .14	Sig.: .024		Input: .12	Sig.:.008		Input: .09	Sig.: .000	

Primeiramente, o que chama a atenção nesses resultados, é o fato de que quatro grupos de fatores se mostraram significativos para a preposição *a* em Florianópolis e em Blumenau (sendo três deles coincidentes) enquanto em Chapecó somente um foi selecionado (provavelmente face ao número reduzido de dados nesta cidade: 36). As variáveis relacionadas ao N locativo apresentaram um comportamento parecido entre as duas primeiras cidades: a preposição *a* é inibida nos contextos caracterizados como *lugar/instituição* e *lugar/objeto*, bem como no destino identificado como *[-direção]*. Em contrapartida, essa variante está fortemente condicionada aos fatores *instituição personificada* e *espaço geográfico* em Florianópolis, e a esses dois fatores acrescidos de *lugar/evento* em Blumenau. Isso corrobora os resultados apresentados anteriormente, nas tabelas (5) e (7).

As variáveis sociais é que mostram uma atuação diferenciada: enquanto os informantes mais velhos tendem a usar *a* (0,73) e os mais jovens desfavorecem esse uso (0,26) em Blumenau – atestando nossa hipótese –, a variável *faixa etária* não foi significativa para as outras duas cidades. Quanto à variável *sexo*, enquanto em Florianópolis os homens se inclinam mais ao uso de *a* (0,59), em Blumenau são as mulheres que utilizam mais a forma

⁶² O número dentro dos parênteses indica a ordem de seleção estatística por cidade.

padrão (0,63). Seria em Blumenau o *a* considerado forma de prestígio e em Florianópolis não? Mas por que a variável *escolaridade* não foi significativa em Blumenau? Ficam as indagações para reflexões a análises futuras. Quanto à *escolaridade*, esse grupo foi selecionado para Florianópolis e Chapecó (a única relevante nesta última cidade), mostrando que nossa hipótese se sustenta: o uso de *a* tende a aumentar na mesma direção do aumento do grau de escolaridade. Esse resultado em relação aos anos de instrução formal segue na mesma direção dos de Mollica (1996) e de Vallo (2005), com a ressalva de que eles trataram conjuntamente as preposições *a/para*.

5.5.2 Preposição *para*

Nessa rodada nos dados de *Florianópolis*, os seguintes grupos de fatores foram selecionados pelo programa estatístico: *tempo-modo verbal, demarcação, pessoa do discurso, frequência, forma do SN, destino e configuração do espaço*, nesta ordem de relevância. Para *Blumenau*, foram selecionados: *idade, demarcação, forma do SN, narratividade, tempo-modo verbal, destino e configuração do espaço*. Já em *Chapecó*, a única variável estatisticamente significativa foi *demarcação*.

Os resultados podem ser observados na tabela (23) abaixo.

Tabela 23 - Atuação das variáveis significativas por cidade sobre o uso da preposição PARA versus A/EM

VARIÁVEIS	FLORIANÓPOLIS			BLUMENAU			CHAPECÓ		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Tempo-modo			(1)			(5)			
pretérito imperfeito	66/110	60	0,72	36/80	45	0,39			
presente	26/87	30	0,38	35/65	54	0,80	–	–	–
pretérito perfeito	29/83	35	0,32	38/77	49	0,40			
outros	25/52	48	0,52	23/53	43	0,39			
Demarcação			(2)			(2)			(1)
[-fechado]	68/122	56	0,64	67/117	57	0,60	68/116	59	0,66
[+fechado]	78/210	37	0,42	65/158	41	0,42	84/234	36	0,42
Pessoa do discurso			(3)						
P3	47/74	64	0,74						
A gente	32/66	48	0,52	–	–	–	–	–	–
P1	60/171	35	0,40						
P2	7/21	33	0,38						
Frequência			(4)						
Semelfactivo	59/135	44	0,65	–	–	–	–	–	–
Iterativo	87/197	44	0,40						
Forma do SN			(5)			(3)			
Pronome	92/188	49	0,58	60/148	41	0,39	–	–	–
∅	47/128	37	0,42	58/106	55	0,62			
SN Pleno	7/16	44	0,28	14/21	67	0,67			

Destino			(6)			(6)			
[- direção]	22/35	63	0,77	21/37	57	0,81	-	-	-
[+ direção]	124/294	42	0,46	111/238	47	0,44			
Configur. do espaço			(7)			(7)			
Lugar objeto	83/187	44	0,57	49/103	48	0,55			
Lugar instituição	12/27	44	0,56	8/14	57	0,81			
Espaço geográfico	33/64	52	0,47	53/93	57	0,57	-	-	-
Lugar/evento	13/28	46	0,36	14/35	40	0,30			
Inst.personificada	5/26	19	0,19	8/30	27	0,24			
Narratividade						(4)			
[+ narrativo]	-	-	-	100/193	52	0,63	-	-	-
[- narrativo]				32/82	39	0,23			
Idade						(1)			
25-49	-	-	-	81/133	61	0,68	-	-	-
+ de50				51/142	36	0,33			
	Input: .43	Sig.: .034		Input: .48	Sig.:.009		Input: .44	Sig.: .015	

A preposição *para*, provavelmente por causa do número maior de dados (430 ocorrências), teve mais variáveis selecionadas pelo programa estatístico do que *a*, sendo sete para Florianópolis e Blumenau, com quatro grupos coincidentes, mas manteve apenas um condicionador para Chapecó, embora o número de ocorrências de *para* nesta última cidade (152 dados) tenha sido superior ao das outras localidades (146 dados em Florianópolis e 132 em Blumenau).

Desses resultados, a variável *demarcação* foi bastante relevante nas três cidades, com o fator [-fechado] favorecendo o uso da preposição *para*. Esse resultado é o único que aproxima, em termos de tendências, as três localidades, e corrobora os resultados da rodada geral (cf. tab. 6).

As variáveis lingüísticas *destino*, *pessoa do discurso* e *narratividade* também confirmam os resultados gerais, com a atuação na seleção da preposição *para*. O fator [-direção] está fortemente correlacionado com *para* em Florianópolis (0,77) e Blumenau (0,81); o fator P3 condiciona *para* em Florianópolis (0,74); e o fator [+narrativo] favorece *para* em Blumenau (0,63).

A variável *configuração do espaço*, apesar dos resultados apresentarem certa oscilação nos pesos relativos face à rodada geral (cf. tab. 5), também mantém a tendência já verificada: *lugar/instituição*, *lugar/objeto* e *espaço geográfico* são contextos favorecedores de *para* em Blumenau, sendo os dois primeiros atuantes também em Florianópolis. Os fatores que desfavorecem a seleção da preposição na rodada geral se confirmam, ou seja, os fatores *lugar/evento* e *instituição personificada* possuem baixa significância na atuação da preposição *para*.

Já a variável *tempo-modo verbal*, que nos resultados gerais não foi selecionada (cf. tab. 12), aqui se mostrou significativa com o fator *pretérito imperfeito* favorecendo *para* na cidade de Florianópolis (0,72), e o fator *presente* atuando em Blumenau (0,80). Isso também ocorre com a variável *forma do SN*, que não havia sido selecionada anteriormente (cf. tab. 10), e agora, no resultado por cidade, se mostrou significativa: *pronome* favorece *para* em Florianópolis (0,58) e \emptyset favorece essa preposição em Blumenau (0,62). A variável *freqüência*, que também não tinha sido selecionada (cf. tab. 12), agora mostra que o fator *semelfactivo* favorece a preposição *para* em Florianópolis (0,65).

Por fim, a variável social *idade* manteve a tendência geral (cf. tab. 19), mas se mostra significativa apenas em Blumenau: os mais jovens usam mais a preposição *para* (0,68).

O importante das rodadas estatísticas por cidade é que os resultados mostram mais claramente os pontos de convergência em relação às rodadas gerais, mas, principalmente, acentuam as particularidades de cada localidade. Os contextos que estão particularizando o uso de *para* em Florianópolis são aqueles que envolvem o sujeito e o verbo: *P3*, *pronome*, *pretérito imperfeito* e *semelfactivo*. Por sua vez, os contextos que particularizam o uso de *para* em Blumenau são associados ao sujeito (\emptyset) e ao verbo (*presente*), mas também à narratividade (*[+narrativo]*) e à idade (*25 a 49 anos*). Já o comportamento diferenciado de Chapecó é que o uso de *para* mostra-se insensível aos condicionadores testados (à exceção do fator *[-fechado]* que se aplica às três cidades).

Note-se que: (i) *para* não sofre restrição de natureza social a não ser pela atuação da faixa etária em Blumenau; e (ii) Chapecó é a cidade onde a preposição *para* tem um uso mais generalizado, seja pela alta freqüência, seja pela ausência de restrições de natureza lingüística e extralingüística.

5.5.3 Preposição *em*

Na rodada com dados de *Florianópolis*, os seguintes grupos de fatores foram selecionados pelo programa estatístico: *forma do SN*; *demarcação do espaço e tempo-modo-verbal*, nesta ordem de relevância. Para *Blumenau*, foram selecionados: *demarcação do espaço*; *aspecto*; *forma do SN*. Já em *Chapecó*, as variáveis relevantes são: *configuração do N locativo*; *narratividade*; *definitude* e *escolaridade*.

Tabela 24 - Atuação das variáveis significativas por cidade sobre o uso da preposição EM versus A/PARA

VARIÁVEIS	FLORIANÓPOLIS			BLUMENAU			CHAPECÓ		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Forma do SN			(1)			(3)			
<i>Pronome</i>	60/188	32	0,43	59/148	40	0,59	-	-	-
<i>SN Pleno</i>	5/16	31	0,41	5/21	24	0,38			
<i>∅</i>	64/128	50	0,61	28/106	26	0,39			
Tempo-m-verbal			(3)						
<i>Presente</i>	44/87	51	0,61						
<i>Pret. Perfeito</i>	35/83	42	0,54	-	-	-	-	-	-
<i>Pret. Imperfeito</i>	30/110	27	0,40						
<i>Outros</i>	20/52	38	0,47						
Aspecto						(2)			
<i>Perfectivo</i>	-	-	-	16/83	19	0,34	-	-	-
<i>Imperfectivo</i>				76/192	40	0,57			
Demarcação			(2)			(1)			
<i>[+fechado]</i>	92/210	44	0,55	71/158	45	0,63	-	-	-
<i>[-fechado]</i>	37/122	30	0,41	21/117	18	0,32			
Config. do espaço									(1)
<i>Lugar/objeto</i>							97/172	56	0,62
<i>Lugar/instituição</i>	-	-	-	-	-	-	5/10	50	0,64
<i>Lugar/inst.person.</i>							8/13	62	0,69
<i>Lugar/evento</i>							32/55	58	0,62
<i>Lugar/espaço geo.</i>							20/100	20	0,21
Definitude									(3)
<i>[+definido]</i>	-	-	-	-	-	-	149/328	45	0,48
<i>[-definido]</i>							13/22	59	0,76
Narratividade									(2)
<i>[+narrativo]</i>	-	-	-	-	-	-	108/261	41	0,45
<i>[-narrativo]</i>							54/89	61	0,65
Escolaridade									(4)
<i>Primário</i>	-	-	-	-	-	-	50/91	55	0,52
<i>Ginásial</i>							70/136	51	0,57
<i>Colegial</i>							42/123	34	0,40
	Input:.38	Sig: .031		Input:.31	Sig: .015		Input:.45	Sig: .015	

O quadro das cidades se altera significativamente em relação à preposição *em*. Florianópolis e Blumenau passam a apresentar menos contextos condicionadores, apenas três, sendo um coincidente: o fator *[+fechado]* favorece o uso de *em* em ambas as cidades. Esse resultado corrobora os resultados apresentados na rodada geral (cf. tab. 6).

Por outro lado, Florianópolis se particulariza por apresentar sujeito na forma *∅* e tempo verbal *presente* como fatores favorecedores de *em*, com peso relativo de 0,61 associado a cada fator. Já Blumenau se particulariza por apresentar sujeito na forma de *pronome* (0,59) e aspecto *imperfectivo* (0,57). Observe-se que esses condicionadores não têm relação com o N locativo.

Em contrapartida, em Chapecó os contextos condicionadores ficam mais delineados, com quatro grupos de fatores selecionados. Em relação ao N locativo, o *espaço geográfico* é fortemente inibidor de *em* (0,21) enquanto os demais fatores espaciais são todos favorecedores dessa preposição (com PR acima de 0,60). Outros contextos que propiciam *em* são local [-definido] (0,76) e seqüência textual [-narrativa] (0,65). Esses resultados seguem a tendência geral já verificada em relação à preposição *em*.

A única variável social selecionada para *em* foi *escolaridade*, de acordo com o resultado geral (cf. tab. 20): o nível *colegial* desfavorece o uso dessa preposição em Chapecó. Entretanto, essa variável não se mostrou atuante em Florianópolis nem em Blumenau.

Em resumo: excluindo-se a variável *demarcação* com o fator [+ *fechado*] que favorece *em* nas cidades de Florianópolis e Blumenau, nenhuma outra variável associada ao N locativo mostra-se atuante nessas duas cidades, o que indica que a preposição *em* só tem uma restrição quanto ao tipo semântico de locativo. Os contextos mais relevantes são associados ao sujeito e ao verbo nessas cidades. Já Chapecó mostra outros tipos de condicionadores: enquanto o fator [+ *fechado*] é irrelevante, o locativo [-definido] é favorecedor e o *espaço geográfico* é altamente inibidor de *em*.

Comparando-se com outros estudos, percebe-se que no Rio de Janeiro (amostra *Censo*; Mollica, 1996) o baixo grau de escolaridade assim como a faixa etária mais baixa estão correlacionados ao uso de *em*. Também no Rio de Janeiro (amostra NURC; Ribeiro, 1996; 2008) vemos que os homens mais jovens (25 a 35 anos) tendem a usar mais a variante não-padrão e as mulheres de meia-idade (36 a 55 anos) tendem a evitar o uso dessa forma. Em João Pessoa (amostra VALPB; Vallo, 2005), os informantes com menos anos de escolarização empregam mais a preposição *em*. Já em Santa Catarina (amostra VARSUL), a única restrição de natureza social para o uso de *em* é a escolaridade, mesmo assim apenas na cidade de Chapecó. No Sul, as variáveis sociais se mostraram mais significativas para o uso da preposição *a*, forma padrão por excelência.

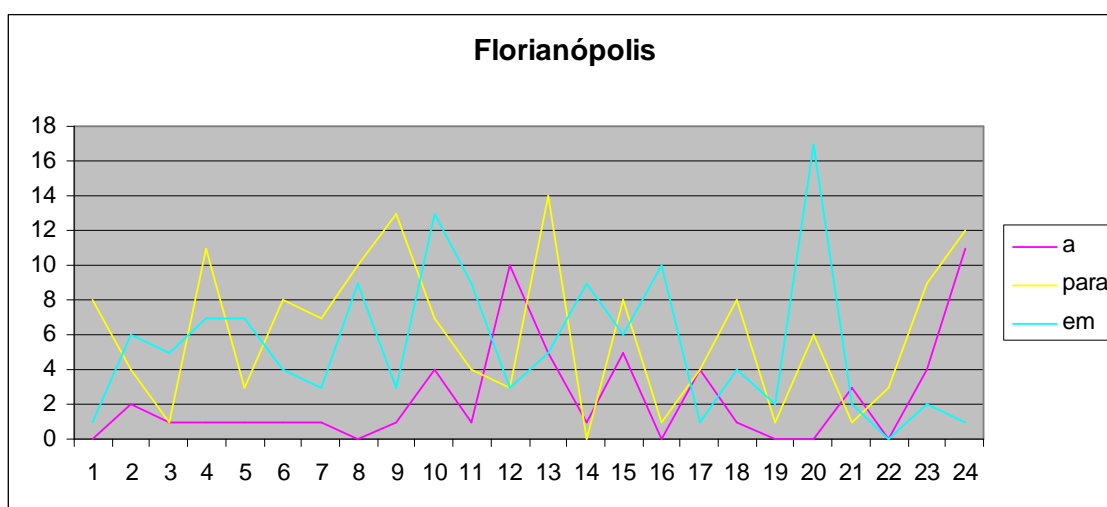
5.6 Resultados por informante

Procuramos até aqui traçar um panorama da atuação das variáveis na seleção das preposições *a/para/em* no complemento locativo do verbo *ir* de movimento na fala de Santa Catarina. Para tanto verificamos a relevância das variáveis tanto nas rodadas gerais, bem

como nas rodadas por cidade, procurando dessa forma confrontar os resultados, além de compará-los com os obtidos na análise de outras amostras do PB.

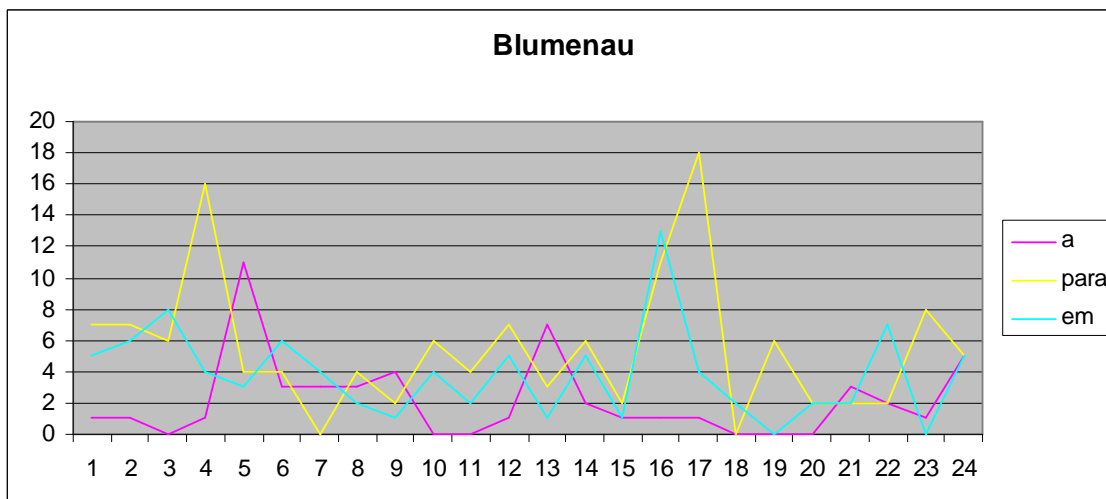
Desses dois primeiros momentos, um ponto chama a atenção: supúnhamos que a frequência da preposição *a* em nossa amostra fosse menor, conforme mencionado no início deste capítulo. Resolvemos, então, verificar o comportamento dos informantes para ver se não haveria algum resultado desviante. Em função disso, foram produzidos os três gráficos a seguir, um para cada cidade.

Gráfico 03: Ocorrências das preposições *a/para/em* por indivíduo em Florianópolis



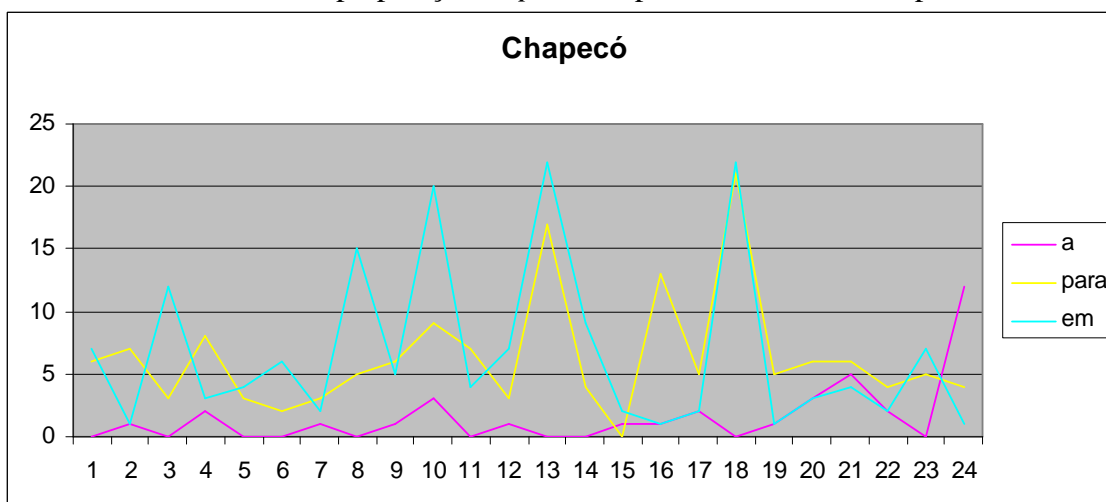
Em Florianópolis, enquanto 06 informantes não apresentaram nenhuma realização de *a*, apenas um deixou de produzir *para* e também um não usou *em*. Por outro lado, 03 florianopolitanos são responsáveis por dez ou mais ocorrências de *em* e 05 produziram dez ou mais *para*. Dos 24 informantes, 17 (71%) apresentaram uso variável das três preposições.

Gráfico 04: Ocorrências das preposições *a/para/em* por indivíduo em Blumenau



Em Blumenau, 07 informantes não usaram *a*, 02 deixaram de utilizar *em* e também 02 não fizeram uso de *para*. Três se sobressaem por produzir acima de dez ocorrências de *para* e um por usar 13 vezes a preposição *em*. Dos 24 informantes, 14 (58%) usam alternadamente as três preposições.

Gráfico 05: Ocorrências das preposições *a/para/em* por indivíduo em Chapecó



Em Chapecó, 10 entrevistados não apresentaram a preposição *a* e um não usou *para*; todos usaram *em*. Dos 24 informantes, 12 (50%) apresentaram variação no uso das três preposições.

Considerando as três localidades, 23 dos 72 entrevistados (32%) não usaram a preposição *a*. Em contrapartida, apenas 3 informantes (4%) deixaram de empregar *em* e 4 (5%) não fizeram uso de *para*. Isso mostra que a preposição *a* se encontra, atualmente, não só

com baixa frequência de uso (embora acima de nossa expectativa inicial), mas também em total desuso na fala de alguns informantes. Por outro lado, observando os resultados individuais de uso da preposição *a*, há 51 ocorrências (quase 1/3 do total de 144) concentradas na fala de 05 informantes, sendo 01 informante com 12 ocorrências na cidade de Chapecó; 02 informantes na cidade de Blumenau, sendo um com 11 ocorrências, e outro com 07 ocorrências, e 02 informantes na cidade de Florianópolis com 11 ocorrências cada um.

Com esses números, é necessário considerar que os resultados obtidos para a preposição *a*, por cidade e também na rodada geral, devem ser relativizados em função da alta concentração de ocorrências em alguns informantes e da ausência de dados em outros. Além disso, esses resultados evidenciam que além de observar a variação na comunidade de fala⁶³ é necessário remeter nosso olhar para a questão da variação no indivíduo.

Temos aqui uma questão interessante a ser discutida: considerando a variável em estudo, será que estamos lidando com uma mesma comunidade de fala ou com comunidades de fala diferentes? É certo que cada cidade, especialmente Florianópolis e Blumenau, mostraram particularidades significativas quanto ao uso das preposições, conforme visto anteriormente. Entretanto, também ficou evidenciado que há compartilhamento de alguns contextos condicionadores. Embora este estudo não tenha se proposto a discutir comunidade de fala, julgamos relevante levantar essa problemática e deixar para reflexão, remetendo a trabalhos futuros, a seguinte hipótese de Guy:

falantes que compartilham as mesmas condições de contexto em um processo variável, mas são diferenciados pelo uso geral do processo, podem ser considerados como usando a mesma gramática. Mas falantes que mostram efeitos de contexto significativamente diferentes estão usando gramáticas diferentes. (2001, p. 07)

5.7 Discussões gerais

Como já mencionado, consideramos, neste estudo, que as preposições *a/para/em* são camadas de um domínio funcional, o da complementação locativa do verbo *ir* de movimento. Em termos labovianos, são variantes de uma mesma variável lingüística.

⁶³ Segundo Labov (1972, p. 120-121): A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela **participação em um jogo de normas compartilhadas**; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso. (grifo nosso)

Vale lembrar que, na abordagem funcionalista, a língua reflete as necessidades comunicativas do falante, sendo algo maleável, que sofre pressões de uso. Sobre o assunto, Hopper (1991) defende que, dentro de um domínio funcional, novas camadas ou estratos emergem continuamente. Quando isso acontece, as camadas velhas (formas/significados) não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as camadas novas, conforme o princípio da estratificação.

Vimos também que uma situação de estratificação/variação pode ser suavizada ou mesmo resolvida através da especialização de uso das formas: ou por *generalização* – uma camada/variante passa a se sobrepor às demais assumindo os papéis daquelas, que teriam sua frequência diminuída ou seriam mesmo eliminadas; ou por *especificação* – as camadas/variantes são usadas em contextos sociolinguísticos distintos (GÖRSKI; TAVARES, inédito).

Várias considerações podem ser feitas aqui. Se atentarmos para a frequência de uso em Santa Catarina à luz da revisão da literatura sobre o funcionamento diacrônico das preposições, podemos dizer que temos evidências atuais de recuo da preposição *a* (15%), especialmente quando essa frequência é associada aos fatores *faixa etária mais velha* e *grau de escolaridade mais alto*, e ao fato de que muitos informantes não a utilizam. Se atentarmos para as localidades (cf. tab. 04), isoladamente, vamos ver que a implementação de *em* (46%) e *para* (44%) está mais avançada em Chapecó, que apresenta o recuo maior de *a* (10%). A cidade que retém mais a preposição *a* é Blumenau (19%), onde a implementação de *em* é menor (33%), perdendo para *para* (48%). A capital encontra-se a meio caminho com 17% de *a*, 39% de *em* e 44% de *para*. De qualquer modo, o que se percebe é o movimento de recuo da preposição *a*, só que em ritmos diferenciados.

Temos, portanto, indícios que sustentam a hipótese de mudança em andamento rumo à diminuição crescente e gradativa de uso de uma das formas, de modo que as outras variantes, possivelmente, continuarão competindo entre si para representar o domínio funcional em questão. É essa direção que os demais trabalhos que focalizam esse objeto no PB têm apontado.

Assim, considerando as preposições *para* e *em* no cenário de Santa Catarina, parece que estamos diante de um quadro de variação relativamente estável (com 45 e 40%, respectivamente), embora *em* sofra restrição quanto à escolaridade do falante e *para* seja de uso preferencial na faixa etária mais jovem. Contudo, se tomarmos as localidades isoladamente, vemos que: (i) é em Blumenau que a faixa etária mais nova privilegia *para*

(enquanto os mais velhos tendem a reter o *a*); (ii) é em Chapecó que *em* sofre restrição da escolaridade, sendo menos usado pelos informantes de nível colegial; (iii) em Florianópolis, a preposição *a* tende a ser retida entre os indivíduos de nível colegial (cf. quadro 05, a seguir).

Se focalizarmos a atenção nos resultados das variáveis lingüísticas (cf. quadros 04 e 05), percebemos as tendências gerais e também os contextos que particularizam as localidades em relação ao uso de cada preposição. São justamente as particularidades que funcionam como indícios de uma eventual *especialização por especificação*. Mas como todos os resultados apontam tendências não sendo nenhum deles categórico, não se pode falar ainda em especialização efetivada.

Pode-se dizer, a partir dos resultados obtidos na análise, que temos indícios de confluência de três situações: (i) mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* em Blumenau, Florianópolis e Chapecó, nesta ordem, sendo Blumenau a cidade que mais retém a preposição, especialmente entre os mais velhos; (ii) variação relativamente estável entre as preposições *para* e *em*; (iii) generalização por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as preposições, alguns mais bem definidos que outros, especialmente quando um mesmo fator atua com a mesma força condicionadora em mais de uma cidade.

Os quadros a seguir reúnem os fatores mais significativos de cada variável selecionada nas rodadas gerais e nas rodadas por cidade. O quadro 05 é uma síntese dos resultados gerais. E o quadro 06 é uma síntese dos resultados por localidade.

Quadro 05 - Contextos sociolingüísticos preferenciais de uso das preposições *a/para/em* em Santa Catarina

Variável	A	PARA	EM
Configuração do N locativo	L instituição personif. Espaço geográfico L evento	L instituição Espaço geográfico	L instituição L objeto L instituição personif.
Demarcação	[+ fechado]	[-fechado]	[+ fechado]
Destino	[+direção]	[-direção]	-
Pessoa do discurso	A gente e P1	P3	P2
Tempo-modo verbal	Pretérito perfeito	-	-
Narratividade	-	[+narrativo]	[-narrativo]
Finalidade	[-finalidade]		
Idade	+ de 50 anos	25 a 49 anos	-
Escolaridade	Colegial	-	ginasial e primário
Localidade	Blumenau e Florianópolis	-	Chapecó

Quadro 06 - Contextos sociolingüísticos preferenciais de uso das preposições *a/para/em* por cidade

PREP	FLORIANÓPOLIS			BLUMENAU			CHAPECÓ		
	A	PARA	EM	A	PARA	EM	A	PARA	EM
Config. do espaço	Inst.person. Esp. geogr.	L objeto L inst.	-	Inst.person Esp. geogr. L evento	L inst.	-	-	-	L objeto L inst. Inst.pers. L evento
Demarcação	-	-fechado	+fechado	-	-fechado	+fechado	-	-fechado	-
Destino	+direção	-direção	-	+direção	-direção	-			-
Definitude	-	-		-	-		-	-	-def.
Pessoa do D	-	P3	-	-	-	-	-	-	-
Forma do SN	-	Pron.	∅	-	∅	Pron.		-	-
Tempo-modos	-	pret. imp.	Pres.	-	Pres.	-	-	-	-
Freq.	-	semelfac.		-	-		-	-	-
Aspecto	-	-	-	-	-	Imperfec	-	-	-
Narratividade	-	-	-	-	+narrat	-	-	-	-narrat.
Idade	-	-	-	+ de 50	25 a 49	-	-	-	-
Escolaridade	colegial	-	-	-	-	-	coleg.	-	primário ginásio

Algumas tendências podem ser apontadas em relação aos contextos de uso das preposições, considerando-se as rodadas gerais e por cidade e as sínteses apresentadas nos os quadros 05 e 06.

1) Em relação ao N locativo:

- quanto à variável *demarcação do espaço*: *para* ocorre introduzindo local [-fechado] e *em* [+fechado]. Considerando-se a rodada geral (cf. tab.6), o fator [+fechado] também favorece a preposição *a*. Temos, assim, um contexto de competição entre *a* e *em*, como indício de manutenção, ao longo do tempo, desse contexto favorecedor da variação entre as preposições *a* e *em*. A alteração que se verifica, quanto a esse fator, parece se limitar

à frequência de uso de uma variante sobre a outra, com *em* tomando o lugar de *a*. Note-se que nas rodadas por cidade a variável *demarcação do espaço* deixou de ser selecionada.

– quanto à variável *configuração do espaço*: (i) *a* e *em* estão em competição em relação aos fatores *lugar/instituição personificada* e *lugar/evento*. Vale observar aqui que esses fatores remetem em geral a ambientes fechados (médico = consultório; sogra = casa da sogra; festa), estando, portanto, esse fator relacionado ao anterior. Reforça-se, assim, o ambiente de competição entre *a* e *em*; (ii) *a* e *para* estão em competição em relação ao fator *espaço geográfico* (cf. tab. 5), atestando o significado de ‘movimento’ para as duas preposições. Observe-se que esse fator se mostrou como o mais forte inibidor da preposição *em*; (iii) *para* e *em* estão em competição em relação aos fatores *lugar/instituição* e *lugar/objeto*. Os resultados que mais particularizam as preposições são os que apontam os contextos fortemente desfavorecedores: *a* é inibida com *lugar/instituição* e *lugar/objeto*; *para* é inibida com *lugar/instituição personificada*; e *em* é inibida com *espaço geográfico*.

– quanto às variáveis *destino* e *definitude*: *a* indica [+direção] e *para* [-direção]; já *em* ocorre indistintamente com [\pm direção]. Enquanto *em* tende a introduzir locativo [-definido] as demais preposições não sofrem restrições em relação à definitude.

2) Em relação ao sujeito:

– *para* co-ocorre mais com P3 e na forma pronominal em Florianópolis e com \emptyset em Blumenau; *em* co-ocorre com \emptyset em Florianópolis e com pronome em Blumenau; já *a* não sofre nenhuma restrição em relação ao sujeito. Não se verifica uma tendência geral no âmbito do sujeito.

3) Em relação ao verbo:

– *para* ocorre mais com pretérito imperfeito em Florianópolis e com presente em Blumenau, tempo esse que também favorece *em* na cidade de Florianópolis. O aspecto semelfactivo propicia o uso de *para* em Florianópolis e o aspecto imperfectivo favorece *em* em Blumenau. Nos resultados gerais, a variável *tempo-modo verbal* selecionou *pretérito perfeito* favorecendo a seleção da preposição *a*.

4) No plano discursivo:

– trechos [+narrativos] favorecem *para* em Blumenau e [-narrativos] favorecem *em* em Chapecó.

5) Quanto às variáveis sociais:

– os mais velhos privilegiam *a* em Blumenau e os mais jovens *para*; os mais escolarizados favorecem o *a* em Florianópolis e em Chapecó e os menos escolarizados tendem ao uso de *em* nessa última cidade. Em síntese: sustenta-se o gradiente $a > para > em$ traçado com base no critério padrão > não-padrão, apontado também por Mollica (1996) e Ribeiro (1996; 2008), em que a última preposição é tida como não-padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso que realizamos ao longo deste trabalho foi investigar a variação no uso das preposições *a/para/em* no complemento locativo do verbo *ir* de movimento na fala de Santa Catarina, procurando apresentar um painel do uso dessas preposições. Para tanto, inicialmente (capítulo 1), procuramos evidenciar o fenômeno da variação das preposições *a/para/em* com base em diversos estudos sobre esse fenômeno, e apresentamos nossos objetivos: (1) Investigar os contextos de uso das preposições no complemento locativo do verbo *ir* de movimento. (2) Identificar os fatores condicionantes que atuam na variação. (3) Interpretar o funcionamento variável das preposições à luz de uma abordagem funcionalista. (4) Analisar e comparar os resultados desta pesquisa com os de outros estudos já realizados com diferentes amostras em diferentes regiões do Brasil.

No segundo capítulo, lançamos mão dos pressupostos que nortearam esta pesquisa, onde consideramos a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo de vertente norte-americana, partindo da hipótese de que a gramática é algo em constante adaptação e modificação. Dedicamos o terceiro capítulo à revisão da literatura, onde procuramos, inicialmente, buscar indícios históricos para entender a variação/mudança das preposições. Ainda nesse capítulo, procuramos verificar o tratamento dado por gramáticas normativas, e também por estudos de orientação descritivista, seguidos de trabalhos de natureza (socio)lingüística, para nortear a formulação de hipóteses e sugerir novas abordagens. Para poder equacionar a presente pesquisa, no capítulo 4, nos dedicamos à descrição metodológica da amostra utilizada e ao detalhamento das etapas de análise.

Nosso capítulo 5 foi destinado a apresentar e discutir os resultados gerais, os resultados por cidade e os resultados individuais. Ao longo desse capítulo já foram apresentados, junto às análises, também alguns aspectos de caráter conclusivo referentes à pesquisa realizada, sobretudo nas seções 5.2 a 5.6 e, principalmente, na seção 5.7.

A seguir, retomamos as questões e hipóteses iniciais do trabalho, confrontando-as com os resultados obtidos na análise. A primeira questão era a seguinte: (1) Qual variante (*a/para/em*) é mais freqüente junto ao verbo IR de movimento em dados de fala de Santa Catarina? Nossa hipótese era de que *em* seria mais usada, seguida de *para* e *a*.

Os resultados mostraram que a hipótese foi parcialmente atestada, pois a distribuição geral encontrada foi a seguinte, por ordem decrescente de frequência:

para (45%) > *em* (40%) > *a* (15%)

Entretanto, ao tomarmos as cidades isoladamente, (i) essa distribuição se altera em Chapecó, e (ii) o percentual de uso de *a* também se altera sensivelmente:

Florianópolis: *para* (44%) > *em* (39%) > *a* (17%)

Blumenau: *para* (48%) > *em* (33%) > *a* (19%)

Chapecó: *em* (46%) > *para* (44%) > *a* (10%)

Tal resultado evidencia que *em* vem expandindo seu uso, estando esse movimento mais avançado em Chapecó (cidade de colonização italiana) e menos avançado em Blumenau (cidade de colonização alemã). Por outro lado, é em Blumenau que se encontra o maior número de ocorrências da preposição *a*. Consideramos surpreendente a alta frequência da preposição *a*, pois a julgávamos de uso mais limitado na fala. Observando, porém, os indivíduos, constatamos que 32% dos informantes não usaram essa preposição, enquanto alguns apresentaram grande concentração de dados – o que tomamos como evidência de que, de fato, se detecta um recuo da preposição *a* em Santa Catarina. Esse desdobramento metodológico se mostrou relevante nesta pesquisa, por captar nuances diferenciadas entre as localidades.

A segunda questão da pesquisa era: (2) Que fatores condicionam o uso das preposições *a/para/em* junto ao verbo *ir* de movimento? Foram controlados grupos de fatores de natureza morfossintática e semântico-pragmática, distribuídos em quatro blocos: associados ao N locativo, ao sujeito, ao verbo e ao discurso; além de fatores extralingüísticos.

Resumidamente, os resultados apontaram algumas tendências gerais como indícios de especialização por especificação, além de uma clara competição entre as preposições em alguns contextos, especialmente em relação ao N locativo: (i) quanto à variável *demarcação do espaço*: *para* ocorre introduzindo local [-fechado] e *em* [+fechado]. (ii) quanto à variável *configuração do espaço*: (a) *a* e *em* estão em competição em relação aos fatores *lugar/instituição personificada* e *lugar/evento*; (b) *a* e *para* estão em competição em relação ao fator *espaço geográfico*; (c) *para* e *em* estão em competição em relação aos fatores *lugar/instituição* e *lugar/objeto*. (iii) quanto às variáveis *destino* e *definitude*: *a* indica [+direção] e *para* [-direção]; já *em* ocorre indistintamente com [\pm direção]. Enquanto *em*

tende a introduzir locativo [-definido] as demais preposições não sofrem restrições em relação à definitude. No plano discursivo: trechos [+narrativos] favorecem *para* em Blumenau e [-narrativos] favorecem *em* em Chapecó. Em relação ao sujeito e ao verbo: não se verificou uma tendência geral. Por fim, as variáveis sociais mostraram que: os mais velhos privilegiam *a* em Blumenau e os mais jovens *para*; os mais escolarizados favorecem o *a* em Florianópolis e em Chapecó e os menos escolarizados tendem ao uso de *em* nessa última cidade.

Esses resultados indicam que os condicionadores mais relevantes são os de natureza semântico-pragmática, associados ao N locativo. Os fatores que se mostraram mais significativos foram local [\pm fechado], destino com [\pm direção] e configuração do espaço. Algumas das hipóteses específicas inicialmente formuladas foram inteiramente verificadas, especialmente as concernentes ao N locativo; outras apenas parcialmente (devido, em parte, à situação de competição entre as variantes, sem definição de contexto preferencial); e outras, ainda, não foram evidenciadas, principalmente porque as variáveis controladas não obtiveram significância estatística. Em síntese: o fenômeno sob análise transita pelos níveis morfossintático e semântico-discursivo, além de ser sensível a fatores extralingüísticos.

A terceira questão da pesquisa era: (3) Como se comporta Santa Catarina em relação a outras localidades do Brasil no que se refere à variável em estudo? Nossa hipótese era de que o uso variável das preposições *para/a/em* em Santa Catarina deveria mostrar a mesma tendência em relação aos condicionamentos observada em estudos com amostras de outras regiões, diferindo daquelas apenas em termos de frequência de uso.

Vimos que, em termos de frequência, nossos resultados se aproximam dos obtidos no Rio de Janeiro (MOLLICA, 1996), na amostra Censo, quanto ao uso da preposição *em* (SC = 40%; RJ = 46%), mas se distanciam consideravelmente de João Pessoa (VALLO, 2005), cujo percentual encontrado para *em* foi de 15%. Esse baixo percentual (14%) de *em* também foi encontrado por Ribeiro (1996), só que nos dados do NURC-RJ. Quanto à preposição *a*, só podemos comparar nossos resultados aos de João Pessoa, pois os demais autores trataram *a/para* conjuntamente (SC = 15%; JP = 13%). .

Quanto aos condicionadores sociais, Mollica (1996) mostra que os fatores escolaridade, sexo e idade foram relevantes em sua pesquisa, destacando-se o uso de *a/para* pelos informantes mais escolarizados, especialmente as mulheres. Vallo (2005) também aponta apenas a escolarização como variável social significativa, com um resultado bastante polarizado: quanto maior o nível de educação formal, mais uso de *a/para*, e quanto menor

mais uso de *em*. Ribeiro (1996, 2008) encontrou a faixa etária como variável relevante: os mais jovens usam mais *em* do que os mais velhos, e as mulheres de meia-idade tendem a evitar essa preposição. Já em Santa Catarina, a atuação da idade só se verificou em Blumenau (os mais velhos tendem ao uso de *a* e os mais jovens preferem *para*); a escolaridade se mostrou relevante em Florianópolis e em Chapecó (os informantes de nível colegial tendendo mais ao uso de *a*, sendo que em Chapecó os menos escolarizados usam mais *em*); a variável sexo não foi relevante. O que se verifica, comparativamente, é que em Santa Catarina os fatores sociais se mostraram mais atuantes na realização de *a* (apenas em Chapecó se verificou que *em* é sensível à escolaridade).

No que se refere aos condicionadores lingüísticos, os resultados ratificam as tendências apontadas por Mollica (1996) e Ribeiro (1996, 2008) quanto ao fator [+fechado] favorecendo a seleção da preposição *em*. O fator *narratividade* difere em certa medida dos resultados encontrados por Vallo (2005). Como controlamos uma gama maior de fatores, alguns resultados são inéditos, como apresentado em detalhes no capítulo 5, e já resumidos acima.

De acordo com a abordagem sociofuncionalista que orienta esta dissertação, não há uma relação categórica de um-para-um entre função e forma, e é justamente essa possibilidade de assimetria que corresponde a situações de variação e mudança lingüística, sendo esta gradual. Como na dinâmica das línguas há uma tendência geral na direção de equilibrar essa relação função-forma, as situações de variação tendem a ser resolvidas, seja pelo desaparecimento de uma das variantes, seja por especialização de uso das formas em competição. Nosso trabalho mostrou que há diferentes fenômenos atuando sobre a regência do verbo *ir* de movimento: (i) há um processo de mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* (conforme atestado em estudos de caráter histórico) e concomitante expansão de uso das preposições *para* e *em*; (ii) há um processo de variação relativamente estável entre as preposições *para* e *em*; (iii) há um processo de generalização por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as três preposições – isso tudo corrobora nossa hipótese inicial de que o funcionamento das preposições no complemento locativo do verbo *ir* de movimento apresenta-se num *continuum*.

A seguir, enumeramos algumas limitações deste trabalho bem como sugestões para trabalhos futuros.

Limitações deste trabalho, que atribuímos, em parte, ao fator tempo:

- o fato de considerarmos, metodologicamente, apenas a frequência de uso das preposições e duas faixas etárias para apontar indícios da mudança/ gramaticalização;
- o fato de não termos tratado mais detalhadamente da questão da variação na comunidade de fala vs. variação no indivíduo, com atenção especial ao fator etnia.

Sugestões de desdobramentos para trabalhos futuros:

- ampliação da amostra sincrônica para outras cidades do banco de dados VARSUL, a fim de refinar a análise, buscando evidências da propagação da variação e, assim, contribuir de maneira mais significativa para a descrição do português falado na região sul do Brasil;
- análise de produções escritas de alunos de diferentes níveis de escolaridade para verificar o uso das preposições *a/para/em* na escrita, considerando criteriosamente a variável escolaridade, já que a preposição *em* é considerada não-padrão;
- realização de testes de atitude, de produção e de percepção, para averiguar a avaliação que os falantes atribuem a essas preposições, detectando se há ou não estigma associado à forma tida como não-padrão;
- análise de outros verbos de movimento, comparando os resultados para verificar se os fatores condicionadores encontrados mostram os mesmos efeitos; e elaboração de uma proposta de escala de graus de integração feita a partir do controle das categorias morfossintáticas, semânticas e pragmáticas para analisar se há diferenças de usos entre outros verbos de movimento;
- investigação do uso dessas preposições em amostras diacrônicas do estado de Santa Catarina, especialmente em peças teatrais, cuja linguagem se aproxima mais da oralidade. Com isso, se pode avaliar com mais propriedade as motivações que desencadearam e/ou intensificaram o processo de implementação da mudança nessa região, bem como analisar o fenômeno à luz do paradigma de gramaticalização;
- refinamento das variáveis controladas, estabelecendo uma espécie de ‘matriz de traços’ morfossintáticos e semântico-pragmáticos, e utilizá-la como parâmetro de análise. Pode-se pensar, por exemplo, nos seguintes procedimentos: quanto mais marcações positivas obtiver um dado, mais prototípica será essa ocorrência; ou, quanto mais alto o valor pontuado para um dado, mais prototípica será a ocorrência. Esse tipo

de abordagem metodológica é compatível com a perspectiva funcionalista que contempla a noção de *continuum* ou *escalaridade*;

- elaboração de sugestões metodológicas a serem aplicadas na sala de aula, comparando, no caso das preposições em questão, o que dizem as gramáticas normativas com o uso efetivo da língua.

Como exemplo dessa última proposta: (i) rastrear a etimologia e as acepções da preposição registradas em dicionários, gramáticas e manuais de regência; (ii) levantar as explicações e definições apresentadas nas gramáticas; (iii) levantar os usos na língua escrita e falada criando um *corpus*; (iv) confrontar os dados através da análise lingüística. Para as duas primeiras etapas, é interessante que o professor trabalhe com diferentes autores, para que o aluno possa observar as diferentes abordagens apresentadas. Para a terceira etapa, o professor pode solicitar aos seus alunos que recolham amostras de modalidade escrita⁶⁴, observando as características ou gênero desejado. Para o estudo da modalidade falada, podem ser coletadas amostras⁶⁵ que são disponibilizadas via internet, ou se pode construir esse *corpus* com o auxílio dos alunos. Para a quarta, e última etapa, o professor deve estar consciente da necessidade de desenvolver no aluno a habilidade de reconhecer as múltiplas funções dos usos em uma língua, e não simplesmente considerar as gramáticas normativas, pois através dessa abordagem fica evidente a variação lingüística em uma língua. E o professor de português, como sujeito atuante desse processo, não pode desconsiderar a realidade da língua.

Por fim, espera-se ter oferecido um trabalho que outros venham a utilizar, seja para consulta, seja como ponto de partida para novas pesquisas, enriquecendo o conhecimento acumulado até o momento.

⁶⁴ Há vários materiais disponíveis, citamos como exemplos: o *site* da Fuvest, que disponibiliza as redações dos vestibulandos da Universidade de São Paulo; o Jornal Estado de São Paulo, Revista Veja, Isto é, que fornecem buscador de ocorrências.

⁶⁵ Há vários *corpora*, citamos como exemplos: o projeto Tycho Brahe (Unicamp), que reúne uma amostra de textos representativos da história do português disponível em www.tycho.iel.unicamp.br; amostra de fala do português falado no interior paulista disponível em www.unesp.cdp.ibilce.unesp.br; o projeto NURC e o PEUL, que também reúnem amostras de falas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 22. ed. São Paulo: Saraiva, 1969.

BAGNO, M. **Dramática da Língua Portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001a.

_____. **Português ou Brasileiro?: um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2001b.

BARBADINHO NETO, R. **Sobre a norma literária do modernismo**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.

BERLINCK, R. de A. Crônicas & relatos de viagens: fontes para o estudo da história da língua. In.: MURAKAWA, C.A.A.; GONÇALVES, M.F. (orgs.) **Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa**. Araraquara; São Paulo: Laboratório Editorial da FCL-UNESP; Cultura Acadêmica, 2007, p. 11-27.

BERLINCK, R. de A. & BUENO, L. C. de O. **Variação e Genro Textual: preposições em textos jornalísticos paulistas**. **Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL**, Montevideú: Uruguai. 2008.

BUENO, F. S. **Gramática normativa de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1956.

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (eds.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

BYBEE, J. L.; PERKINS, R. D.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º. e 2º. graus**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, [1961] 2003.

_____. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.

BORBA, F. da S. **Sistemas de Preposições em Português**. São Paulo: USP, Tese de livre-docência inédita, 1971.

_____. Sintagmas Preposicionados em Português. **Alfa**, n. 24 São Paulo, 1980. p. 49-58.

_____.; colaboradores Ignácio, Sebastião Expedito Ignácio et. al. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

_____ A informação gramatical nos dicionários. **Alfa**. São Paulo, 51 (1), 2007. p. 137-149.

CÂMARA Jr., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, [1975],1985. 1976

_____ **Dicionário de Lingüística e Gramática**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

CASTILHO, A. T. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M. & RODRIGUES, A. C. S. (orgs.) **Gramática do Português Falado**: volume VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

_____ Proposta funcionalista de mudança lingüística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO Z. (Org.) **Para a História do Português Brasileiro. Novos dados, novas análises**. 1. ed. Salvador: Editora da UFB, 2006, v.6, p. 223-296.

_____ **Historiando o português brasileiro**: história das línguas, variedades, gramaticalização, discursos. Relatório das atividades desenvolvidas ao abrigo do Programa CAPES-DAAD-PROBRAL, de 2000 a 2003. (s/d, a) versão preliminar. Disponível em <<http://www.mundoalfal.org/indexp.htm>. Acesso em 10 de julho de 2008.

_____ **Proposta Funcionalista de Mudança Lingüística**: lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. s/d. b. Disponível em <<http://www.mundoalfal.org/indexp.htm> Acesso em 10 de julho de 2008.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

COSTA, S. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

CUNHA, C. F. & CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 [2001].

CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.) **Lingüística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DIAS, A. E. da S. **Sintaxe Histórica do Português**. Lisboa: Clássica, 1970.

DIÓRIO JUNIOR, E. **Preposições no português brasileiro**: um estudo freqüencial. Dissertação de Mestrado, UFPR, 2002.

DUARTE, I & GONÇALVES A. Construções de subordinação funcionalmente defectivas: o caso das construções perceptivas em PE e PB. Comunicação apresentada na **Abralin**, Fortaleza 14-16 março 2001.

FARIAS, J. G. de. Variação entre *a*, *para* e *em* no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 41, nº 1, p. 213-234, março, 2006.

FERREIRA, C. P. & COUTO, P. R. Frecuencia y contextos de uso de las preposiciones “a”, “en”, “para” y “por” en la habla espontánea de Madrid y Buenos Aires. **Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL**, Montevideu: Uruguai. 2008

FIGUEIREDO, J. B. **Item lexical ser**: a trajetória para a afirmação no dialeto de Fortaleza. Fortaleza, 1999. Dissertação de Mestrado.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002.

FURLAN, O. A. **Latim para o português**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

GIVÓN, T. **From discourse to syntax: grammar as a processing strategy**. In: GIVÓN, T. (ed.), 1979.

_____ **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Publishing, 1995.

_____ (2001a) **Syntax – an introduction**, v. 1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins.

_____ (2001b) **Syntax – an introduction**, v. 2. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins.

GOMES, C. **Aquisição e perda de preposição no português do Brasil**. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, UFRJ, 1984.

_____ Efeito funcional no uso variável de preposição. In: **Revista de Estudos Lingüísticos**, v. 7, n.2, 1998. p. 61-70

_____ Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In.: PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M.E.L. (Orgs.) **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

GONÇALVES, S. C. L. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L., LIMA-HERNANDES, M, CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.) **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, E. & TAVARES, M. A. (inédito) Teoria da variação/mudança e funcionalismo lingüístico: (in)compatibilidades?. A ser publicado em **Manual crítico de sociolingüística** organizado por Marcos Bagno.

GUEDES, M. & BERLINCK, R. de A. Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX. In: **Estudos Lingüísticos XXXII**, 2003. Publicação do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo.

GUY, G.; HORVATH, B.; VONWILLER, J.; DAISLEY, E.; ROGERS, I. An intonation change in progress in Australian English. In: **Language**, n.º 15, 1986.

_____ As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **Abralin**. Disponível em http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf. Acesso em agosto de 2008.

GUY, G; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, P. J. **On some principles of Grammaticalization**. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.), 1991.

HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HORA, D. **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 1993.

_____ (org.) **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: Gráfica Editora Pallotti, 2004.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KNIES, C. B. & COSTA, I. B. (orgs.) **Manual do Usuário: banco de dados lingüísticos "VARISUL"**. UFPR/UFSC/UFRGS/PUC-RS, 1995.

KEWITZ, V.. Para a Gramaticalização das preposições 'a' e 'para' no Português Brasileiro. Comunicação apresentada ao **VI Seminário do PHPB**, Salvador, BA.

KLEPPA, L. **Vamo de a pé no carro do vovô?** Dissertação de mestrado. Campinas, 2005. Disponível em <http://libdigi.unicamp.br>.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____ **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____ Where does the linguistic stop? A response to Beatriz Lavandera. In: **Working Papers Sociolinguistics**, nº. 44, 1978.

_____ **Principles of Linguistic Change: internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic stop? In: **Language Society** 7. London. p. 171-182, 1978.

LESSA, L. C. **O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1966.

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972 [1983].

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

MACHADO, J. P. **Dicionário da Língua Portuguesa Etimológico**. 7. ed. Lisboa: Livros Horizonte. v. 3, 1995.

MARTELOTTA, M. et al. (orgs) **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATTOSO CÂMARA JR. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MILROY, L. (2002) Social Networks. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P; SCHILLING-ESTES, N. (eds.) **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell. p. 549-569.

MOLLICA, M. C. de M.. A regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P. (org.) **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 149-167. (capítulo 6)

_____ Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, Gisele M. O. & SCHERRE, Maria Marta P. (org.) **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 285-293. (capítulo 12)

NARO, A. J. & BRAGA, M. L. A interface sociolingüística/gramaticalização. **Gragoatá**, n. 9, 2000, p. 125-135.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

_____ **O problema da regência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1960.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, M. de & KEWITZ, V. (Col.) Adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição 'a'. Texto apresentado no **V Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro**. Ouro Preto, outubro de 2002.

PAREDES DA SILVA, V. L. A abordagem laboviana. Mesa redonda: os estudos de variação no Brasil: situação atual. **Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL**. Goiânia, 1993.

PEREIRA, E. C. **Grammatica Historica**. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1916.

PEZATTI, E. G. (coord.) **O estatuto lexical ou gramatical das preposições no português**. Texto apresentado no XV Congresso Internacional da ALFAL. Montevideú, agosto de 2008.

PINTZUK, S. **VARVRUL programs**. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania, 1988. mimeo.

POGGIO, R. M. G. F. **Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista**. Bahia: UDFBA, 2002.

PONTES, E. **Espaço e Tempo na Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes, 1992.

RAMOS, J. O emprego de preposições no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (org). **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas, SP: Pontes, UNICAMP, 1989.

REIS, M. S. dos. Correlação entre as informações postas e pressupostas e a atribuição do traço [\pm permanência] aos locativos do verbo ir de movimento. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, volume 2, número 1, jul/dez. 2001.

RIBEIRO, A. J. C. R. **Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca**: a regência do verbo Ir de predicação incompleta. Dissertação de Mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

_____. Variação e funcionalidade no uso de preposições e a regência do verbo ir na fala carioca. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (orgs.) **Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 87- 94.

RIBEIRO, I. & OLIVEIRA, M. Mudança gramatical no português brasileiro: século XIX. In: CASTILHO, Ataliba T. **Historiando o português brasileiro**: história das línguas, variedades, gramaticalização, discursos. Relatório das atividades desenvolvidas ao abrigo do Programa CAPES-DAAD-PROBRAL, de 2000 a 2003. (s/d, a) versão preliminar. Disponível em <<http://www.mundoalfal.org/indexp.htm>. Acesso em 10 de julho de 2008.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Uma preposição portuguesa**: aspectos do uso da preposição *a* na língua literária moderna. Tese de concurso para uma das cadeiras de Português do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, 1954.

SACCONI, L. A. **Nossa Gramática**: teoria e prática. 20. ed. São Paulo: Atual, 1994.

SAID ALI, E. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SCHER, A. P. **As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1996.

SCHERRE, M.M. P. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores**. UFRJ/UNB, 1992.

SILVA, S. **Enunciação e Sintaxe**: uma abordagem das preposições do português. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2005.

SILVA, B. L. **O dialeto crioulo de Cabo Verde**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1956.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Tempos lingüísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de e, aí, daí e então**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüência retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Tese de Doutorado. UFSC, 2003.

TORRES, A. de A. **Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Serviço de Publicações, 1967.

TORRES-MORAIS, M.A. & BERLINCK, R.A.A. A caracterização do objeto indireto no português sincrônicos e diacrônicos. In.: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. **Para a História do Português Brasileiro**. V. VI: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 73-106.

TRAUGOTT, E. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Department of linguistics, Stanford University: Manchester, 1995.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1981.

_____. Sobre as possíveis razões da ausência e presença da preposição no objeto direto. **Letras & Letras**. Uberlândia, v.1, n.1, UFMG, 1985. p. 15-38.

_____. Sobre as possíveis razões da ausência e presença da preposição no OD. In: **Letras e Letras**, 1/1, Uberlândia, 1985, p. 15-39.

VALLO, M. A. G. do. A regência do verbo *ir* de movimento na perspectiva variacionista. In: HORA, D. da (org.) **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. João Pessoa: Gráfica Editora Pallotti, 2004. p. 207-217.**

VIEIRA, M. J. B. A variação das preposições em verbos de movimento - uma abordagem funcionalista. Trabalho apresentado no **V Senale - Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, 2007**, Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL, 2007.

_____. A regência de verbos de movimento: estudo variacionista. Comunicação apresentada no Grupo Temático 'Variação e mudança em morfossintaxe', no **VIII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Out.2008.

WEINER, J. & LABOV, W. Constraints on the agentless passive. In.: **Journal of Linguistics** **19**, [1977], 1983.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P. & MACKIED, Y. (eds.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97 -195.

ANEXO I
Rodada Ternária (TVARB)

Rodada ternária (TVARB)

		A	PARA	EM
Variáveis extralingüísticas				
Sexo	feminino	.299	.355	.346
	masculino	.370	.311	.320
Idade	25 a 49	.233	.407	.359
	+ de 50	.450	.258	.292
Escolaridade	primário	.269	.354	.377
	ginasial	.321	.304	.376
	colegial	.415	.333	.252
Localidade	Chapecó	.238	.330	.432
	Florianópolis	.381	.326	.294
	Blumenau	.391	.330	.279
Forma do SN	Pronome	.289	.350	.361
	Zero	.254	.376	.370
	SN Pleno	.475	.265	.260
Pessoa do Discurso	P1	.390	.290	.320
	P3	.176	.529	.295
	P4	.424	.285	.291
	P2	.366	.245	.388
(In)determinação do sujeito	+ determinado	.361	.325	.314
	- determinado	.307	.340	.353
Agentividade do sujeito	+ agente	.328	.312	.360
	- agente	.338	.355	.308
Tempo-modo Verbal				
	Pretérito Perfeito	.536	.187	.277
	Outros	.241	.338	.422
	Pretérito imperfeito	.293	.424	.284
	Presente	.282	.397	.320
Freqüência	Semelfactivo	.382	.264	.354
	Iterativo	.284	.410	.306
Aspecto	Imperfectivo	.351	.321	.328
	Perfectivo	.316	.345	.339
Demarcação	+fechado	.416	.244	.340
	-fechado	.254	.434	.311
Configuração do N locativo				
	Lugar/objeto	.197	.407	.395

	Lugar/evento	.473	.250	.278
	Lugar/espaco geog.	.520	.331	.149
	Lugar/inst.personif.	.501	.167	.333
	Lugar/instituicao	.102	.443	.455
Definitude	+definido	.418	.329	.254
	-definido	.255	.325	.420
Direcao	+direcao	.522	.198	.281
	-direcao	.182	.480	.338
Finalidade	-finalidade	.515	.222	.263
	+finalidade	.189	.440	.371
Narratividade	+narratividade	.278	.429	.294
	-narratividade	.386	.250	.365
INPUT		.032	.446	.522

ANEXO II
Resultados da correlação das variáveis 'idade' e 'escolaridade'

Correlação da variável *idade e escolaridade* sobre o uso de A x PARA/EM

Idade→	25-49		+50		Total	
	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%
Primário	10/166	6	24/135	18	34/301	11
Ginásial	26/173	15	24/187	13	50/360	14%
Colegial	17/169	10	43/127	34	60/296	20%
TOTAL	53/508	10%	91/449	20%	144/957	15%

Correlação da variável *idade e escolaridade* sobre o uso de PARA x A/EM

Idade→	25-49		+50		Total	
	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%
Primário	87/166	52	50/135	37	137/301	46%
Ginásial	71/173	41	79/187	42	150/360	42
Colegial	88/169	52	55/127	43	143/296	48%
TOTAL	246/508	48	184/449	41	430/957	45

Correlação da variável *idade e escolaridade* sobre o uso de EM x A/PARA

Idade→	25-49		+50		Total	
	Apl./total	%	Apl./total	%	Apl./total	%
Primário	69/166	42	61/135	45	130/301	43
Ginásial	76/173	44	84/187	45	160/360	44
Colegial	64/169	38	29/127	23	93/296	31
TOTAL	209/508	41	174/449	39	383/957	40